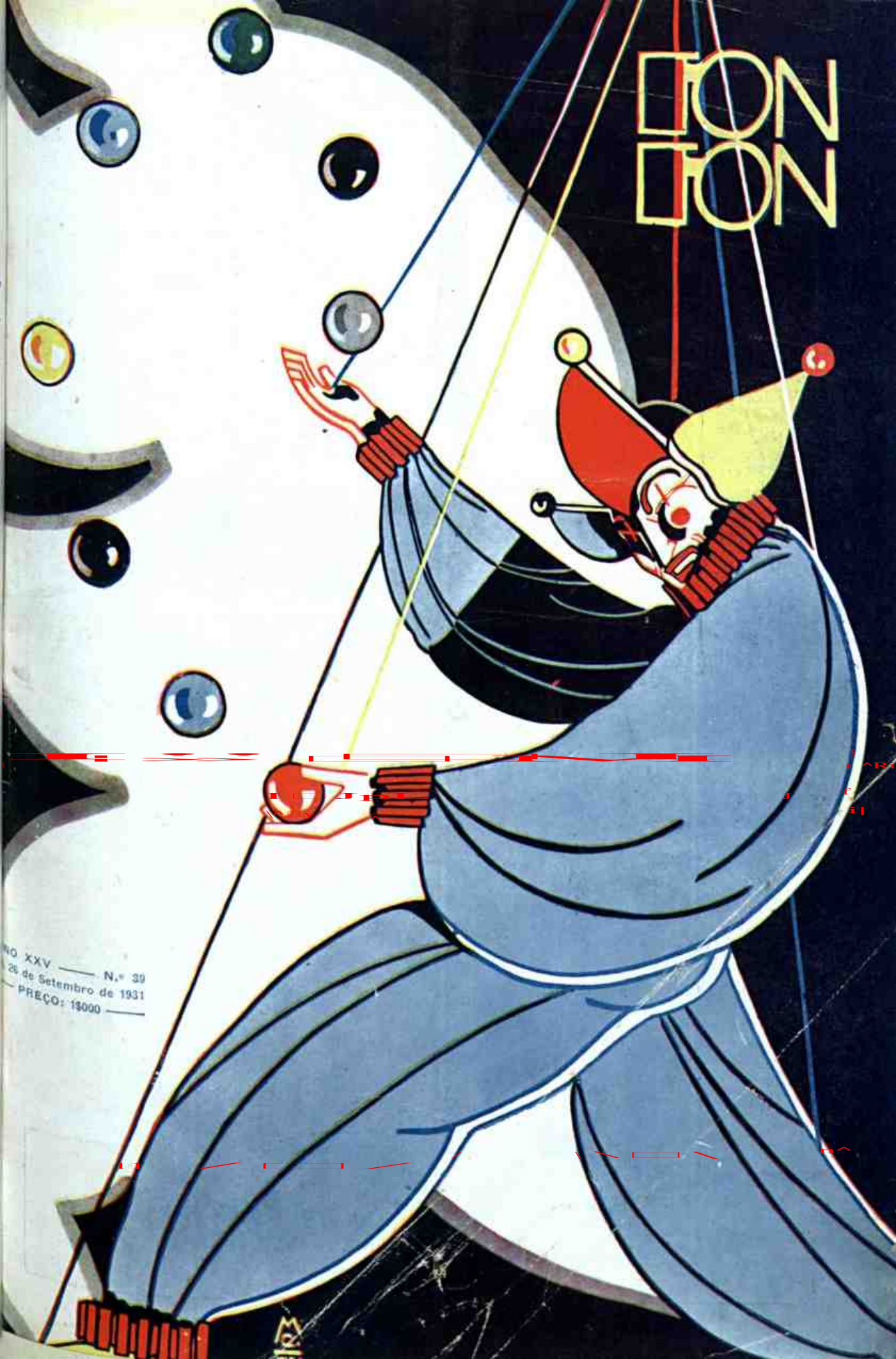
FON FON
NO XXV — N.º 39
26 de Setembro de 1931
— PREÇO: 1$000 —

VELHICE

DE GILBERTO VEIGA

NA estrada pedregosa e poeirenta, um carro de bois gemia tristemente, aos solavancos. Havia muita luz no espaço, muita vida nas coisas.

Tres homens, — os carreiros, — fustigavam de quando em quando os pachidermes pachorrentos com longos ferrões ponteagudos.

Desde que o cão-cão com o seu duo inegualavel annunciára o raiar do dia, o carro morosamente era arrastado ao longo dos caminhos, na conducção de grandes e pesados toros de madeira.

O sol, attingindo meia esphera, lhes fizéra sciencia do meio dia.

Desencangaram os bovinos á sombra de uma frondosa gameleira, começaram a mastigar o frugal almoço.

Comiam com apetite, calados.

Subito, Bié, o mais velho dentre elles, o unico que sabia lêr e escrever e que, a despeito da rusticidade do seu mistér e da sua vida, amava os livros e estudava desde moço, olhou fixamente para a matta sombria, que farfalhava ao longe como um immenso oceano de folhas, e disse, pausadamente:

— Esta vida é bem ingrata! A gente nasce como um bezerro e morre bruto. Emquanto se é moço, como vocês, ainda se tem alguma alegria na vida. Depois os annos vão chegando e a gente vae tombando para a morte, como um jacarandá que o machado corta e faz tombar para o solo que o creou. O nosso peito, quando somos novos, é como um pedaço de terra virgem: tudo que a gente planta, bróta viçoso e dá fructa. Mas, como tudo cansa, as arvores vão desapparecendo e, onde hontem existiu fartura, hoje existem urtigas e espinhos.

— Ora, tio Bié, tá vaincê falando em coisas triste! Conheço muita gente mais véia que vaincê que não pensa nisso.

— Sim, meu filho. Nem todas as cabeças pensam do mesmo modo. Isso se vê nos brutos animaes.

Repara, por exemplo, no "Malhado". Emquanto o "Azeitão" vae comendo tufos de capim macio, cheio de gulodice, elle, deitado, remóe pachorrentamente o que engulíu ha horas. Aproveita a folga para duas coisas. Faz a digestão e descança o corpo para daqui a pouco. Quando o tempo, esse velho maldito que sopra a cabeça da gente com uma poeira de farinha branca extrahida da luta e dos desenganos, salpicar os cabellos pretos de vocês, hão de sentir e de saber o que é envelhecer.

— Mas, tio Bié, meu véio avô dizia qui tudo qui nace, morre. E' a lei de Nosso Senhô Jesú Christo.

— Sim. Mas existem mortes que são verdadeiras felicidades. Que coisa mais linda do que a gente desapparecer de um momento para outro, quando tem sobre os hombros vigorosos trinta janeiros somente?! Os amigos, os parentes, todas as pessôas que nos conheciam ficam a lamentar uma morte de trinta annos. Envelhecer não é a mesma coisa. Envelhecer é contemplar hora a hora, a terra se affrouxando e se abrindo sob os nossos pés, até fazer um buraco de sete palmos. Envelhecer é presenciar o desapparecimento de tudo que mais desejamos e amamos. E' vêr, com os proprios olhos, a sepultura aberta e, lá no fundo, a cóva vazia das nossas melhores esperanças. E' enterrar antes de sepultar o corpo que nada vale, os sonhos do nosso cerebro, que são a nossa maior riqueza. E' acompanhar o amollecimento dos nervos, ter as pernas bambas e os braços sem força, o que é bem peor que morrer de um golpe!

— Eu não entendo essas coisas, tio Bié. Acho qui vaincê é bem feliz. Sua fia tá casada com um home bão e lhe deu um netinho qui dá gosto vê. Pruque vaincê offende a Deus?

— Eu não offendo a Deus, meu filho. Elle é bom, é grande, é misericordioso. Sabe perdoar as fraquezas da pobre humanidade e sabe que eu estou a dizer uma grande e dolorosa verdade. Si ainda tivesse tempo, eu lhes contaria uma historia que se passou commigo no tempo em que eu era moço, como vocês... Mas, si quizerem, vão á noite lá em casa, que eu contarei... Agora não póde ser. Está na hora de recomeçar o trabalho.

E o carro foi por alli em fóra, rangendo triste e dolorosamente, como os queixumes do velho tio Bié...

* * *

VEIU a noite. A lua, substituindo o sol, cahia branca e melancolica sobre as coisas, dando-lhes uma feição harmoniosa de amor e consôlo.

(Conclue na pag. seguinte)

Ella. — Queres que te diga a verdade? Ha duas coisas que me impedem de dansar divinamente.
Elle. — E'? E quaes são?
Ella. — Teus pés.

CAIXA DE SURPRESAS

A COR VERDE DO MAR — A côr verde do oceano nas aguas das altas latitudes septentrionaes é devida ao grande numero de medusas e outros pequenos animaes que as povoam. Estas aguas, de pronunciada coloração verde, estão saturadas desses animáculos, ao ponto de concentrarem 16 dos mesmos por centimetro quadrado, ou sejam 16 milhões por metro cubico e 47.776.000.000 por milha cubica marítima.

As sondagens feitas nos logares onde abundam esses animalitos accusam uma profundidade média de 1.600 metros.

A OBRA DOS PASSAROS — Muito se tem escripto sobre os beneficios que os passaros proporcionam á agricultura. Nada, ha, porém, tão eloquente como as cifras abaixo, para provar a utilidade dos passaros, de que os lavradores são, ás vezes, os inconscientes e crueis exterminadores, quando deveriam ser os seus melhores amigos e protectores.

Calcula-se que, em termo médio, ha dez mil ninhos por legua quadrada de terreno, e que cada ninho contem tres avesinhas além dos paes.

Cada familia de passaros precisa, aproximadamente, de uns cento e vinte insectos de qualquer natureza, para a sua alimentação.

Outro calculo demonstra que de cada ninho que prospera, paes e crias — devoram, por anno, nada menos de dez mil insectos nocivos á agricultura.

OS RELOGIOS DE MASCAGNI — O autor da "Cavallaria Rusticana" foi sempre excentrico e supersticioso. Sua crença em talismans e amuletos era enorme, a ponto de sempre andar carregado de uma porção de objectos e figas contra o feitiço e o máu olhado.

Sua paixão pelos relogios tambem era intensa: era notavel a collecção que possuia, de relogios de todos os generos. Havia-os de toda qualidade: antigos e modernos; de ouro, de prata, de nickel; desde os mais luxuosos e caros aos mais modestos e baratos. Tres, porém, desses relogios eram os seus favoritos e levava-os para onde fosse.

Um delles era um magnifico relogio de repetição, de caixa de ouro com o monogramma do compositor em pedras de brilhante. Outro era de prata e nada tinha de particular, a não ser o mostrador com 2 circulos: um marcando as horas de 1 a 12 e o outro de 13 a 24.

O terceiro era de nickel: um enorme relogio de diametro tres vezes maior que o de qualquer relogio commum. Apesar do incommodo de conduzil-o, Mascagni tinha por esse relogio especial apego e carinho porque fôra fabricado em Cerignola, logar onde o celebre maestro viveu durante muitos annos.

V E L H I C E

(Conclusão)

A' porta de uma choupana, tres homens, banhados suavemente pelos raios brancos, conversavam baixinho, como que medrosos de quebrar o silencio perfumado e profundo da natureza. Eram os carreiros. Dois quasi não falavam. Ouviam religiosamente o que lhes ia dizendo o mais velho:

— ...nesse momento eu cheguei. No terreiro, os rapazes e as moças saracoteavam no samba, ao som das violas e dos pandeiros. Em cada rosto se estampava a alegria. Todos riam e folgavam com satisfação, com prazer.

"Quando me avistaram, fizeram uma ligeira pausa e, quasi aos empurrões, me metteram na r[illegible]

"Havia nesse meio um molecote de nome Joaquim, com quem eu tinha uma rixa. Essa paz, um pouco mais moço do que eu, certa vez tivéra a triste lembrança de me roubar um amor. O meu odio, porém, não era porque elle me tivesse tomado a namorada, pois eu sem vaidade digo a vocês que essas pequeninas coisas não me chocavam. Moças não faltavam. O meu odio era porque elle me feriu o amor proprio: espalhou a sua conquista, ridicularizando-me.

"Logo que entrei no samba, ella saltou no centro da róda e, sapateando miudinho, como "corta jaca", veiu direito a mim e deu-me uma "umbigada". Tomei aquillo como uma ar-

SEARA ALHEIA

Washington

Washington foi o representante das necessidades, das idéas, das luzes, das opiniões de sua época. Secundou, em vez de contrariar, o movimento espiritual; quiz o que devêra querer — aquillo para que estava predestinado.

Dahi a coherencia e a perpetuidade de sua obra.

Esse homem que se soube conservar no seu logar confundiu sua existencia com a de seu paiz. Sua gloria é patrimonio da Civilização e sua fama ergue-se como um desses santuarios publicos de que dimanam mananciaes fecundos e inesgotaveis.

Buscai os campos de batalha onde brilhou a espada de Washington. E que encontrareis nelles?... Tumulos?... Não: um mundo.

Porque Washington, como tropheu de gloria, deixou, ahi, os Estados Unidos. — Chateaubriand.

O jardim de minha mãe

Era pequeno, pequenino, mesmo, aquelle jardim. E, no emtanto, contentava o coração de minha mãe — que, ahi, plantou as hervas necessarias e alguns legumes para o gasto de casa. Apesar disso ainda sobrou logar para as suas violetas, orelhas de urso e outras florzinhas modestas.

Como os affazeres da casa e sua alquebrada saúde lhe não permittissem longos passeios, ella respirava o ar livre indo ao seu jardimzito, assim distrahindo-se dos desgostos e trabalhos domesticos.

Parece-me vêl-a, ainda hoje, com a sua touca e o seu vestido de percal, tão modesto e tão simples como ella propria.

Agradava-me acompanhal-a nos seus passeios pelo jardim, ajudando-a na sua tarefa de fazêl-o florir.

Querido e sagrado recanto, seja qual fôr, hoje, teu amo, teu dono, bemdito sejas pela consolação e pela alegria que, tantas vezes, proporcionaste á minha mãe! — David Frederico Strauss.

Cidades e paisagens

Shrewsbury é côr de rosa e amarello pallido. Dir-se-ia que conserva estes matizes suaves para não se tornar muito visivel na delicadeza da paisagem.

Chester é preta, vermelha e amarella: — tem as côres do Santo Imperio, porém o preto estendeu-se sobre o amarello e este sobre o vermelho. Chester recorda uma obra talhada em madeira, finamente trabalhada, com a ajuda do tempo.

Wells estende-se ao longo da campina como um tapete deante da sua cathedral. Balcões floridos, ruas estreitas, casas baixas. E' o Somerset de Fielding, a paizagem limpa e pura, com seu céo do Atlantico a reflectir-se na agua plácida dos extensos *rhines*.

Isolada, no fundo do valle, no meio de seus jardins, das rinas cobertas de rosas, ergue-se a sua cathedral.

E a cathedral de Wells é o templo onde se vae dar graças a Deus pela belleza do valle... — Valery Larbaud.

---

fronte. O sangue me foi á cabeça em face de tamanha ousadia, e dei-lhe uma tremenda bofetada.

"Fechou o tempo. O moleque se "espalhou" no chão e eu tambem. Nossas pernas, ageis e fortes, subiam e desciam como cacêtadas de páo ferro. Quanto tempo durou a nossa briga, não lhes sei dizer. Sei bem que, quando me pegaram, o Joaquim estava estirado ao longo do terreiro, com os olhos fechados e a bocca aberta, por onde escorriam uns fios de sangue quente.

"Tres dias depois, soube que elle fôra enterrado. Seu corpo não aguentou as pancadas recebidas. A moça que foi a causa dessa morte procurou me attrahir. Soberbo e atrevido, repelli a semvergonha e, como vingança, me casei pouco tempo depois com a mulher que até hoje vive commigo, velhinha como eu, sempre bôa e alegre.

"Esta historia, para vocês sem importancia, para mim é de uma tristeza sem par. Faz-me lembrar a minha mocidade, que passou e que não volta mais, nunca mais! Hoje, si alguém me maltrata, desrespeitando os meus cabellos brancos, entrego o caso á justiça divina, porque já não sou mais que um "caco" que já foi vaso. Sou, apenas, a sombra do que fui. Um tôco secco, sem ramos, vivendo unicamente da raiz teimosa que fura a terra gasta: o coração!"

E, pelas faces rugosas do velho carreiro, duas lagrimas, redondas e brancas como dois aljofares aluminados pela lua, rolaram de mansinho, serenas como dois pingos enormes de orvalho contrastando numa folha glabra, silenciosamente...

O HOMEM QUE AMOU UM MANEQUIM

— Que faz esse rapaz, todas as tardes, defronte áquella vitrina? — interrogava-me a mim proprio, quando a continuidade do facto me chamou a attenção.

Effectivamente, todas as tardes, ao passar pela avenida Rio Branco, de volta do meu trabalho, via, sempre em frente á mesma vitrina e na mesma postura contemplativa, o moço pallido, de olheiras profundas. Dir-se-ia uma criação de Alvarez de Azevedo.

Nos primeiros tempos, irritou-me o caso. Depois, a curiosidade levou-me a observar o rapaz e a vitrina. Nesta havia apenas um manequim, figura de mulher bastante expressiva.

Cabellos e sobrancelhas escuras, de olhos verdes, vidrados. Busto de mulher-botão. Particularizava-lhe o rosto oval, de faces carminadas, o sorriso eternamente ironico, que lhe brincava nos labios vermelhos.

Trazia — no dia em que primeiramente a vi — um rico vestido de baile, que roçagava no assoalho polido, tornando-a mais alta e esbelta.

Nos olhos do joven, fitos no manequim-mulher, notei essa expressão inconfundivel dos apaixonados. Tal descoberta me surprehendeu. Não podia crer. Mas, depois de nova e attenta observação, conclui, não sem pasmo, que era de enlevo aquelle olhar.

O moço — chamava-lhe eu o Sombra — fitava com insistente ternura óra os olhos verdes, immoveis, óra os labios vermelhos e, raras vezes, os seios, redondos e pequenos.

De tempos a tempos, rodava sobre os calcanhares, assobiando com ar despreoccupado e, de relance, verificava si estava sendo notado. Nesses momentos, eu lhe voltava as costas, tirava do bolso o relogio, consultava, com fingida impaciencia, as horas, como si esperasse alguem que tardava. Elle, nada percebendo de extraordinario, tornava á posição primitiva.

A's vezes, afigurava-se-me vel-o falar ao manequim. Fazia-lhe, certamente, uma declaração de amor. E uma tarde surprehendi-lhe um gesto de quem vae ajoelhar-se. Em tempo, comprehendeu a loucura que commetteria. Então, uniu as mãos e ergueu-as, furtivamente, á medida, em attitude de prece. A alma cahira-lhe de joelhos.

Certa tarde, o Sombra faltou á entrevista. Admirei-me. Aguardei alguns longos minutos, na esperança de que apparecesse. Um atraso era admissivel, posto que duvidoso. Não veiu. Olhei para a vitrina. Lá estava o manequim, que, trazia não já o vestido de baile, mas um de passeio, muito gracioso.

Não tornei a avistar o Sombra nos dias que se seguiram. Trinta eram já decorridos, quando, de passagem pela casa commercial a que pertencia a dita vitrina e, consequentemente, o manequim adorado, me occorreu que necessitava fazer uma compra. Entrei no estabelecimento. Um caixeiro attendeu-me. E nelle reconheci, surpreso, o Sombra. Nos labios tinha o sorriso de vencedor. Os olhos, porém, eram os mesmos, fundos e vagos. O gesto era-lhe machinal; a voz amortecida. Comprei-lhe não sei que e, ao transpôr a porta do estabelecimento, levava commigo um pequeno embrulho e a firme resolução de conhecer a historia do Sombra.

Tornei, muitas vezes, á casa commercial, sob qualquer pretexto e depois, sem pretexto algum. Consegui captivar o Sombra, que me disse chamar-se Jeremias. Empreguei, para esse fim, toda a minha labia e usei de uma diplomacia que faria inveja a um membro de embaixada. E um dia...

Conversavamos. Falavamos de mulheres. Elle quasi não dizia nada; limitava-se a sorrir, desdenhosamente, fitando com insistencia uma bola de oxygenio suspensa no espaço por um fino cordel.

Conto de José Maria Senna

De subito, Jeremias — o Sombra — apanhou um alfinete e disse-me:

— A mulher é como essa bola: muito isto, muito aquillo emquanto não tocamos... Basta, porém...

Espetou o alfinete na bola. Esta estourou e encolheu-se toda.

— Assim é a mulher. Criamol-a com o oxygenio de nossa imaginação. Tocamol-a... Pum! Murchou o enthusiasmo.

Arrisquei:

— E foi por isso talvez que você passou a amar os manequins...

Jeremias corou fortemente. Fitou-me esgazeado, e tartamudeou:

— Não o comprehendo!

Insisti:

— Ou não quer comprehender! Diga-me: Que fazia você todas as tardes em frente dessa vitrina, a fitar, a falar áquelle manequim?

— Como sabe?

— Sei. Vamos! Conte-me a sua historia. Deve ser interessante.

O Sombra ficou um instante pensativo. Depois, fitou-me, inquiridor. Não pestanejei.

Um cliente entrou. Elle foi attendel-o. Despachado o freguez, tornou a mim, e falou:

— Você não se rirá, não é?

— Rir, eu?!... — exclamei, theatralmente.

— Então, escute-me: Fui sempre um mulherengo. Um rabo de saia attrahia-me, entontecia-me, como a luz á mariposa. Conheci o amor sob todas as fórmas e nas suas tres phases: poesia, repouso e tedio. Fui Pierrot e fui Arlequim. Tive em meus braços louras e morenas; mulatas e até crioulas. E sempre ficava insatisfeito, enojado de mim proprio e de todas as mulheres.

"Resolvi, então, crear para eu só uma mulher. Uma mulher que não tivesse as fraquezas physicas e moraes das outras mulheres. Si fosse esculptor, teria esculpido no marmore as fórmas impeccaveis da que seria eternamente minha. Não era. Não sou. Uma bella tarde, vim ter á porta desta casa. Casualmente olhei para o manequim-mulher. Tive a impressão de que "ella" era mulher-manequim e que me sorria e que os seus olhos verdes me promettiam muito. Data dahi o meu amor. Considerei-a, depois, manequim-mulher, e foi sob esta fórma que mais a amei. Não me traria, como as outras, o tedio. Nunca fui tão feliz. Mas... O homem, meu caro, não se contenta com pouco... A minha imaginação começou a trabalhar. Já me não bastava vel-a através da vitrina. Queria mais... Quero sentir a sensação unica de collar os meus naquelles labios, que calculo frios e deliciosos como um sorvete..."

Os olhos de Jeremias brilhavam, agora, como brazas adormecidas entre cinzas. Abaixou-os, envergonhado de ter adeantado tanto.

Interroguei:

— E foi para isto...?

— Sim. Arranjei o emprego. Ha quarenta e cinco dias que espero o momento ansiado. Sou o primeiro a chegar na loja. Subo á vitrina, cujas cortinas de aço estão descidas do lado de fóra, e acaricio-lhe longamente, amorosamente, os braços frios, o rosto, os seios... E fico, minutos, com os labios suspensos sobre os de "della", que sorriem. Recúo. Não colho o beijo ambicionado. Excito, com a espera, o meu desejo.

O gerente aproximava-se. Despedi-me de Jeremias e sahi.

Voltei na semana seguinte. Procurei-o. Não estava. Um outro caixeiro informou-me que elle se retirára da casa. Não me disse o motivo; nem eu lh'o perguntei. Na rua olhei para a vitrina. Lá estava um manequim. Não era, porém, o que conhecia. Presumi o que acontecera. Dias depois, Jeremias contou-me, á mesa de um café, onde o encontrára bebendo genebra, o que já adivinhára.

Beijára os labios desejados. Não se satisfez. Foi além... O vestido ao cahir, revelou-lhe que "ella" era apenas um manequim...

OS TRES TEMPOS DA SONATA...

musica era o seu supremo anseio. Della recebia, inebriada, os suaves ensinamentos com que se deliciava a sua alma sensibilizada. Della lhe vinham as doze taboas da sua vida simples e feliz. Vivia a garimpar nos arcanos do Som, como quem procura alguem que o conheceu criança, para recordar as sensações passadas, como quem recolhe a fragmentação dispersa de si mesmo — brilhantes soltos do collar que se desfiou e que não se concatena mais...

A Musica era lhe eternamente volúvel. Constantemente variando de fórma, ella mostrava-se inquieta com a immobilidade como quem se enfastia deante de manso regato, pela invariabilidade do seu correr, sempre saltando os mesmos obstaculos, e levantando a mesma espuma. Ella, impacientada, desafiava as notas, como quem atira pedras ao regato, na esperança de ver surgir novas rugas em novos pontos...

E assim afastava a Dôr. A Dôr é immutavel, e chora dolorosamente dentro de quem soffre, com a mesma invariabilidade do manso regato. E' quando, então, num grito de impaciencia, abalamos os ares, necessitados de interromper com som mais alto a monotonia acabrunhadora do eterno som...

Foi num concerto que Kylda sentiu a caricia velada de uns olhos que a procuravam. Por um mysterioso phenomeno de telepathia, sua alma, inebriada pela melodia que lhe transmittiam os sentidos, deteve-se um instante no seu arrebatamento e ouviu a musica silenciosa do bater de um coração.

Um casal afamado interpretava um bailado classico, em que a dança lhes dava a plastica de uma unidade electrizante, mãos enlaçadas, boccas unidas. Separavam-se. Mas, em seguida, elle a enlaçava com calor, incendido pelo negaceio suave da bailarina. E eis que ella se chega a elle, e aperta com vigor o braço masculo, e, em colleios serpentinos, se roça, e um peito se conchega, ansioso, a outro peito. Representam, no baile, duas harmonias do movimento, que se fundem. Corporizam o som. A musica desperta idéas, e elles, inebriados, dão fórma a essas idéas. E' a arte completa. E o piano magistral, incita-os numa polyphonia apaixonada, ora estrepitando agudo, metallico, ora ensurdecendo, em modulações mansissimas, como em aconchegos macios das convulsões finaes. O som morrente desce, num torpor espasmodico, pelas cordas metallicas. Acaba em pianissimo. Mas revive, agita-se, implora, quer, balbucia, numa surdina humillima, commovente, que finaliza em gemido canoro, num suspiro de emoção. Allucina-se em escalas, dulcifica-se, acaricioso, dolorido. E as boccas aconchegam-se, febris, mas, repentinamente, os bailarinos se desprendem, ao brado rouco do piano, e cada qual dá passos compassados, vagarosos, nostalgicos. E o piano, desesperado, ri, gargalha, estridula, apupa, em notas soltas...

E o casal afamado dança, ora enlaçado, ora isolado, num constante avançar ou recuar cadenciado de esperança e decepção. E, immovel, enciumado, o piano delira, freme, treme em vibrações agudas, grita convulso, desvaira, murmura, geme, soluça, soluça e morre...

E mezes depois Kilda, ouvindo dançar-lhe no cerebro as notas suaves da "Marcha Nupcial" que ella, tanta vez, por entre vehementes applausos, executára, entregou o seu harmonioso coração ás mãos mundanas de Mario de Macedo e Silva. E na grande nave, engalanada para seus grandes dias, alinhavam-se, empós os galantes noivos, dezenas de corações, onde se arrumavam as esperanças e as desillusões, tão encostadas umas ás outras, que o menor sôpro faria com que tombassem por terra. E começaram a escassear os deliciosos serões familiares onde a joven "virtuose" executava, mansa e languidamente, os preludios entorpecentes e os nocturnos meditativos. Tocavam-lhe as cordas sensiveis da alma inebriada os dedos delicados de um homem affeito ás grandes conquistas femininas. Conquistar uma artista é mais difficil do que conquistar-se uma mulher. E Mario de Macedo e Silva tinha sabido ser artista e poeta antes de ser homem, tinha vencido a alma antes de vencer o corpo. E, nas noites suaves de inverno interior, era-lhes delicioso o formoso "tête-a-tête" com o custoso piano, quando mais e mais se animava a alma da artista.

CONFIDÊNCIA

Não insistas demais sobre o romance
que, uma noite, nós dois elaborámos;
é preciso que o cerebro descanse
para vermos o fel do que sonhámos.

Por que tremes, assim? Tudo delira,
sente comnosco e pulsa a Natureza...
— Nosso sonho é o presente da mentira
e a Illusão punge mais do que a certeza!

De olhos cerrados para o mundo fóra,
deixa a brisa falar aos teus ouvidos
que toda a orchestração que escuto, agora
é a voz atormentada dos sentidos.

Si a paizagem te attrae, si te fascina
o cansaço da luz crepuscular,
crê que eu me abysmo todo na retina
tantalizado pelo teu olhar!

Mas não faças que seja fugidio
esse momento de felicidade...
— o coração que ama, sente frio,
quando chega o minuto da Saudade!

PAULA CHAVES

Por Lauro Mendes

tindo todo o encantamento do deslumbramento, que cansava áquella alma sua irmã...

Fecháram-lhes a Natureza os laços do eterno triangulo, enviando-lhes Deus uma filha. Mas, si a Musica era o supremo anseio de Kylda, a filha era o supremo anseio de Mario de Macedo e Silva. E, contra as suas proprias esperanças, Kylda não sentiu dentro de si a mesma vibração intensa das outras mães. Em nada se modificaram os seus habitos de artista. Não lhe comoveram o coração os vagidos, insonoros, mas suaves pela materialidade de um sonho corporificado, com que gemia no galante berço a filhinha recem-vinda. A incomparavel harmonia da Maternidade era-lhe menos suave do que a Harmonia dos sons. E a artista sentia augmentar, dia a dia, o seu deslumbramento pela Arte, maravilhosa Circe que a enfeitiçava. Kylda isolava-se durante quasi todo o dia, a sós com o piano, em confidencias intimas que chegavam ao auge de incommodar áquelles que a applaudiam com frenesi nos deliciosos serões familiares de antigamente. Irmanada com o seu grande Sonho, nem mesmo se apercebeu da filha, graciosamente desenvolvida sem carinhos maternaes, entregue aos cuidados solicitos de uma fiel serva.

Martha — assim chamava-se a filha do casal — representava, na vida, o mais grandioso emprehendimento de Mario de Macedo e Silva. Concentrava nella todas as esperanças de um risonho futuro. E o outr'ora incorrigivel mundano, o incansavel "causeur" das rodas chics da capital era, agora, o burguez pacato que sahia, orgulhosamente occupado, levando nos braços a interessante filha, para distrahil-a e divertil-a.

E foi quando começou a desdita de uma existencia encetada sob tão risonhas promessas, quando começaram a apparecer os primeiros espinhos de um caminho onde apenas se alinhavam corações plenos de esperanças. Mario de Macedo e Silva começou a verberar e censurar a esposa pelo absoluto desprendimento com que abandonava os entes que lhe eram mais caros. Ainda assim, delicado e subtil em suas considerações, não procurou dar a entender que considerava a sua Arte o empecilho de uma Felicidade que poderiam ter. Receiava, assim, desinteressar Kylda de sua Arte, receiava ver fugir a gamma de sentimentos concatenados no formoso talento da esposa. E, por artes magicas de delicadeza e ternura, reinava uma apparente felicidade no lar de Kylda de Macedo e Silva, a magistral executante da deliciosa "Marcha Nupcial" tanta vez ouvida, nas noites hibernaes do Rio, por entre o silencio enervante das grandes expectativas, e o suave e compassado bater dos corações que recordam...

E foi tão grande a allucinação da artista, que o desvairo de Mario de Macedo attingiu ao auge. Quando, naquella tarde, o poeta chegou ao lar, soube que a filha, doente, fôra mandada para a casa de uma tia, com a creada, para ser tratada. E, emquanto isto espantosamente se passava, a artista, sentada ao piano, num dos seus grandes recolhimentos, executava, ao piano, a sonata "Ao Luar", de Beethoven. E, ensimesmada no seu encantamento interior, Kylda de Macedo e Silva não percebeu o desespero do poeta, que lhe verberava o cruel procedimento de mãe insensata, toda entregue a um Sonho, em detrimento da conservação de um outro Sonho, corporificado e vivo. E só despertou de seu extase quando o marido, arrebatado pela colera, a empurrou bruscamente da banqueta do piano. Acabára, naquelle justo momento, de fazer vibrar a ultima nota do primeiro tempo da celebre sonata. E, semi-inconsciente, sentiu que lhe faltavam as forças, em virtude do tombo que levára com o empurrão do marido. Mas não lhe aflorou aos labios nenhum impeto de revolta. Apenas, sentindo-se desmaiar, poude ainda balbuciar, já nos braços musculosos que a sustinham:

— E' este... o primeiro tempo... da... sonata...

Realmente, de sua vida, por uma curiosa coincidencia, encerrava-se daquella maneira o primeiro cyclo...

Como os dançarinos que ambos haviam visto, isolaram-se, definitivamente. Vivendo no mesmo lar, elles apenas se cumprimentavam cordealmente. E, innocentemente, a filhinha em vão procurava, na sua inconsciencia, aproximar as

(Conclue na pagina seguinte)

CAIXOTEIRO FUNEBRE

"Os enterros custam os olhos da cara..."

Armas a tenda funebre... Na porta,
Miniaturas de esquifes dependuras
Como a lembrar que é ali que a gente morta
Procura o leito para as sepulturas.

Da alheia dôr, que a estranhos pouco importa,
Canta o martello as penas e as agruras.
Movido o pulso que o levanta e o exhorta
A cumprir a missão sem crispaduras...

Has de um dia tambem — mortal vivente —
A cantar, satisfeito e indifferente,
Dar martelladas sobre o esquife meu!

Mas... a lei é fatal por toda parte:
— Outro ha de o mesmo leito fabricar-te
Com a volupia onzenaria de um judeu...

LEDRO NUNES

duas almas. Kylda de Macedo não houvéra sentido a dôr physica. Do doloroso accidente ficára-lhe partido um braço. A tipoia em que apoiava o braço seriamente enfermo apenas representada para ella um estorvo, mas não como um obstáculo que a impedisse de abraçar os entes caros. Sua unica dôr era não poder confiar suas magoas ao seu piano. E verificando que nem mesmo assim terminára a já maníaca obcessão da esposa, Mario de Macedo e Silva tomára por capricho a sua cura pelo silencio. E, refreando dentro do peito os tumultuosos desejos de moço, uma amalgama de arrependimento e de revolta, elle calcou no seu intimo as suas mais doces illusões, e nem mesmo o braço enfermo de Kylda, enfermidade de que elle fôra causador, lhe conseguia dulcificar o coração, revestido, por via das circumstancias, de consistente crosta de capricho e vontade ferrea de refazer a felicidade perdida.

E, como para amenizar o ambiente hostil que reinava no antigamente tão doce lar, entrou na vida de Kylda de Macedo a figura insinuante do medico de seu pae. A pretexto, aliás justificado, de curar o braço partido da enferma, o dr. Raul Mendonça fez daquellas visitas quotidianas o seu suave sacerdocio. Cortez, maneiroso, tinha com a doente cuidados perigosamente ternos, que a enlevavam sobremaneira, e punham inquieto o descuidado marido, que tudo observava. Mas elle não era mais que um medico, e ali estava procurando corrigir uma imperfeição que elle, Mario de Macedo, havia causado. A qualquer momento que a sua cólera explodisse, ouviria, como si um latego lhe fustigasse o rosto, a voz vibrante da esposa, verberando-lhe o "procedimento covarde". E, agrilhoado pela sua propria ira, preferia ensimesmar-se em seu capricho, em vez de procurar partir as algemas, rompendo a prisão de que era voluntario galé.

Como um subtilissimo cumplice, o Destino ia tecendo a vida. O braço partido da moça com que se comprazia em demorar a cura, e as circumstancias pediam, mais do que nunca, a presença na casa do joven esculapio. E qualquer motivo era pretexto de uma visita do medico, que se apresentava, pressuroso, como a serpe que se insinúa, maneirosa, para inocular o veneno. O dr. Raul Mendonça passou a fazer as visitas mais amiude. Uma enfermidade subita da filha do casal reclamava a presença do medico com mais frequencia, e, dedicado ao seu sacer-

OS TRES TEMPOS DA SONATA...

(Conclusão)

---

docio, sentia o clinico que era bem outro o "iman" que o attrahia áquella casa. Aquella esposa caprichosa que elle soubéra encantar com sua prosa suave e seductora tomára agora conta do seu coração, inundando-lhe a alma de um angustioso desejo de ser feliz como aquelle marido a quem a Felicidade acenava tão de perto que quasi lhe roçava no rosto os labios quentes. E lamentava que Mario de Macedo, tão agarrado ao seu capricho, não quizesse fazer feliz, novamente, a sua querida enferma.

Mas a enfermidade cedeu. Soldado o osso partido, urgia que fosse retirado o apparelho. Ainda assim, como que numa occulta cumplicidade muda, a artista, temerosa de que terminassem, abruptamente, as relações tão suavemente encetadas, ainda accusava certas dôres no braço enfermo. Parecia que nem mesmo desejava tel-o outra vez, livre, para voltar ao seu piano, que jazia, mudo e absorto, no canto da sala escura. Mas, uma tarde bella e primaveril, o medico retirou o apparelho. E, silenciosos os dois, contemplavam, embevecidos, o pretexto que os mantivéra durante todo aquelle tempo unidos, como que soffreando no peito os impulsos e os desejos que não se ousavam confiar. E foi o medico quem quebrou o silencio, não podendo prever que iria assim precipitar os acontecimentos, e cavar a sua propria desdita. Vendo-lhe livre o formoso braço, convidou-a a tocar alguma coisa, pois tinha ouvido dizer maravilhas de sua arte. Renasceu na artista o vehemente desejo de reconstituir o sonho. E, fazendo do clinico apalermado confidente, contou-lhe a historia do braço partido, relatou-lhe a cólera do marido e a razão do indifferentismo com que se tratavam, e disse-lhe, então, que iria executar o segundo tempo da celebre Sonata, tão bruscamente interrompida. E pela sala tanto tempo viuva de tão harmoniosos sons repassaram novamente as harmonias deliciosas que eram todo o seu encanto. E o formoso piano, tão deliciosamente desperto, exhalou em sons a sua alma esquisita, "[illegible] dos frios dedos lucidos de Venus que das mãos magneticas tocado", como exprime o poeta. E, silencioso, ouvindo os accordes entontecedores da sonata,

o medico rememorava os momentos que passára no delicioso convivio e na incognita que representava a sua vida de conquistador. Sente que vae extravasar os sentimentos que lhe tumultuam no cerebro. Sente que ama aquella mulher, que a paixão, ha tanto tempo sopitada no coração, está prestes a declarar-se. E, aproveitando-se do deslumbramento que envolvia a alma da artista, tanto tempo separada do seu idolo, depõe suave e carinhoso beijo na alva espadua de sua cliente.

Sóa, vibrante, nervosa, desesperada, a ultima nota do segundo tempo da celebre sonata. Salta espavorida, a artista. Tinge-lhe as faces vivo rubor, e ella não corresponde ao impetuoso carinho. Perto delles, innocente testemunha do impensado gesto, está Martha, a filhinha de Kylda de Macedo e Silva. Foi a sua salvação o galho protector que lhe estendeu o braço carinhoso á beira do abysmo. E a artista recompõe-se; reclama, com impeto, a presença de todas as energias do seu ser; luta, debate-se, vê o seu passado e o seu futuro; e sente, pela primeira vez, tocarem-lhe a alma as notas suaves da adoravel melodia. Xtem-na sentada nos joelhos; é mãe, verdadeiramente, pela primeira vez. E serena, altiva, magistralmente virtuosa, indica ao medico o caminho a seguir. E não poude começar o terceiro tempo da celebre sonata, tomada de crise violenta mas confortadora de lagrimas. Salvara-a o amor confidente. Emquanto executava, sentia virem a si todas as energias com que lutára contra o arrebatamento que já a enlevava. Mas, si não poude encetar o terceiro tempo da celebre peça musical, deu inicio, sem o saber, ao segundo e ultimo cyclo de sua vida...

Um bojudo "Cap" corta as aguas silenciosamente, fitando, com os orifícios de sua enorme carcassa, a lua pensativa, que dorme no firmamento. Na sala de musica, enlevados, enlaçados, irmanados, novamente entregues a delicioso lethargo, dois entes procuram na musica o supremo encantamento das coisas terrenas. Um, o poeta Mario de Macedo e Silva. Outro Kylda de Macedo e Silva, a grande artista, em busca de idéas novas no velho Continente. E um aristocratico piano estremecia de prazer, lançando aos ares as notas suaves e harmoniosas do terceiro tempo da celebre sonata, sob tão curiosas circumstancias duas vezes interrompida...

N O S T A L G I A

.. ..

PASSARAM-SE os minutos, depois as horas. Vamos encontrar, agora, o amante constrangido, mergulhado na poltrona de couro verdoenga, emquanto, sobre a secretária, ha um tumulto de papeis amarrotados ao lado da caneta de ebonite atirada para um maço de jornaes. Corrêra-lhe pela mente o succeder de scenas que se haviam desenrolado desde a frivola discussão no *fumoir*.

No fundo, elle havia sido um grandissimo estupido.

Ergueu-se. Correu uma gaveta da secretária e retirou, dentre uma multidão de objectos diversos, uma pequena caixinha de chifre com obturador de ouro: abriu-a. Havia lá um pó branco e quasi brilhante, como porcelana. Tomou um pouco com a unha do minimo, fechou a caixa, fechou a gaveta, fechou uma narina e sorveu-o violentamente pela outra. Dirigiu-se para os lados da cama onde Betty acabára por adormecer. No soalho, estendia-se uma grande pelle felpuda côr de chá. Teve uma sensação de frio na mucosa sensitiva e uma confusão no cerebro: rolou pesadamente sobre o tapete.

Pouco a pouco, os effluvios do ypadú subiam-lhe subtilmente á cabeça. Passou-lhe um longo zumbido pelos ouvidos; sentia o sangue correr-lhe em tumulto pelas veias, uma ligeira frialdade na planta dos pés e o tic-tac continuo de relogio que o coração lhe fazia no peito. Ao lado, pendia, como uma açucena reclinada, a mão de de Betty, tocando a pellucia do tapete com as unhas de um esmalte avelludado. Roçou os labios por ella.

Um esboço, desenhou-se-lhe na imaginação. Depois tomou traços sensiveis, côres caprichosas: viu uma serrania muito alta e muito verde entre o azul do céo tropical e o espelho crystalino duma larga enseada esverdeada. Voou em extase até a patria distante.

Sentiu-se pairando sobre a majestosa Guanabara, emquanto o sol rolava para o poente, ensanguentado e violaceo como um tumôr no céo. Despenhava-se da altura: agora era uma selva majestosa que floria sob elle. Cahiu. Mas não de leve como uma pluma que o vento abandonou no alto. Uma cascata rolava alli perto, num queixume dulcissimo de violino. Os filetes d'agua que lacrimejavam multiplicavam o espectro do sol em fulgurações de pedrarias. E eram frios, frios e refrescantes como os ventos do mar na orla da bahia...

Agora a cascata avançava para elle, molhava a sua inconsistencia de sonho, envolvia-o todo em seus tentáculos fluidos de crystal liquido. Um lençol verde de limo, macio como velludo, vestia a rocha de granito negro e polido... Estendeu-se sobre elle, á sombra frondescente das trepadeiras...

Reviu em seguida os campos de sua infancia, a fazenda rustica e colonial, em meio dos cafesaes de um verde terra, gottejando o sangue dos fructos abundantes. E a estrada barrenta, lascada de luz, lascada de carreiros e das rodas pesadas dos carros de boi gemendo, longe, na raiz da cordilheira pela derrota do sol. E a vida, a vida que passava ante seus olhos, desde a infancia aventureira á mocidade louca e desabrida...

Cahiu a noite. O cafesal, agora, era como um grande véo escuro na terra arroxeada. Uma filigrana de phosphoro refulgiu no pincaro dos montes. O crescente rasgava o céo povoado de estrellas, e banhava com lagrimas de prata o sudario da terra silente e mysteriosa. O céo tornava a ser azul ante o luar, de um azul pallido, quasi sombrio. Sua silhueta, — Paulo via-se retratado em escuro na amplidão do firmamento, pairando sobre a natureza adormecida — bolando pelo espaço, cruel: ficava-se longe no Cruzeiro do Sul. O casario da fazenda, illuminado, lembrava, do alto, fragmento de brazeiro esparsos pelo chão...

:: O QUE SE

A FIXAÇÃO DO AZOUGUE

Segundo os velhos manuaes de chimica, somente o azougue servia para moderar as attracções demasiado energicas do oxygenio. Este erro foi rectificado, porém, depois das investigações do physico e chimico hollandez Van't Hoff (1852-1911), uma das principaes glorias da sciencia contemporanea. Desse tempo para cá, as indagações theoricas foram ricas em applicações praticas.

Materias côrantes, perfumes, productos pharmaceuticos são os principaes elementos naturaes que os chimicos reproduzem artificialmente, ao mesmo tempo que fabricam innumeras outras especies inexistentes até agora.

GIBBS E A AVIAÇÃO

O grande e modesto sabio americano, que foi Gibbs, morreu quasi ignorado. Só alguns privilegiados conheciam a sua obra.

Apesar da sua apparente homogeneidade, as uniões metallicas são corpos extremamente complexos, cujo conhecimento se deve ao trabalho feito nestes ultimos vinte ou trinta annos. E, graças aos estudos de Gibbs sobre o equilibrio das substancias heterogeneas, e, especial-

De Osorio de Andrade

E, no sonho, leve como um véo de fumo que o vento impelle, elle rolava espaço em fóra, docemente.

Na ravina sombria, nodoas escuras moviam-se com lentidão: era o gado estafado e manso, em busca de pousada.

Estava quasi junto ao chão. Estendeu, mesmo, as mãos ansiosas por tocar a terra bemdita e miraculosa de sua infancia, soffrego e desamparado no ar. Mas a brisa refrescava, e arrastou-o, insensivelmente, para longe, muito longe, por cima de serranias e de campos, onde outras estrellas brilhavam, como pelas janellas illuminadas dos ranchos campesinos.

Ouvia já, na distancia, o ruido do mar sereno e todo avelludado de prata ao halo subtilissimo do crescente...

. . . .

Raiava o dia. Pareceu-lhe estar sobre um leito de algas sedosas e fluctuantes. Uma coisa qualquer rendilhada como uma grinalda, roçava-lhe a face. Bateram á porta. Accordou de uma vez sobre o tapete côr de chá. A fimbria de um lençol brincava-lhe no rosto; olhou o leito: ninguem.

— Entre! murmurou.

Um *groom* de libré agaloada torceu a aldraba da porta.

— A senhora manda saber si desce para almoçar.

— Em que mez estamos? — perguntou Paulo, como si não o ouvisse.

— Em abril...

E o *groom* arregalou os olhos, com espanto.

— Dia?

— Domingo, seis.

— Horas?

— Dez e meia.

— Está bem. Nesse caso, só dormi oito horas. Póde ir. Descerei já.

* * *

Como era de costume, nos dias calmos, almoçava-se na *terrasse* que ladeava o predio, á direita.

Ao descer, Paulo encontrou Betty no vestiario. Sorria com o seu melhor sorriso. E, tomando-lhe o braço, infantilmente:

— Bom dia, dorminhoco!

— Bom dia...

Paulo cumprimentou-a entre sécco e desconfiado. Restos da tempestade da vespera. Entretanto, no *hall* deserto, parados e muito unidos, teve impetos de apertál-a de encontro ao peito, dentro do vestido azul de sêda que o branco pallido da blusa de mangas largas e compridas realçava. Violenta e amorosamente colheu á flôr dos labios o sorriso que Betty fazia desabrochar, abraçando-lhe a cintura delicada como o calix das gardenias.

— *My Betty! I love you!...*

E, depois, numa ternura de irmão:

— Sabes? Sonhei a noite toda com o Brasil. Queres voltar comigo ao Rio?

— Até onde quizeres, Paulo.

Os loiros cabellos esparsos emmolduravam-lhe a face languida e apaixonada, onde os lindos olhos claros eram como dois lagos crystallinos, e o crepusculo sangrento dos labios de sêda se entreabria como um estojo de porcellana cheio de pedacinhos de luar.

Recostava, feliz a cabeça ao hombro de Paulo que, deslizando os dedos pela nuca, lhe beijava de quando em quando os cabellos.

Resoaram passos na escada: afastaram-se discretamente. Um creado descia gravemente, varrendo para os cantos, com o pé, uma ou outra ponta de cigarro atirada por alli. Paulo, chamando-o, pediu-lhe que estabelecesse ligação telephonica com a *Royal-Mail-England-America*. Feito isto, approximou-se do apparelho e informou-se da primeira viagem ao Brasil. E, voltando-se para Betty:

— Partirá amanhã o *Saladino*. Mandei reservar dois beliches a bordo...

(Do romance em preparo — "Betty")

DEVE SABER

mente, á sua celebre regra das phases, chegou-se a reconhecer nas uniões a presença de corpos simples, de compostos definidos, de soluções solidas e de misturas eutéticas, formadas estas ultimas pela justaposição de diversas especies de crystaes muito finos; poude-se precisar, tambem, suas principaes propriedades, resistencia, plasticidade, fragilidade, fucibilidade...

As uniões metallicas têm uma grande importancia em todos os ramos da industria. Seu estudo exerceu uma influencia preponderante na acquisição, não só pela qualidade do material que lhe trouxe, como pelas ferramentas especiaes para trabalhál-o.

KÉKULÉ E OS PRODUCTOS AROMATICOS

A chimica organica comprehende dois ramos principaes: a serie substancial e a serie aromatica. Esta, mais interessante, sob o ponto de vista synthetico, se deve aos estudos dos derivados da benzina. A constituição molecular da benzina, o estudo de seus atomos de carvão e hydrogenio, etc., é obra do grande chimico allemão Frederico Augusto Kékulé (1829-1896).

O FEMINISMO E A MULHER

"Em todas as épocas e em todos os paizes, o mais feliz é aquelle que póde, com mais liberdade, expandir os seus instinctos" — escreveu Gina Lombroso.

O instincto da mulher é o lar, a familia. O amor é a sua missão, a sua funcção a maternidade. Emquanto realiza aquella missão e exerce essa funcção, ella é feliz. E é feliz porque encontra a harmonia, o equilibrio e a homogeneidade de que carece para a felicidade mesmo e até numa vida monotona e dolorosa. Porque até no soffrimento a gente póde ser feliz. Felicidade não é prazer.

O feminismo reclama para a mulher direitos que lhe não convém biologica, physiologica e morphologicamente.

Como bem diz Marañon, a natureza marca, com uma limpidez acima da opinião dos homens, esta divisão na actividade social dos dois sexos.

Só accidentalmente póde a mulher realizar tudo aquillo de que é capaz o homem. Bastar-lhe-á desprender-se do sagrado obstaculo que a retarda no seu desenvolvimento morphogenetico para poder seguir o mesmo caminho que elle. Por isso, a mulher sem filhos ou a que já os deixou de ter póde levar ao fim, no sentido normal, actividades semelhantes ás masculinas.

"Pero esto es excepcional. La mujer de tipo sexual médio, y en condiciones sociales normales, es madre por virtud de su esencia feminina." (1)

Como consequencia, é a mulher dotada de menor solidez do apparelho locomotor, de menor resistencia para a impulsão motora activa e maior resistencia passiva, possuindo ainda o homem maior aptidão abstractiva e creadora.

Não ha duvida de que o cerebro da mulher possue as mesmas possibilidades de aperfeiçoamento que o cerebro do homem.

Entretanto, a missão intransferivel da maternidade créa um desvio em sentido collateral, desvio de seu progresso, desvio de que só se hão de libertar as mulheres que não forem mães. Essas, porém,

— Não interrompas, papae. Affonso está lendo um dos seus "Vôos de Fantasia".
— Bem; terá então que fazer uma aterrissagem forçada...

(1) Marañon.

De Regina Rizieri

não poderão transmittil-o nem aperfeiçoal-o pela herança.

"La mujer — diz Marañon — encuentra el tope de la maternidad, que se opone a su progreso o el de la infecundidad, que se opone a la transmisión de su progreso."

O divorcio é uma medida muito humana e talvez muito necessaria, mas com restricções. E' verdade que as victimas do casamento indissoluvel tambem o seriam do casamento soluvel. As creaturas excessivamente bôas e ingenuas são, em geral, victimas, não do casamento indissoluvel, mas de suas proprias illusões e de seus instinctos altruisticos.

Casadas ou não, ellas seriam sempre victimas, pois é lei do mundo abusar de quem se não sabe defender.

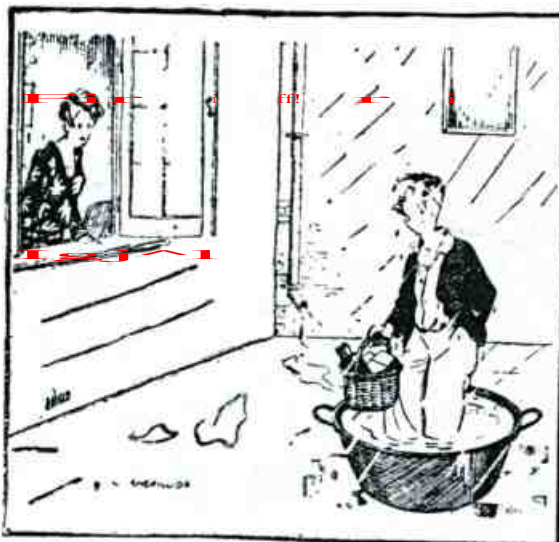
A indissolubilidade do casamento é tambem uma arma e uma protecção para a mulher.

O amor fóra do matrimonio perturba a ordem social e crêa confusões e desgraças bem maiores do que se póde suppôr. Elle avilta e degrada a mulher, tornando-a um joguete de suas paixões e das paixões dos homens. Só para a mulher sensual, que não ama nunca, e a mulher independente, que não tem ninguem em quem pensar e a cujas necessidades prover; só para a mulher que concebe o amor á maneira masculina de receber e não dar, é que poderá existir amor fóra do casamento.

Para a mulher normal, a mulher alterocentrista, a mulher mãe, o amor fóra do casamento é uma heresia.

Não é possivel achar soluções que satisfaçam a todas as mulheres em todas as phases de sua vida. E' preciso contentarmo-nos com as que convém ás phases menos transitorias e ás mulheres que desempenham mais uteis e mais importantes funcções sociaes. Para essas mulheres é que foi instituido o casamento.

O amor na natureza não é mais do que um appello á procreação.

O filho é a essencia e a justificação do casamento. Elle é a razão do amor, a razão da differença dos sexos, a razão de ser da mulher como mulher.

A esposa — Que estás fazendo, Fortunato?
O marido — Não estás vendo? Estou treinando para o proximo pic-nic de domingo, querida...

MULHER SEMPRE VARIA...

O animal, quando cansado, deita-se sobre o flanco. O nosso "animal" de auto não chegou a esse extremo: continuou, firme, sobre os seus quatro pneumaticos. Nada, apparentemente, denotava que elle estivesse "doente". Mas, o *chauffeur*, que tem um ouvido de medico, escutára certo ruido significativo e logo resume, doutoralmente, em dois termos technicos, o diagnostico, para mim, que sou um profano, incomprehensivel. Ao meu lado, a linda Genoveva mostra-se inquieta e começa a rasgar, com seus dentes agudos, o fino e delicado lenço que tirou da bolsa.

— Não é nada? — pergunta ao *chauffeur*, como se faz ao medico á cabeceira de um doente.

— Não é nada! — diz-me, dando de hombros. O que ha, simplesmente, é nada a poder fazer. Não tenho a peça inutilizada de sobrecellencia e mesmo que a tivesse não poderia substituil-a sósinho.

E, sem outra explicação, virou-nos as costas, sem duvida para melhor reflectir sobre as consequencias do accidente, e, naturalmente, tambem, para que as minhas observações de idiota não o perturbassem.

Então, minha amiguinha Genoveva começou a suspirar e a manifestar symptomas alarmantes de quem está prestes a ter um chilique, fazendo augmentar o meu nervosismo.

Que lastima que uma tarde tão linda fosse interrompida assim com a enervante estupidez daquelle imprevisto accidente!

— Ora, vejamos... fui dizendo ao *chauffeur*, o caso talvez não seja de desesperar...

— Desde que lhe disse que o era, deve acreditar-me. Que pensa o senhor fazer?

— A mim, pergunta-me elle o que penso fazer! Conheço perfeitamente esta zona, onde veraneio ha cerca de tres semanas. E vejo que estamos "impedidos" precisamente em pleno meio de uma floresta que me parece não ter nem principio nem fim. Em outras circumstancias, associar-me-ia á grande calma que vae por estas arvores enormes, apenas ligeiramente perturbada pelo suave farfalhar de suas folhas ou pelo canto fes-

O DILEMMA

— Que responderias si eu te convidasse para fazermos uma viagem? — perguntou o senhor Levallain a sua mulher, á sobremesa.

Margarida surprehendeu-se com aquelle repentino convite de seu marido. Desde o principio da refeição notára uma grande preoccupação em seu marido. Mas estava muito longe de suspeitar seus propositos.

— Para fazermos uma viagem? — respondeu. — Aonde? E os estudos de Paulino, e os teus negocios?

— Isso havemos de arranjar da melhor maneira.

— Mas, qual o motivo dessa viagem tão repentina? Transtornar assim nossa vida sem uma causa...

— Falaremos depois a esse respeito — concluiu o senhor Levallain.

Quando seu marido sahiu, Margarida reflectiu, e, decidida, mandou preparar o automovel e disse ao *chauffeur* que rumasse para a casa de sua amiga Luciana.

Luciana estava em casa.

— Bôa tarde, Luciana — disse Margarida, beijando carinhosamente as faces da amiga. Incommodo-te?

— Ora, por que? Estou encantada com tua visita. Fazia tanto tempo que não nos viamos...

— Com effeito. E por isso me alegro de encontrar-te. Temos muito que conversar. Dize-me: é verdade que vaes casar com o senhor De Lergy?

Luciana ruborizou-se.

— Quem te disse isso? — exclamou.

— Não importa quem. O caso é que é verdade. Pois bem: não quero que te cases!

— Que dizes?! —

— Que não quero que te cases! Escuta, Luciana. Somos amigas desde crianças, crescemos juntas e nos casámos quasi ao mesmo tempo. Poucos annos depois, ficaste viuva e livre. Mas hoje... hoje não és livre.

— Por que não sou livre?

— Porque ha quatro annos és amante de meu marido.

De Henri Bachelin

tivo de algum passaro. Genoveva, porém, é mais expedita do que eu. Nasceu e creou-se na pequena cidade que serve de capital a esta região. Observo que o chauffeur, que não se dirige a ella, fita-a com um olhar um tanto velhaco. Não me formaliso, nem me metto em brios, porque elle não estava a meu serviço.

— Escuta, diz-me Genoveva, tomando-me á parte. Já são mais de cinco horas. Meu marido é de uma pontualidade tão intolerável — como intolerante. A's sete horas, de qualquer maneira, estará á mesa para o jantar. Bem! é só o que posso dizer.

— Mal, muito mal, disse-lhe eu, advinhando o resto. Disseste-me, um minuto antes do accidente, que estavamos a dez leguas da tua residencia. Se este animal de automovel não nos tivesse recusado os seus serviços, estarias em casa ás desoito horas e meia...

— Sim, ás seis e meia, — rectificou Genoveva.

— Logo não estás tão inquieta como eu receiava, porque, pelo teu relogio, meio dia não se [illegible] doze horas...

— Tens cada uma. Vê! o que resta do meu lenço!

— Sim. Mas, o que é certo — é que poderias estar de volta ás seis horas e meia, depois de haver descido no ponto mesmo em que tomaste o carro, afim de que ninguem visse que partiamos juntos, e que fica a pouco mais de cem metros da tua casa. E sabes, tambem — que, antes, te perguntei se poderiamos contar com a discreção do chauffeur. Mas, agora na conjunctura em que nos encontramos...

— Oh! tudo isso é muito simples e sem importancia, não achas?! Estou a ver o reboliço, a inquietação em casa, a deshonra para mim, porque acabarão sabendo, fatalmente, que fiz este horrivel passeio comtigo. Que desgraça!

— Mas, emfim, ainda não se póde dizer que tudo está perdido. Parece-me que o chauffeur poderá encontrar um recurso qualquer...

— Realmente! — disse-me Genoveva, lançando-me, tambem ella, um olhar de incontido desdem e commiseração.

Basta-lhe, apenas, fazer uma pequena "tirada", a

(Conclúe na pagina 18)

De Frederico Boutet

— Que dizes?!

— O que ouves. Não grites, e escuta-me tranquilla. Tenho provas evidentes do engano dos dois: quasi todas as vossas cartas. Roubaste-me o marido, apesar de nossa amizade. Soffri muito. Mas esperei, confiando que se tratasse de um capricho passageiro. Tal não se deu. Já decorreram quatro annos, e vossas relações continuam. O tempo cicatrizou as feridas, e hoje já não soffro. Mas tu já estás cansada, e queres romper, e meu marido soffre enormemente. E eu não admitto que isso aconteça! Roubaste-me o marido e continuarás com elle! Em seu desespero, elle acaba de convidar-me para uma viagem. E eu estou resolvida a não attendel-o. Vossa trahição creou-me uma vida nova. E agora quero conservar minha liberdade, minha tranquillidade, a vida que me foi imposta por vosso amor egoista. Não quero ser obrigada a consolar meu marido da dôr de teu abandono. Assim, te ordeno que continues com elle. E para isso, recorrerei a todos os meios, ao escandalo publico, á violencia...

— Serias capaz?

— De tudo. Si resistires, utilizar-me-ei até do revolver. Tenho commigo as provas de tua trahição, e isto me permitte chegar até onde seja necessario, sem grande responsabilidade. De maneira que si, de qualquer fórma, estimas tua reputação, tua vida, não vacillarás em obedecer-me. Continúa com André, e não o faças soffrer. Está entendido?

Margarida deixou de falar. Luciana escutava-a com espanto, colera e terror.

Sabia que sua amiga cumpriria suas ameaças, e tinha medo.

— O que fizeste é indigno e covarde! — balbuciou Luciana. — Dissimulaste, esperaste, e agora queres vingar-te!

— Vingar-me? Nada disso! Não te disse que o que pretendo é minha tranquillidade?

Sahiu.

A' noite, André Levallain estava contente, como de costume.

E não mais falou de sua projectada viagem.

A MULHER SEMPRE VARIA... (conclusão)

pé, de cerca de tres leguas, para alcançar o logarejo mais proximo. Dahi voltará no auto que deverá reconduzir-nos. Então, já estará proximo de oito horas. E' de enlouquecer uma cousa destas!

Foi, nesse pé, confesso, que principiei a tomar a aventura a sério, eu, que jurava tudo fazer para que minha ligação com Genoveva nunca viesse a ser conhecida. Como hospede de passagem na localidade, eu bem poderia desapparecer dali, pela madrugada, mas, como homem de brio tambem não poderia deixal-a assim, entregue ás consequencias de uma aventura realmente deploravel.

— E' preciso tomar-se uma resolução — disse para o *chauffeur*, de quem me aproximava.

— Já a tomei, por minha conta — respondeu-me. Não tenho mais as bôas pernas dos meus vinte annos. Impossivel, assim, para mim, fazer um trajecto, a pé, de umas tres leguas. Ha, é certo, mais proximo, a cerca de cinco kilometros, um outro logarejo. Infelizmente ninguem, ahi, possue automovel e a agencia do correio não tem telephone. O que ha, portanto, a fazer-se é o seguinte: esperar que passe alguem.

— E, si esperarmos sem resultado? A situação é mais grave do que está, supponho. Deve comprehender que, para madame...

Ella, ia e vinha, pouco distante, continuando a estraçalhar, nos dentes, o seu lencinho fino. O *chauffeur* poz-se a rir, o mais desembaraçadamente possivel.

— Ah! Não se preoccupe, não, disse-me com a maior simplicidade. Todo mundo sabe que o senhor anda ás voltas com ella. Isso não é novidade para ninguem, nem mesmo para o marido della.

Quedei tão zonzo com essa estranha revelação que sequer não encontrei, no momento, o que responder.

— E, a proposito, ahi vem gente para nos tirar de embaraço.

De facto: pouco depois aproximava-se um automovel. E, como ha uma verdadeira fraternidade nas estradas, fomos logo, eu e Genoveva, recebidos gentilmente no auto providencial e camarada, depois de ter eu promettido ao "nosso" *chauffeur* que lhe enviaria soccorro da sua garage.

Deveria eu contar á Genoveva o que me dissera o chauffeur e que ainda me trazia tão mal impressionado?

Não: preferi calar. Para que perturbal-a, atôamente?

Os nossos salvadores — marido e mulher, pessôas muito discretas, deixaram-nos á vontade, e, á meia voz, pude trocar um curto dialogo com Genoveva.

— Queres descer no mesmo ponto? — perguntei-lhe.

— Se desces tambem ahi, sim.

— Que lembrança! Nem devo pensar em tal. Tenho de seguir directamente para a garage se não tão cedo não irá soccorro para o "nosso" chauffeur.

— Está bem. Então irei comtigo.

— Mas, os teus conhecidos e a gente toda da cidade ver-nos-ão juntos...

— Que me importa isso! — respondeu-me Genoveva, dando de hombros. O que não quero, por modo algum, é que estas pessôas que nos recolheram possam suspeitar que não somos marido e mulher...

MOSAICOS

O CRESCIMENTO INFANTIL

E' curioso que a noite seja o tempo mais favoravel ao desenvolvimento dos organismos.

As plantas crescem muito melhor durante a noite que de dia, como se poderá comprovar facilmente, medindo-as.

Tome-se a medida de uma videira á noite, outra vez pela manhã e repita-se a operação na noite seguinte, e ver-se-á que o crescimento nocturno é duas ou tres vezes maior que o diurno. E' que, de dia, as energias do vegetal estão applicadas na obtenção dos principios nutritivos, derivados de diversas fontes, emquanto durante a noite se produz a assimilação das substancias incorporadas.

O mesmo se dá com relação ao reino animal.

As creaturas crescem mais rapidamente de noite. De dia, acordadas e em actividade, seu organismo encontra-se em trabalho, a repôr as perdas que soffre em consequencia da actividade consumida. Durante o somno, porém, é que o organismo humano dispõe de energia sufficiente para não só refazer-se do que perdeu como para activar seu desenvolvimento.

OS CONCURSOS DE BELLEZA

Não são uma novidade os concursos de belleza, hoje tão em voga. Ha quarenta annos atraz já elles se organizavam no casino de Spa, na Belgica, e a detentora do titulo, a quem se proclamava "a mulher mais bella da Europa", recebia um premio de dez mil francos, ouro. No primeiro concurso dessa natureza, instituido ha quasi meio seculo, alcançaram os tres primeiros premios uma franceza, uma belga e uma vienense.

O "RECORD" FEMININO NO MATRIMONIO

Em Portsmouth, na Inglaterra, morreu, ha pouco, aos 81 annos de idade, a detentora do "record" do casamento. Chamava-se Joanna Rebeca Whall; essa especie de Barba-Azul de saias e sem crueldade. Contrahiu casamento sete vezes, das quaes, o ultimo, já aos 74 annos, e com a particularidade de nunca se haver divorciado. Sempre que se ia um marido, logo depois era substituido...

FOLHAS SOLTAS

A verdadeira amizade consiste em saber explorar os bons amigos.

* * *

Existem as grandes alturas para que dellas se despenhem os que as escalaram indevidamente.

NOTAS DE ARTE

COMPANHIA LYRICA — De 14 a 18 de setembro deu-nos a Companhia-Piergili os ultimos espectaculos lyricos do theatro Municipal, constituidos pela *Lucia de Lammermoor*, *Cavalleria Rusticana*, *Pagliacci*, *Rigoletto* e *Tosca*. Do que foram *Lucia* e *Rigoletto* nada dizemos porque não nos foi dado assistir a essas duas operas, mas das restantes a nossa impressão foi, em synthese, a mesma das representações anteriores de *Adriana Lecouvreur* e *Manon*. As exhibições das tres operas, compostas, respectivamente, por Mascagni, Leoncavallo e Puccini, foram das melhores que se podem realizar no momento actual da nossa crise financeira, e da crise mundial por que passa a arte lyrica.

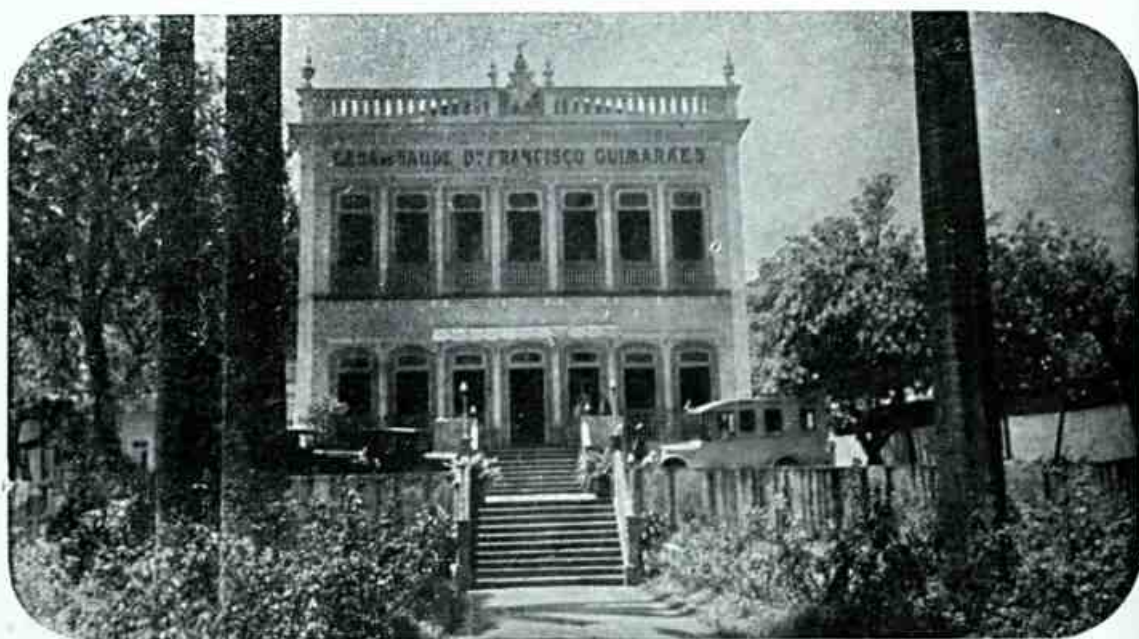
Josefina Cobelli bôa Santuzza e melhor Tosca. Representou com a mesma arte consumada a figura da esposa rustica e da amante artista. Bem no racconto — *Voi lo sapete, ó mamma*, sobresahiu mais no duetto — *Ah! No, Turiddu rimani*. Onde, porém, se destacaram em especial relevo os dotes da cantora e da actriz, foi na interpretação da famosa heroina de Sardou e Puccini. Em perfeição dramatica, quasi sinão inexcedivel em todo o 2.º acto, na grande scena entre Scarpia e Tosca. E cantou a celebre aria da prece — *Vissi d'arte e d'amore*, com grande poder expressivo, com rara e emocionante belleza.

Ninon Vallin deu-nos mais um primor da sua arte e da sua voz, encarnando a heroina dos *Palhaços*. Foi uma das mais ovacionaveis e ovacionadas interpretes de Nedda. Viveu com bella voz e arte ainda mais bella a canção *dos passaros*, a famosa *balatella* — *Che volo d'augelli*.

Amalia Bertola deu-nos uma bôa edição da canção de *Lola*: *Fior de giaggiolo*.

Carlos Galeffi encarnou Scarpia como o encarnam artistas da sua estirpe. Cantou e representou com a bella voz e a fina arte que o distinguem. *Tosca divina* e o cantabile — *Mi dicon venal*, foram provas dessa belleza de voz e dessa finura de arte. Como Tonio, de *Pagliacci*, papel secundario para tão notavel artista, como o de Nedda para Ninon Vallin, deu brilho invulgar ao *Prologo*.

Galliani Masini, se não foi o que esperavamos na *Siciliana*, agradou-nos especialmente no ductto — "*Tu qui, Santuzza?*" e sobretudo no duo final — *Mamma, quel vino é generoso*, onde se alliaram em notavel consorcio, a belleza da voz e a expressão dramatica.

Georges Thill, se não foi tão grande como poderia ser, mereceu e obteve frequentes applausos, tanto nos *Palhaços* como na *Tosca*, mas foi melhor Mario do que Ca-

De Oscar D'alva

nio. *Recondita armonia* e *E' lucevan le stelle* agradaram mais que *Vesti la giubba* e *Non, Pagliaccio, non son.*

John Brownlee, no pequeno papel de Alfio — que aliás costuma ser interpretado por summidades da scena lyrica, como Pasquale Amato — teve esplendido exito. Deu muito realce á canção — *Il cavallo scalpita* e ao duo — *Turiddu mi tolse l'onore.*

Salvatore Raccaloni valorizou o papel de Sacristão, já pela voz, já pelos effeitos scenicos.

Com menção especial recordemos a perfeição da Orchestra, sob a regencia successiva dos maestri Oreste Riccardi e Ferruccio Calussio, e os Córos, que, uma e outros, tanto realce deram aos *Interludios* da *Cavalleria Rusticana* e dos *Palhaços*, e ao *Côro dos Sinos*, desta ultima opera, ao *Brinde* da primeira, e ao *Te-Deum*, da *Tosca*. Talvez não erremos notando que só Josefina Cobelli, Ninon Vallin e Galeffi estiveram no mesmo plano superior da orchestra e dos côros.

Acrescentemos mais: bellos e apropriados scenarios. Assignalemos destacadamente o do 1.° acto da *Tosca*: *La Chiesa di Sant'Andrea delle Valle.*

Em resumo, quaesquer que sejam os reparos que se possam fazer aos tres ultimos como aos dois primeiros espectaculos, a verdade é que nunca é demais applaudir os corajosos empresarios, com o maestro Piergili á frente, que nos deram poucas mas bellas noites de arte, como foram as representações a que assistimos e como dizem ter sido as em que tomou parte a joven e já celebre soprano ligeiro sra. Lily Pons, interpretando Lucia, da *Lucia de Lammermoor*, e Gilda do *Rigoletto.*

Oxalá os lucros materiaes da empresa permittam repita ella no proximo anno a tentativa actual, com vantagens ainda maiores, pecuniarias e artisticas. De sorte que voltem os aureos tempos das grandes temporadas lyricas do theatro Municipal.

ROSITA KANITZ — E' em a noite de 1.° de outubro proximo que se realiza no T. M. o concerto da violinista brasileira sta. Rosita Kanitz. Segundo nos informam, far-se-á ouvir em composições de Beethoven-Kreisler, Vitali, **Chopin**, Tschaikowsky, Paganini e Hubay. A proposito, recordamos o que escreveu o critico de *Der Tag*, jornal de Vienna, depois de ouvir a nossa distincta patricia: "Temperamento apaixonado, esta violinista está predestinada a um brilhante futuro, pelo manejo facilimo do arco, doce sonoridade do toque e maneira de interpretar, o que tudo prende a attenção do auditorio."

COMPREM UM FOGÃO NOVO

SO' não tem fogão a gaz quem não quer. Mediante modesta quantia inicial e modicas prestações mensaes toda a gente pode ter um excellente fogão a gaz.

A ESTHETICA das cosinhas depende do fogão. Um fogão a gaz esmaltado, rebrilhante e commodo embelleza a cosinha e a cozinheira.

GOSTA de economisar? Pois os fogões a gaz modernos são providos de Queimadores economicos que diminuem grandemente o consumo.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 39

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1931

A Nova Babel

Elcias Lopes

O caso, um tanto ou quanto rebarbativo, dessa mulher-homem, de Bello-Horizonte, que encheu a cidade de commentarios jocosos e picantes, quebrando a enervante monotonia das coisas normaes e corriqueiras, pelos aspectos ineditos, originaes, que offerece, tem algo de particularmente pitoresco.

Sem ser o unico, no genero, porque a mulher-homem já encarna uma conquista do seculo, em materia de excentricidades sexuaes, o "caso brasileiro" reveste, no emtanto, uma feição sentimental, deliciosamente bizarra, que o colloca, pela "pureza" das intenções que o determinaram, em plano superior aos existentes por este mundo afóra.

Casadas, para todos os effeitos, perante a lei dos homens, Manuela Perez — o "marido", e Adelina Averzani — a "mulher", declararam ambas á policia e á reportagem que as assediava que não viam nenhum "crime" em se amarem e ligarem pelo matrimonio, como fizeram, instituindo o seu "ménage", na melhor das intenções, para effeitos de um amor todo pureza...

Até ahi, como se vê, nada demais. E, se o encararmos, no seu aspecto juridico, o caso singular desse casal de mulheres tambem não poderá ser tido como aberrante dos principios que regem o instituto do matrimonio — a união a dois.

Que culpa lhes poderá caber se a legislação existente a respeito, em toda parte, não foi mais previdente, exigindo, para o estabelecimento d's bôas e regulares uniões maritaes uma especie de "prova provada" de habilitação ou identidade sexual dos nubentes?

O exame pre-nupcial, por exemplo, já evitaria muitas dessas surpresas que vêem enchendo a vida dos mais pitorescos e escandalizantes attentados contra a natureza humana e a perfeita integridade dos sexos.

Moralmente, e, apenas moralmente, o cabeça de casal, Manuela Perez, e sua legitima esposa att ntaram contra a tradição social e seus arraigados preconceitos.

O mais, se "mais" houve entre ellas, que proclamaram "puro" o seu amor-sentimento, todo bondade, todo solidariedade humana — um amor simples, camarada, limpo de peccado — apenas representaria um caso, tambem já trivial, de aberração sexual, a se enquadrar na série infinita das modalidades pathologicas do amor.

Mas, deante da obra de fantasiosa desfeminilização a que se vem entregando a mulher, nos dias de hoje, com uma audacia fóra de todo senso commum, porque petulantemente atrevida e arrogante, cá por dentro mantenho as minhas duvidas quanto ás possibilidades maritaes de Manuela Perez.

Mesmo porque este mundo anda tão virado, que já não causa estranheza o que porventura lhe saia fóra dos trilhos, maximé em se tratando de materia de bizarrices amorosas.

E... ce que femme veut...

Dahi a quasi indifferença, a pachorra brejeira e sorridente, que não a enervante seccura da fleugma britannica, com que, o mais naturalmente possivel, vou admittindo e acolhendo essas "maravilhas" do seculo, como esse casamento de mulheres em que uma, bem ou mal, integral ou restrictamente, funccionava como marido de facto e de direito...

Mulheres... cabeça de casal, já não constituiam novidade no mundo. Mas, mulher-marido legitimo, perante a lei, perante a sociedade, e, por hypothese, salvo melhor juizo, na intimidade domestica, isso, positivamente, é *shocking*, desconcertante!

O peor, porém, é se a moda, se a maluquice péga e contagia tambem os homens —, tal o prurido morbido de dessexualização que vem agitanda este fim de mundo.

Então, teremos uma confusão de todos os diabos — a Babel sexual a desafiar a Babel das linguas e a justa cólera do Senhor, porque já não mais haverá Arca de Noé capaz de reunir os sêres humanos, aos pares, como no principio...

Nil admirari...

A Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

O HOMEM E A MACHINA

INVENTANDO e aperfeiçoando a machina, o homem inventou e aperfeiçoou o seu peor concurrente, ou melhor ainda — o seu mais feroz inimigo. Porque a maior causa, sem duvida, dos males que actualmente soffre a humanidade, é a propria machina.

Como toda a criatura que se presa odeia o seu creador, a machina parece detestar o homem. Toma-lhe o serviço, fazendo tudo melhor, mais rapido e mais barato do que elle, de maneira a ir expulsando-o pouco e pouco das officinas e das fabricas.

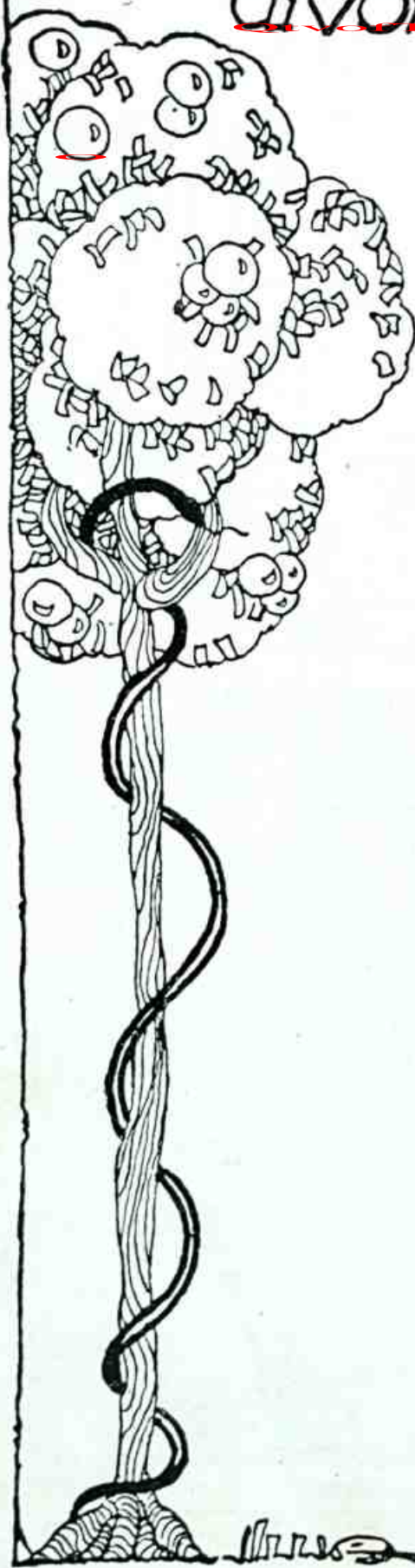
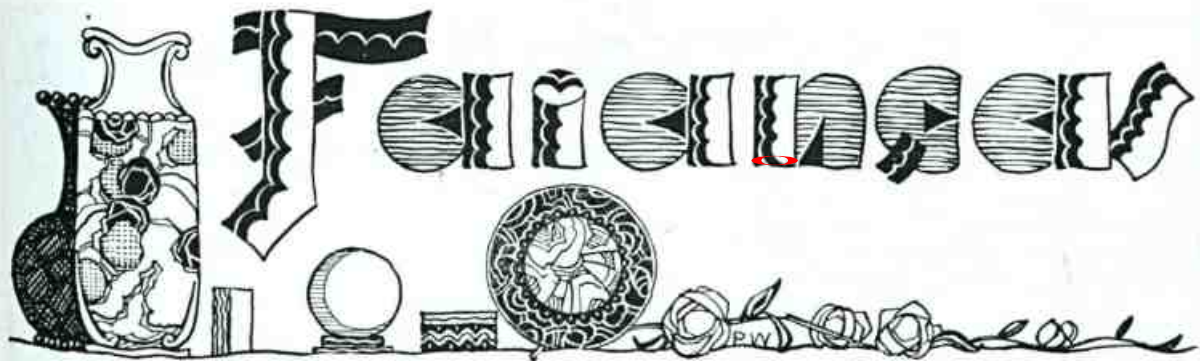
Revolta-se ás vezes. Emperra. Desorganiza obras de annos. Estoura e arrebenta tudo o que lhe está ao alcance. E o homem, que a creau no seu cerebro e a projectou depois na materia e a corporificou e lhe deu vida, tem quasi sempre medo da machina, da sua propria creação.

Dia a dia ella restringe as actividades do homem. Galga as distancias na terra, nas aguas e no ar. Perfura os montes, vara os mares e penetra nos espaços. Fia, tece, faz o panno, o papel, o metal, o vidro, a joia e o perfume. Levanta o arranha-céo e constróe o couraçado. Compõe com o seu articulado braço de aço o livro e o jornal. Imprime-os sem parar com os seus cilindros rotativos. Distribue a acção e o pensamento. Parece ás vezes até que tem vida: escreve, conta, somma, divide, diminúe, multiplica, acha raizes quadradas, calcula juros simples e compostos. Domina o mundo.

Emquanto uma dellas trabalha por cinco ou dez homens, estes vão engrossar as fileiras dos sem trabalho, a massa formidavel dos descontentes com que conta o communismo para o assalto geral á sociedade.

E nós vivemos deante desse dilemma: vencer a machina ou seremos definitivamente escravos della. Para vencêl-a, precisariamos destruil-a e a humanidade não tem animo para anniquilar o que creou e que julga seu maior titulo de gloria. Portanto, resta continuarmos seus servos, copiando-a até na organização da familia e do Estado e reduzindo a gestos machinaes as nossas emoções, transformando em coisas praticas os nossos sentimentos, até o dia em que os machinismos se revoltem contra nós e tomem conta do mundo...

Haverá quem julgue isso impossivel?

A PRIMEIRA ENTREVISTA

ENCONTREI ha dias o meu amigo Roberto Luna numa posição estratégica.

Chic, aprumado na elegancia de um "complet" côr de perola, polainas e chapéo cinza, a bengala enfiado debaixo do braço, Roberto lia um volume qualquer, em frente a um palacete da avenida Beira-mar.

Eram cinco da tarde. Hora do chá, do "cocktail", do *footing*, dos recitaes, das festas de caridade... Nunca, porém, a hora de vel-o por aquellas alturas, n'uma attitude de rondante policial, attitude suspeita de quem espiona ou não tem o que fazer.

De resto, Roberto Luna é um elegante. Como Petronio ou Brummel, elle seria incapaz de uma curvatura, de um gesto, de uma pose que compromettesse a sua linha, o seu aplomb, a sua "maneira de ser e de estar".

Admittia-o, alli, dentro do seu carro particular, ou mesmo num simples auto de aluguel. Mas, a pé, como qualquer mortal, sem preoccupações de bom gosto — era positivamente alarmante.

Bati-lhe no hombro com familiaridade. Luna sobresaltou-se. Logo, porém, se desmanchou num sorriso, e disfarçou aquella cara de susto.

— Que fazes? — indaguei.

— Espero uma mulher.

— E' estranho.

— E' estranho que espere uma mulher a quem amo?

— Não! — esclareci —

ARTE DE DIZER

Mlle. Luiza Barreto Leite, a festejada e talentosa declamadora patricia, que realizou, com successo, no salão do Movimento Artistico Brasileiro, um brilhante recital de poesias, encantando e empolgando uma assistencia culta e elegante.

— Ah! Logo vi... Mas não a amas?

— Muito! — bradou elle, com enthusiasmo. — Por que perguntas?

Não é isso... E' que...

Roberto Luna impacientou-se:

— Que é?

— E' que estás lendo.

— E que tem isso?

Então, eu lhe disse o que pensava sobre o caso. Quando um homem esperava outro homem, a quem o ligasse um negocio grave, importante, sob todos os aspectos, era possivel elle lêr, até mesmo um romance de capa e espada; mas quando aguardava uma mulher amada, na perspectiva de uma aventura galante, seria incapaz de coordenar duas idéas, que não fossem sobre um motivo unico: "Virá ou não virá?"

Roberto Luna ouviu-me em silencio. Quando terminei, elle se limitou a sorrir, vagamente. E, passando-me o livro aberto, ordenou, com interesse:

— Lê.

Dizia o trecho apontado: "Quando um homem vae a uma primeira aventura de amor, deve ser condescendente, demasiado tolerante, — ao ponto de todos os sacrificios e actos de heroismo, pela sua dama; quando, porém, se dá a segunda aventura, elle não deve ser tolerante, mas exigente. E não deve nunca perder o seu tempo".

Olhei o titulo do livro: era a "Arte de amar" de um escriptor, cujo nome não me recordo agora.

YVES

Aquella voz commovida,
aquelle aperto de mão,
têm a eloquencia de um mundo de promessas
dessas,
capazes de enflorar toda uma vida,
ou que jamais se realizarão...

Tu me disseste, apenas: — "até logo?"...
Mas "até logo" por que? Si tu ficavas...
"Até logo" por que? Si eu, sozinho, seguia...

Esse teu "até logo"
é o desejo de synthetizar o tempo
e, num minuto, acrysolar tres mezes.
Tres mezes ou... tres annos?
E quem sabe?... Tres seculos...

Tú não soubéste dizer mais nada
e foi melhor assim...
Eu senti que toda te debatias na angustia
dessas duas palavras bréves,
que ficaram, como dois élos de uma cadeia,
unindo os nossos destinos...

Até logo?!...
E talvez nunca mais nos tornemos a ver,
pensei.
Tú tambem... Tú tambem pensaste assim
Mas quizéste, o provavel epilogo de um romance de bordo
rematar com um — "continua"...
Um "continua", embora problematico,
que nos deixasse ansiando
pela segunda parte,
a mais intensa,
a mais vivida,
a melhor...

E disseste, com voz cálida e tremula,
— "Até logo!"...
Apertei tua mão nervosa e fria
Sentindo o choque brusco da tua angustia...

Quando?
Não sei... Ella disse — "até logo!"...
E vae cantando, dentro da minha esperança inesgottavel,
A melodia daquellas duas palavras consoladôras...

JOÃO DE TALMA

FILIGRANAS

Fala-se d'uma nova guerra. Ludendorff prophetizou-a para o segundo semestre deste anno. Rumores insolitos de nova conflagração vêm de todos os lados. A situação da Allemanha vis-à-vis de seus credores do grupo francez faz com que se tema pelo rompimento da paz. E a acção dos estadistas yankees e europeus se identifica no sentido de evitar que se dê tamanha calamidade.

Depois do inferno da Grande Guerra, parece incrivel que os homens ainda pensem em nova luta, em novos horrores iguaes, sinão peores, que os presenciados de 1914 a 1918. Estarão cegos ou loucos?

Si tal se der, será o caso de considerar toda a civilização européa simplesmente como a qualificava um pensador francez: "a barbaria scientifica do Occidente." Nada menos e nada mais.

Commemorando a data de 20 de setembro, particularmente memoravel para o Rio Grande do Sul, a Sociedade Sul-riograndense inaugurou a sua nova séde, em edificio proprio — a Casa do Rio Grande. Essa solennidade teve a destacal-a o brilho de um baile sumptuoso, onde foi realizado tambem um concerto. Nos salões da elegante sociedade desfilaram as figuras mais representativas da «élite» gaúcha, aqui domiciliada. Ao baile compareceu, além da exma. sra. Getulio Vargas, o chefe do governo provisorio, que se fez acompanhar das suas casas civil e militar. Pelos instantaneos que estampamos em nossa pagina, bem se póde fazer uma idéa dos encantos dessa reunião de alto cunho social.

JARDIM ABERTO

D. Jayme

PENSAMENTOS DE SCHURÉ

A religião sem provas e a sciencia sem esperança defrontam-se e se desafiam sem poder vencer uma á outra.

* * *

A força de materialismo, de positivismo e de scepticismo, este fim de era attingiu a uma idéa falsa de Verdade e de Progresso.

Entre os escriptores modernos, Candido Jucá (filho), occupa, certamente, o relevo que deriva da sua propria personalidade. Não é um destaque emprestado pela benevolencia dos amigos, das rodas, das «coteries» intellectuaes. Candido Jucá (filho) é um nome que se impõe como polygrapho. Muitas são as facetas do seu espirito brilhante. Nelle temos o pedagogo, o philologo, o jornalista, o poeta, o «conteur», o romancista, o critico literario. E em todas essas actividades, o escriptor de tanto brilho evidencia as seguranças e as firmezas que conduzem aos exitos mais difficeis. «O Crepusculo de Satanaz», livro de contos, é a ultima obra de Candido Jucá (filho). Posto á venda em todas as livrarias da cidade, o successo obtido pelo autor é mais eloquente do que todos os elogios.

Hoje, nem a Igreja aferrolhada no dogma, nem a Sciencia encerrada na materia sabem mais preparar homens completos.

* * *

Todos os retardatarios trazem na alma a incuravel melancolia das velhas raças que morrem sem esperança.

* * *

A morte está na vida e a vida está na morte.

* * *

A victima é o vencedor do assassino.

* * *

A historia duma religião será sempre acanhada, supersticiosa e falsa. Só é verdadeira a historia religiosa da humanidade.

* * *

No amor, as almas, ao mesmo tempo, se olvidam e se reconhecem.

* * *

E' preciso medir a verdade segundo a capacidade das intelligencias.

* * *

O odio nos torna inferiores a qualquer adversario.

* * *

Ha homens em quem as paixões são escravas da intelligencia e homens em quem a intelligencia é escrava das paixões.

* * *

O Destino é implacavel e quasi sempre incomprehensivel.

* * *

O soffrimento ensina a piedade.

* * *

O caracteristico do sublime é ser igualmente simples, claro e immenso.

* * *

Uma nação não é um numero de valores indistinctos ou de algarismos sommados, mas a intelligencia seleccionada. Não é quantidade, mas qualidade.

Confere.

O dr. Annibal Martins Alonso, nosso confrade do «Jornal do Brasil», e brilhante intelligencia da nossa imprensa diaria, onde milita ha muitos annos, acaba de formar-se em direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, tendo collado grão com os seus collegas da turma de 1931. Martins Alonso não é só o jornalista experimentado, que todos nós conhecemos e admiramos pelo seu valor profissional: é, tambem, um perfeito «gentleman», de coração e attitudes em harmonia com a finura de seu espirito fidalgo. Por isso mesmo, a noticia de sua formatura ecoou agradavelmente entre os seus innumeros amigos e admiradores, que têm promovido varias homenagens áquelle nosso distincto collega, figurando entre as mesmas um almoço, que se realizará dentro de breves dias.

Marcou uma grande victoria a actual directoria da Associação Brasileira de Imprensa o almoço de confraternamento dos jornalistas realizado no ultimo domingo, na séde daquella associação, á rua do Passeio. Foi realmente uma festa da mais alta expressão, pelo espirito de cordialidade que a presidiu e pela circumstancia de ter participado da mesma o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, que attendeu, assim, gentilmente, ao convite feito á s. ex. pelos promotores da memoravel reunião. O agape fazia parte da série de commemorações do «Dia da Imprensa», que desde 10 do corrente vem sendo expressivamente festejado nesta capital. E não exaggeramos affirmando que foi a maior festa jornalistica já realizada no Brasil. Varios collegas levantaram-se no correr do almoço para dizer «duas palavras» engraçadas a respeito da reunião. Mas os discursos officiaes foram proferidos pelo dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e pelo dr. Getulio Vargas, que fallou longamente sobre o papel da imprensa nas diversas conquistas da civilização.

Inaugurou-se sexta-feira penultima, na séde do Lyceu de Artes e Officios, o «Salão do Estudante», onde tambem começou a funccionar uma das feiras de livros da «Quinzena da Casa do Estudante». A cerimonia teve a presença da exma. sra. Getulio Vargas e outras damas da nossa alta sociedade, além de representantes officiaes e das classes intellectuaes.

FILIGRANAS

Com a face avermelhada pela bofetada humilhante e cruel dum esbirro brutal, Jesus ficou em silencio deante de Caiphaz. "Nada lhe pode abrir a bôcca altivamente fechada" — escreve o padre Perroy. E accrescenta: "Nada era mais exasperador para seus juizes."

A singeleza profunda dos Evangelhos dá nos ahi como em qualquer de suas paginas uma preciosa lição. A' bofetada que pretende insultar quando temos as mãos atadas só se responde com o silencio. E tanto maior seja elle mais castiga com seu desprezo solemne a alma raivosa e traidora dos Caiphazes.

Calemo-nos deante dos que abusam infamemente do poder. Calemo-nos, porque, assim, nós os chicoteamos em pleno rosto, em troca das bofetadas que nos derem os seus escravos, com o latego do nosso silencio!

O cliché abaixo focaliza um grupo tomado antes do almoço que, domingo passado, foi offerecido ao professor Fernando Magalhães, por iniciativa de alumnos das nossas escolas superiores, e no qual tomaram parte amigos, collegas e admiradores do reitor da Universidade do Rio de Janeiro.

A comedia franceza no Municipal

Beatrice Bretty, societaria da Comédie Française, e Ernest Ferny, as duas principaes figuras do elenco da Companhia de Comedia que estreará no proximo dia 3 de Outubro, no Municipal, com a comedia "Etienne", original de Jacques Deval

As festas de arte, realizadas no Atlântico Club, sob a orientação intelligente da escriptora Mercêdes Dantas, já se tornaram tradicionaes, não só pelo seu brilho artístico, mas também pelas figuras que nellas tomam parte. Ainda agora foi assim — por occasião do ultimo recital que se realizou no elegante «cercle» copacabanense, com o concurso brilhante das senhoritas Alicinha Ricardo, Jacy Lobato e Maria Camargo, do sr. M. Camargo, do prof. Souza Lima e das alumnas da professora Clara Korte.

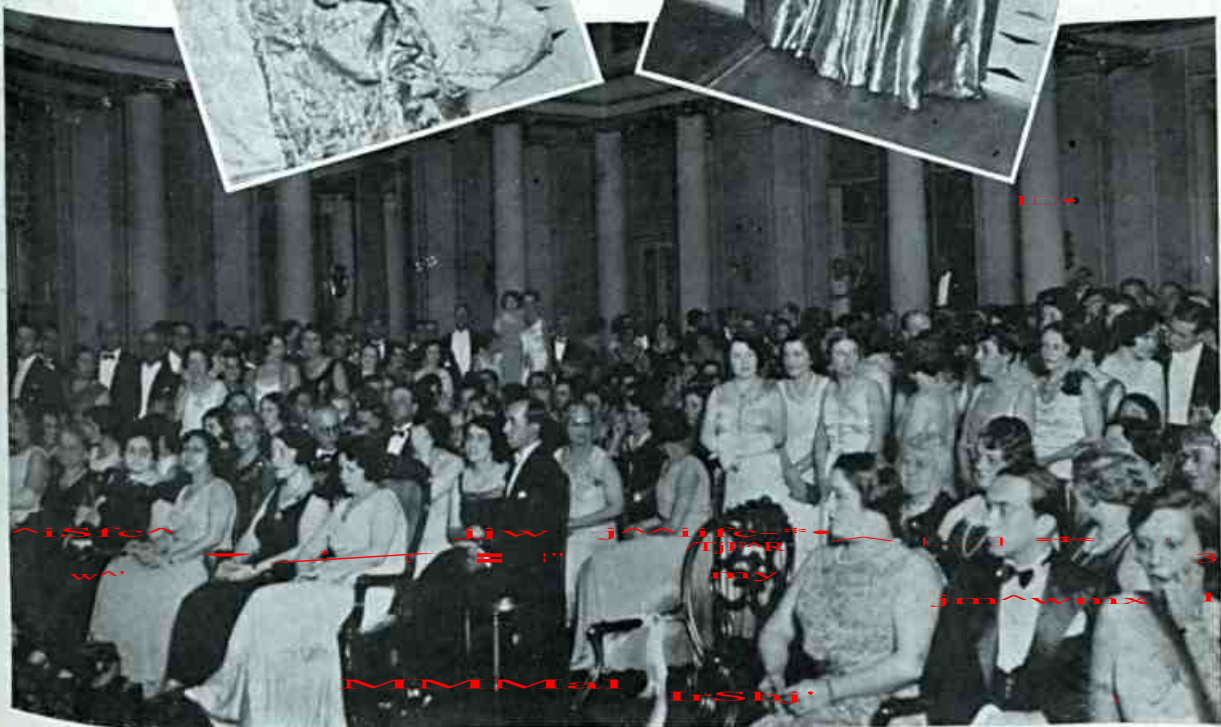
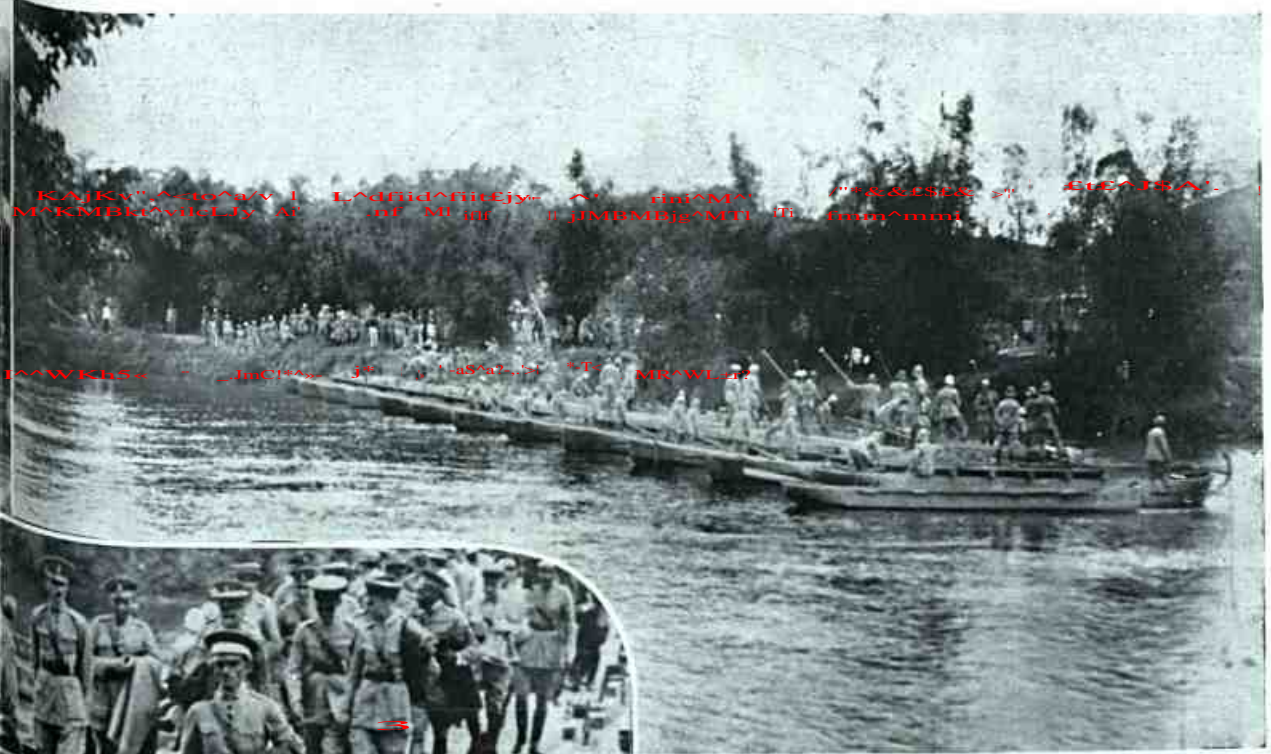
FILIGRANAS

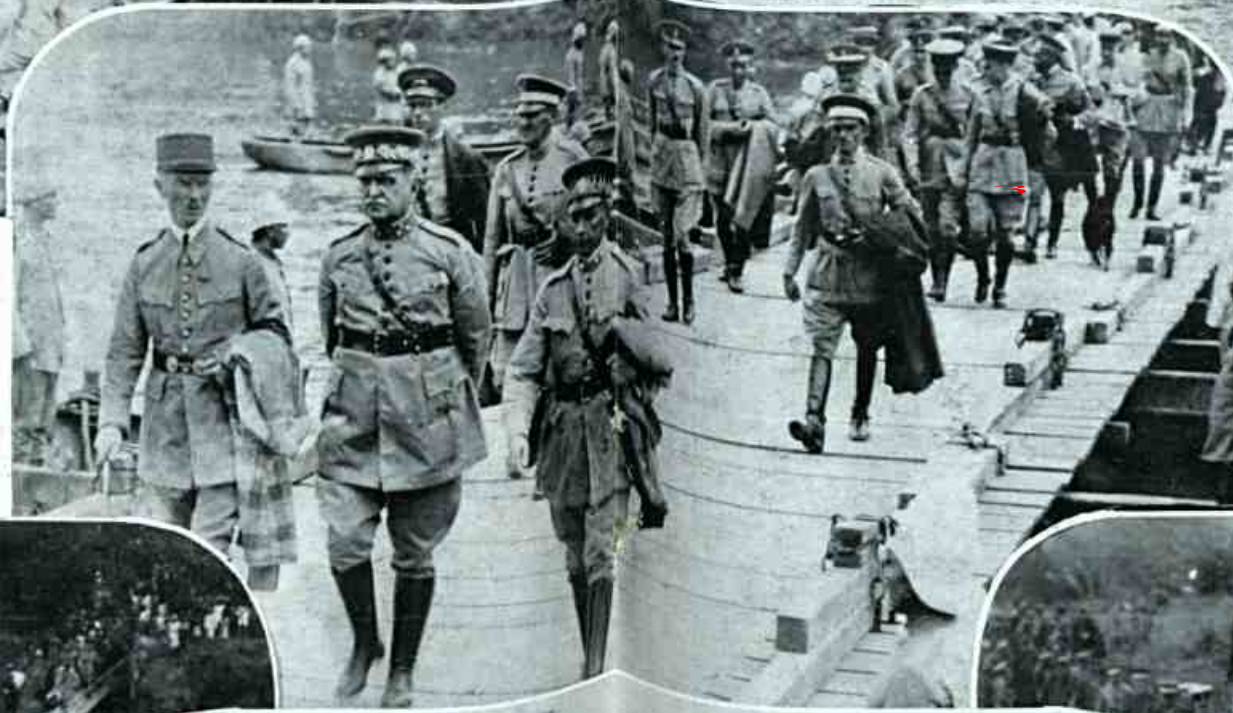
Ha uma fina, subtil observação nos livros de Théo-Filho. As suas *Impressões Transatlanticas*, ultimamente publicadas, vêm confirmar essa alta qualidade do escriptor. Poucos sabem vêr o lado futil da sociedade, sobretudo das mulheres, como elle. E pintal-o com a leveza de côres e a justeza de tons com que o pinta.

A sua penna, neste livro, é uma kodak preciosa que retrata as minucias da vida a bordo dos grandes navios que vão e vêm entre a America e a Europa. Não lhe escapa uma ruga, como lhe não escapa um grain de beauté. Machina ás vezes bastante perigosa pela fidelidade do que produz...

Dahi o encanto indiscutivel de livro...

Na stae do Touring Club do Brasil realizou-se quinta-feira penultima a cerimonia da installação do Comitê de Imprensa daquella sociedade, estando presentes, além dos membros do Comitê, vários directores da casa. A sessão foi presidida pelo dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e, no momento, por indicação do dr. Edmundo de Miranda Jordão, acclamado presidente do Comitê. O dr. Edgard Chagas Doria, secretario geral do Touring Club, expoz aos jornalistas ali reunidos o programma de turismo já organizado pela sociedade, suggerindo medidas para a sua próxima execução. Falando em nome da imprensa, o dr. Herbert Moses prometteu o apoio desta ás justas intenções do Touring Club. Os jornalistas presentes acclamaram vice-presidente e secretario do Comitê, respectivamente, os nossos confrades Annibal Bomfim e Porto da Silveira.

Encantadora, pelo seu raro esplendor mundano e o seu colorido, foi a «Noite Veneziana» promovida pela Embaixada Italiana e reproduzida nos salões do Automovel Club, em beneficio do Patronato Operário da Gavea. Nessa «soirée» elegante rutilaram as figuras de mais garbo e mais encanto da «élite» carioca. As nossas gravuras reproduzem flagrantes da «Noite Veneziana» do Automovel Club.

O EXERCITO EM MANOBRAS

As manobras de lançamento de pontes, ultimamente realizadas em Pinheiro, por forças do Exercito nacional, pelo exito de que se revestiram, vieram positivar, numa demonstração brilhantissima, o progresso e a efficiencia technica da nossa engenharia militar. Esses exercicios, sob a direcção dos officiaes da Missão Franceza, tiveram a assistencia do general Tasso Fragoso, chefe do estado maior do Exercito, e de outras altas patentes, entre as quaes o chefe daquella missão militar e o general Sotero de Menezes. As gravuras desta pagina fixam os seguintes detalhes da magnifica demonstração de technica militar: 1.º — ponte lançada para movimentação da artilharia, vendo-se uma composição de metralhadoras em passagem; 2.º — lançamento de uma ponte para passagem da artilharia; 3.º — o general Tasso Fragoso e varios officiaes atravessando a ponte que acaba de ser lançada; 4.º — o chefe do estado maior do Exercito cobre a ponte improvisada, armada de bambús; 5.º — Os chefes da Missão e do estado maior do Exercito e o general Sotero de Menezes ouvindo um dos officiaes francezes quando discorria sobre a construcção de pontes militares; — 6.º — ainda o general Tasso Fragoso e a officialidade em manobras ao atravessarem uma das pontes.

CARTAS, PEDAÇOS D'ALMA...

Continúo a pesquizar o meu archivo amoroso. Continúo a minha resurreição ao passado, relendo cartas antigas. Esta, de papel timbrado e letra apressada; aquella de papel de linho perfumado...

Que me dirá esta carta pequenina e breve?

"Boneca, meu amor! — O tedio é o infortunio da gente feliz. (Walpole).

Por este dia de chuva, que não cessa de cahir, sinto, mais do que nunca, o paradoxo de Walpole.

Isto é; sentia. No momento, eu vivo todo de felicidade, porque tu, minha divina Boneca —, tu que pensas ser uma boneca de Rousseau e que és, tambem, uma figura de Watteau o um bibelot de Saxe —, tu acabas de dizer que me amas tambem!

Será possivel?! Recúo, esmagado ao peso da felicidade, porque — eu te juro! — jamais encontrei na vida uma creatura de espirito que me quizesse. Sempre me defrontei com a vulgaridade, com o banal, com o commum, para chegar a este instante quasi incrivel de romance, de ter, por força, de amar alguem que só conheço pelo fulgor do espirito!

Foi, entretanto, o que se deu, contra todas as leis do Amor.

E hoje isso tudo — obra pura da Fatalidade — é para mim um inevitavel.

Eu tinha de te dar a minha alma.

Tornou-se-me impossivel a reacção e agora procurarei que tu encontres em mim, si não o ideal com que deves ter sonhado sempre, ao menos uma creatura que fique sob a bemdita protecção da tua alma esplendida.

Mas si — como dizes — és sceptica ás vezes, eu o sou quasi sempre.

O meu pessimismo supera o de Pyrrho e o

O povo alagoano acaba de offerecer uma bandeira nacional ao contra-torpedeiro «Alagôas», cujo commandante e officialidade compareceram, quarta-feira penultima, 16 do corrente, á igreja de São Gonçalo Garcia e São Jorge, para receber, das mãos da senhorita Lourdes Machado, gentil representante de Alagôas na solennidade, o expressivo mimo. A data escolhida para a entrega da bandeira foi a do anniversario da emancipação politica daquelle Estado. Compareceram á cerimonia, além de membros destacados da colonia alagoana, o ministro da Marinha, almirante Protogenes Guimarães, e outras altas autoridades.

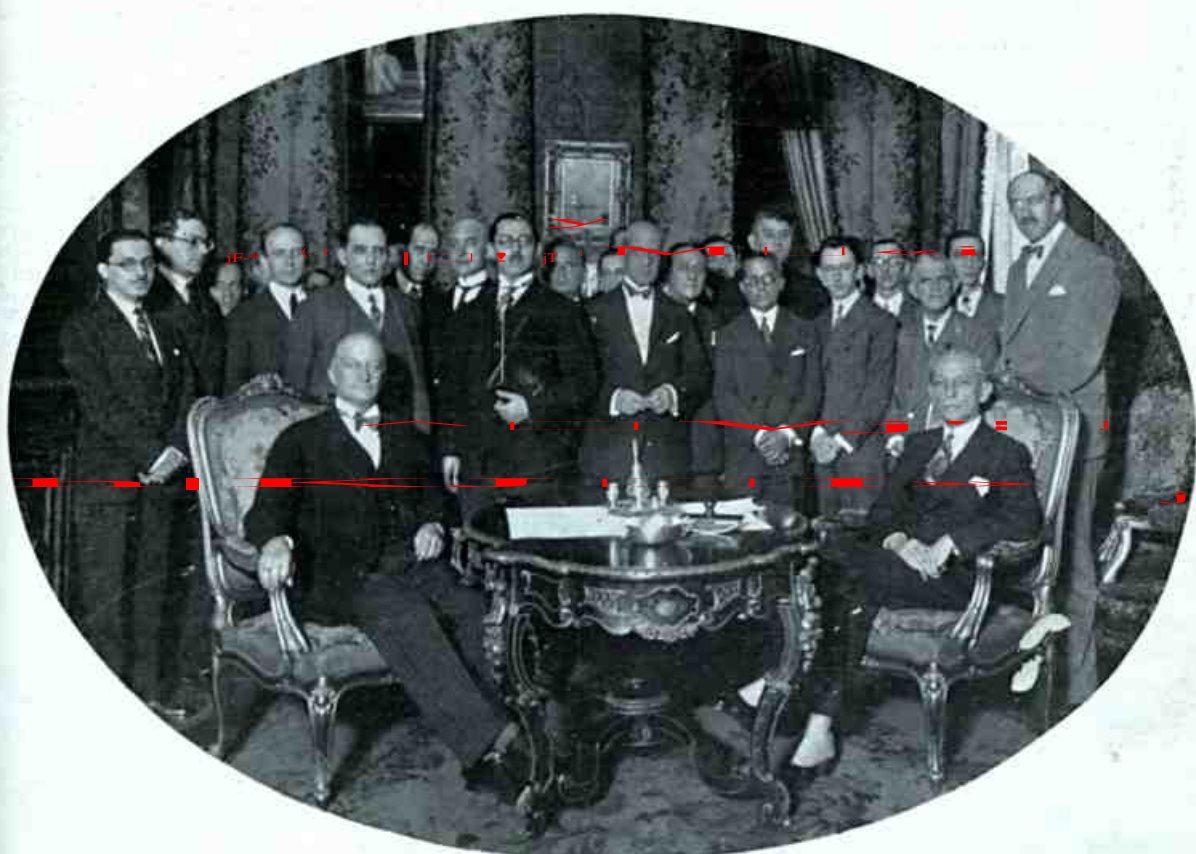
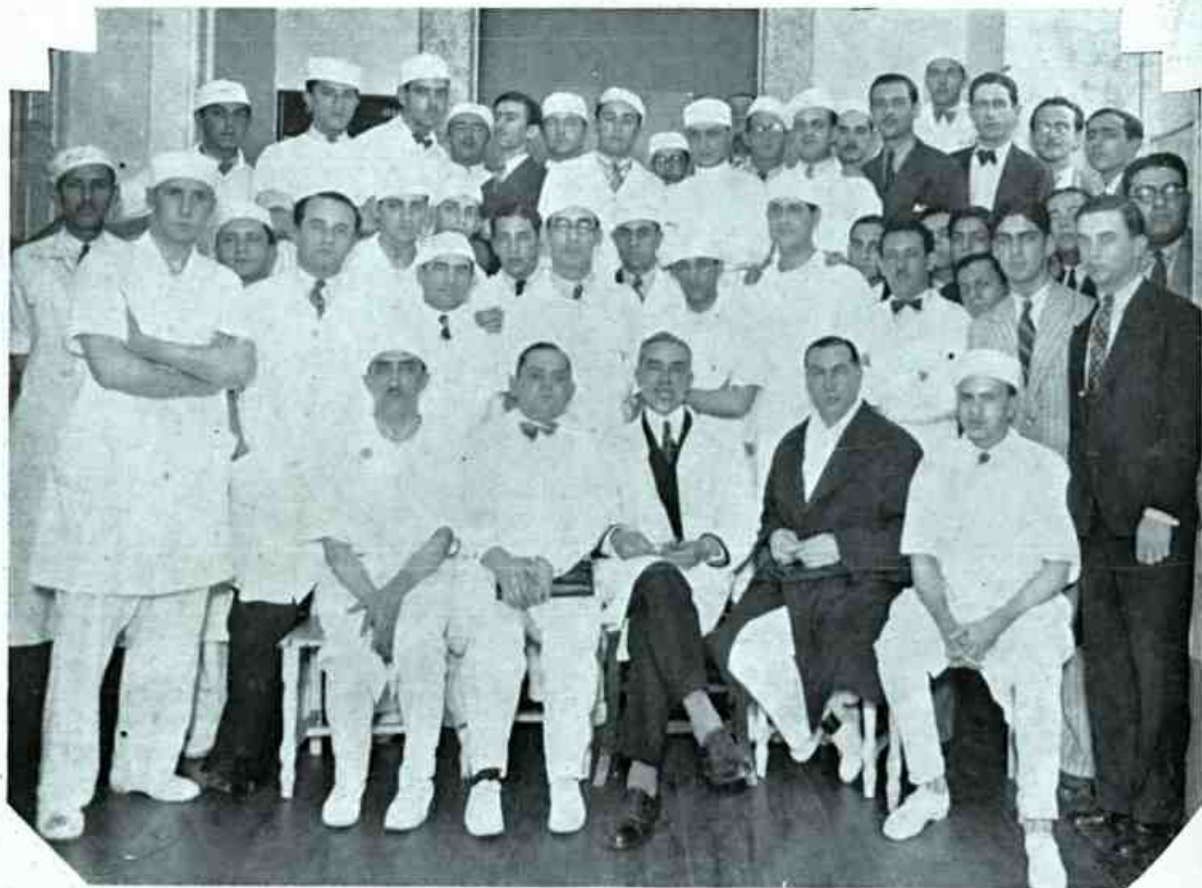
Os juristas argentinos, presentemente nesta capital, drs. Marcelo F. Alvear, Honorio Pueyrredon, Mario M. Guido, Francisco Albarracin e Obdulio F. Simi, foram, sabbado ultimo, homenageados por varios collegas brasileiros, que lhes offereceram um cordial almoço, no salão do Automovel Club do Brasil. Falaram, durante a homenagem tão expressiva, os drs. Mario Bulhões Pedreira e Astolpho Rezende, brasileiros, e Marcelo Alvear e Honorio Pueyrredon, argentinos.

de Montaigne, e eu — no apogeu da gloria de ser feliz — tremo de horror ao pensar em que talvez Luis Murat tivesse escripto para mim aquelle verso doloroso das "Ondas":

"Eu não posso ser teu! Tu não podes ser minha!"

Teu, muito teu, ex-corde — X..."

Acordo. Murmuro idiotamente: "Very well!" E fecho a caixa de bombons que encerra o meu archivo amoroso...

CONCHITA CID

O ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, e o ministro J. B. Hubrecht, representando, officialmente, o Brasil e a Hollanda, assignaram, quarta-feira penultima, no palacio do Itamaraty, o accordo commercial entre os dois paizes, consubstanciado em notas cujo texto a imprensa diaria já publicou. A nossa gravura focaliza um aspecto da cerimonia.

Photographia da visita feita pelo grande mestre da urologia franceza, professor Felix Legueu, ao serviço de cirurgia do prof. Brandão Filho, após haver este notável operador brasileiro realizado algumas intervenções de alta cirurgia, na sua enfermaria da Santa Casa da Misericórdia.

FILIGRANAS

Majestoso, o navio se encabrita sobre o dorso espumante das ondas, mas vae seguindo, embora difficilmente, a sua marcha no meio da tempestade ululante. As violentas massas de agua esverdinhada ameaçam tragal-o, mas elle sobe até sua crista zebrada de espumas. Dali desce á profundidade dos abysmos liquidos que ameaçam devoral-o como monstros apocalypticos. Mas o barco, colhendo as velas, correndo em arvore sêcca, vence pela pertinacia e pela calma, pela coragem e pela habilidade a tormenta brutal.

Assim, é o destino de muitos homens. Como o navio no meio do temporal, elles soffrem e lutam, trabalham e penam, mas vencerão afinal. E um dia sulcarão mares azues com o seu branco velame triumphante desferrado.

* * *

Em Jerusalem, entraram as hordas de Sennacherib e Nabucodonosor, as tropas dos Pharaós egypcios, as phalanges macedonias, as legiões romanas de Tito, os cavalleiros selvagens do Califa Omar, os cruzados de Godofredo e os cavallos tartaros dos ottomanos. Um escriptor francez que a visitou vae para uns vinte annos prophetizou que um dia os padres christãos que nella residem veriam os infiéis saqueai-a de novo.

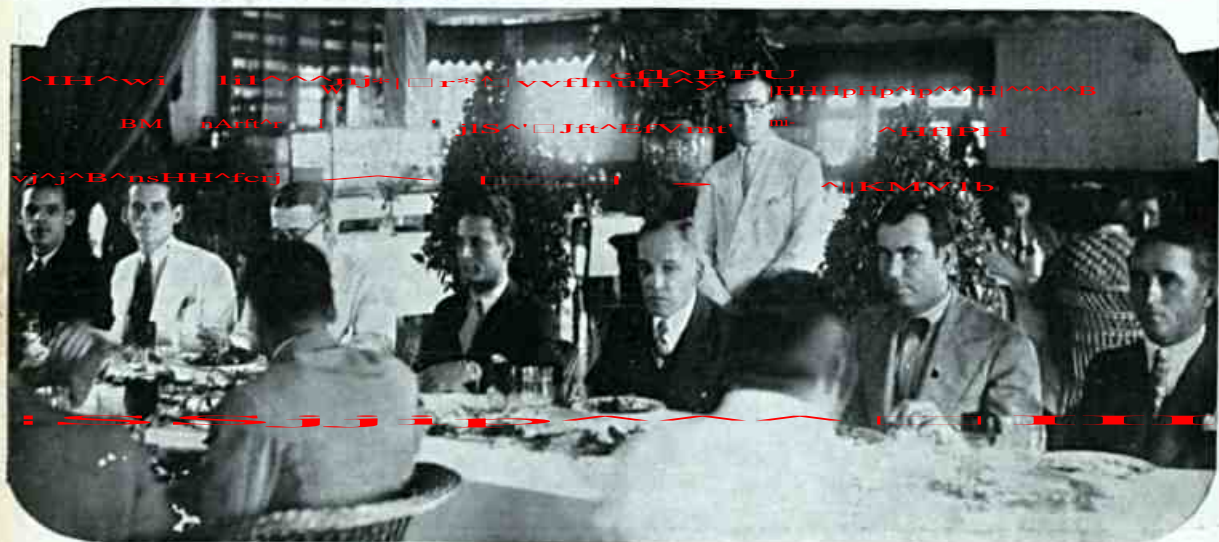
Não foram infiéis os que nos nossos dias a conquistaram, porém hereticos — os soldados inglezes de Allenby, no fim da Grande Guerra.

Destino cruel dessa cidade sagrada e maldita ao mesmo tempo, velha metropole religiosa da civilização occidental, cujas vicissitudes trágicas enchem a alma de consternação e, ao mesmo tempo, de respeito pelos poderes invisíveis que regem o mundo.

Um flagrante da cerimonia da collação de gráo dos novos bacharéis em sciencias e letras do Collegio Pedro II, realizada domingo passado, no edificio do Externato, á rua Marechal Floriano Peixoto.

O Fluminense F. C. offereceu na ultima segunda-feira um «baile-branco» aos seus associados; para commemorar a chegada da primavera. E, nos salões luxuosos do tricolor, desfilaram, galantemente vestidas de branco, as mais lindas «primaveras» da nossa sociedade, numa deslumbrante glorificação á florida estação. Esta pagina focaliza dois detalhes dessa linda e elegante festa.

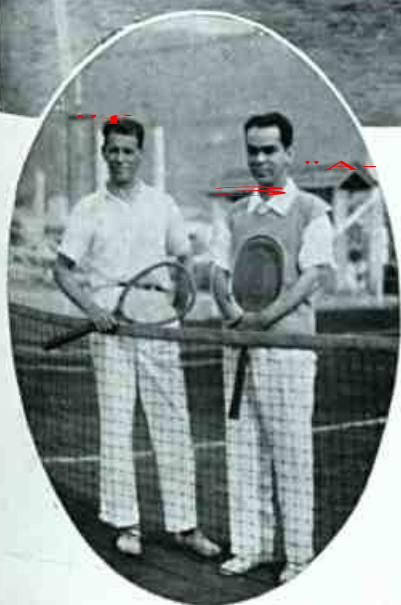
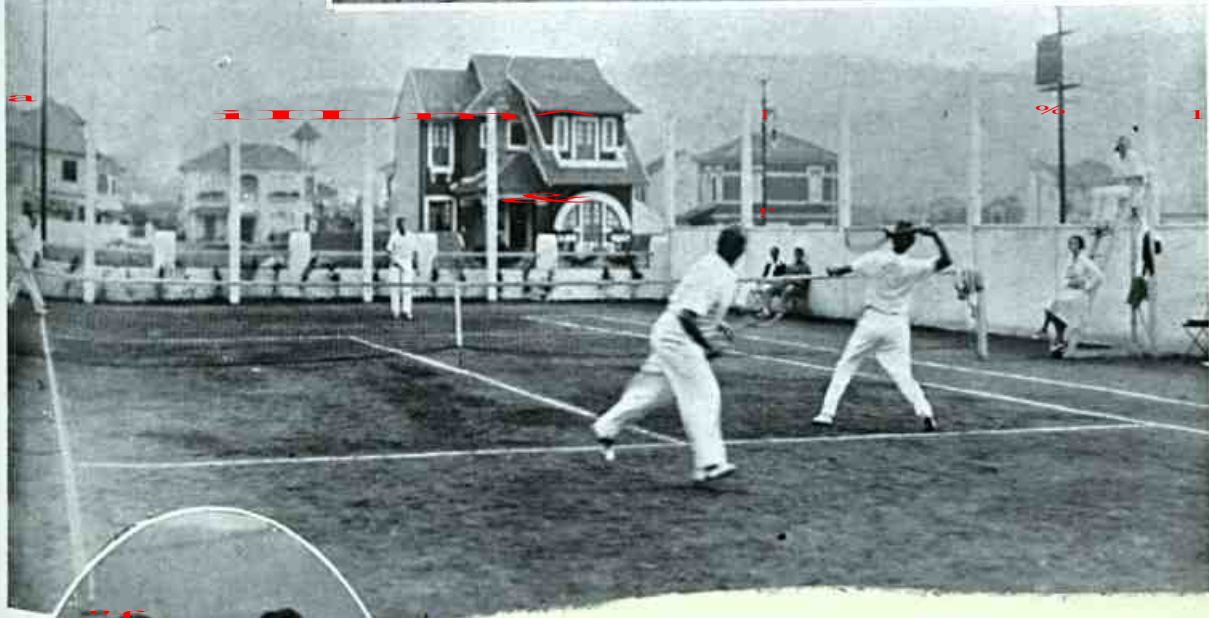
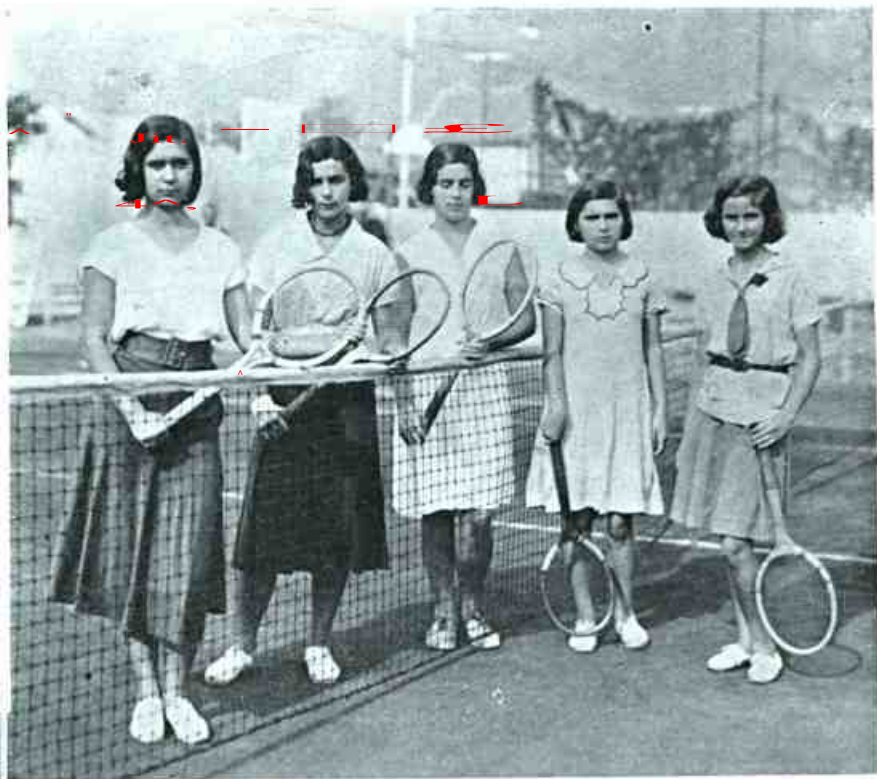
O ministro, interino, da Educação, dr. Belisario Penna, offereceu, quarta-feira penultima, no salão nobre do edificio do Jockey Club, na Avenida, um jantar em honra dos professores Roger, Leguen e Nobécourt, da Faculdade de Medicina de Paris, que presentemente visitam a nossa capital. Tomaram parte no agape, além dos homenageados, e do amphytrião, varios srientistas brasileiros, colleaas dos professores francezes.

O ministro José Americo de Almeida, titular da pasta da Viação, ladeado pelos nossos confrades Mario Domingues e Vicente Lima, directores da Empresa Lux-Jornal, que foram mostrar a s. ex. os albuns contendo as noticias publicadas por todos os jornaes brasileiros em torno da personalidade do saudoso presidente João Pessôa, após o seu tragico desapparecimento. Esses albuns foram organizados, a pedido do governo da Parahyba, pela Empresa Lux, que fez um trabalho completo, confeccionando dois grossos volumes, em duplicada, e destinados, respectivamente, ao governo parahybano e á familia João Pessôa. Na photographia ao lado, tomada no gabinete do ministro da Viação, apparecem, tambem, o dr. Jayme Tavora, secretario do dr. José Americo, e officiaes de gabinete de s. ex.

Os amigos, companheiros e auxiliares de secção dos srs. Aurelio Mendes Lobão e Juvencio de Moraes Ancora, chefes, respectivamente, das secções de Defraudações e Archivo da Policia, offereceram a esses distinctos funccionarios, por motivo das suas recentes promoções e designações para aquelles cargos, um almoço no Restaurante da Urca. Esse ágape, que foi presidido pelo dr. Sylvio Terra, funccionario querido por todos os seus companheiros, foi tambem uma homenagem ao chefe da Segurança Pessoal, repartição essa de onde sahiram aquelles dois servidores da União.

A BELLEZA

A belleza não é uma promessa de felicidade. E' pelo contrario, o maior dos tormentos, porque se sabe que é inaccessivel. Póde-se possuir o corpo, o coração, a intelligencia de uma mulher; mas não se póde possuir a sua belleza. Esta se acha sempre muito longe de nós.

Etienne Rey

O Grajahú Tennis Club é, como se sabe, o ponto de attracção elegante daquelle bairro. Damos, nesta pagina, um aspecto do ultimo jogo ali realizado, no qual tomaram parte os jogadores Louzada e Paiva; outro de um grupo de jogadoras, bonitas, por signal, e, finalmente, uma partida, numa das quadras do campo.

Dia 28 de Setembro:
A
PARAMOUNT
apresentará
no CAPITOLIO e no IMPERIO
do Rio de Janeiro e no
CINE PARAMOUNT
= de São Paulo =
MARLENE
DIETRICH
mais seductora do que nunca em
DESHONRADA
a super-producção maxima da
temporada com
VICTOR
Mac LAGLEN
GUSTAV VON
SEYFFERTTITZ
e BARRY NORTON
direcção formidavel de
JOSEF VON STERNBERG
Paramount
Pictures

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

Era o homem do seu ideal.

ROMEU DE PYJAMA

Um film da Metro Goldwyn Mayer interpretado por

Buster Keaton

Charlotte Greewood

Reginald Denny

Cliff Edwards

JEFFERY Haywood estava numa situação nada feliz: queria casar-se com Virginia Embrey, a pequena queria casar-se tambem, mas não antes de ver sua irmã, Angelica, tambem casada. O diabo, porém, — e ahi estava a infelicidade de Jeffery — é que Angela não tinha sequer noivo, e, o que era mais grave ainda, só se casaria com um homem — homem de facto — um homem que lhe provocasse ciumes! A unica solução para Jeffery Haywood, é arranjar um marido para Angelica, e, por isso, elle não hesita em lançar mão de Reginald Irving, um pobre diabo que elle atropelara com o seu automovel e que, sem sentidos, levára para a casa de Angelica, afim de ser tratado nos ligeiros ferimentos que recebera. Para começar o seu plano, Jeffery inventa em torno de Reginald as coisas mais absurdas, dando-o como um conquistador perigosissimo, um homem que causara um sem numero de divorcios, um homem por cuja causa muitas e muitas mulheres estavam loucas de paixão... Um homem sem consciencia, afinal, um perfeito Tenorio, cujo unico proposito era allucinar de paixão todas as mulheres, e, afinal, abandonal-as, largando-as ao desespero... Essas invencionices todas criam para Reginald situações complicadissimas, a ponto de se ver prohibido de falar, na cama, cercado de innumeras mulheres que o procuram, relembrando antigas juras de amor, compromissos de casamento... É claro que tudo isso era coisa devida a Jeffery, que contractara diversas actrizes para esse fim. Como resultado mais animador para Jeffery, entretanto, succedera que Angelica estava interessadissima por Irving e lhe dispensava os maiores cuidados... Crendo-o um conquistador, um homem que, casando-se, mataria de ciumes a esposa, Angelica via em Reginald Irving o homem dos seus sonhos... Isso, está claro, era o que Jeffery queria: mais dia menos dia, a futura cunhada estaria casada, e elle poderia realizar o seu grande sonho: desposaria Virginia! Dias depois, porém, succede que Angelica surprehende Reginald sendo perseguido por Leila Crofton, uma creatura dada a maluquices, dada a "flirts", e vê, com espanto, que o rapaz, timidissimo, procurava fugir á seductora mulher. Comprehendendo que, ao contrario do que diziam, Reginald não passava de um maricás, ella, indignada, quebra o compromisso de casamento que a si mesma jurara. Desesperado, Jeffery arranja outro plano: contracta os serviços de Polly Hathaway, uma exotica creatura, alta como uma girafa, incumbindo-a de apparecer, á noite, no Seaside Hotel, onde Reginald estaria ás sete horas, e, no

Reginald em apuros.

apartamento do rapaz, ser surprehendida por Angélica, pois elle, Jeffery, levaria a futura cunhada ao hotel, para que ella visse o noivo em companhia de uma mulher... Acontece, porém, que ha um "quiproquó" e Reginald, julgando que a mulher com quem deveria ser apanhado no hotel fosse Xita Leslie, uma mulherzinha nervosa que brigara com o marido e que, por isso, por pirraça, queria fazer uma "farra", para provocar ciúmes ao marido — vae em companhia de Xita. A custo chegam ao hotel e seguindo as instrucções de Jeffery, Reginald assigna no livro do hotel — "Mr. John Smith e senhora".

Reginald salva-se por uma perna.

Pouco depois, porém, chega a senhora Smith, que não era outra senão Polly... a exótica creatura invade o apartamento, emquanto Xita trocava de roupa, e, pegando-se sozinha com Reginald, decide treinar a scena da seducção, eu que deveria ser surprehendida por Angela... Que martyrios soffre o pobre Reginald nos braços daquella mulher agigantada! Mas que martyrios maiores, porém, quando a situação se complica, com a chegada do marido de Nita Leslie, que soubera da fuga da esposa! Mais se complica, ainda, quando a policia apparece. Ha tiros, surgem a noiva de Jeffery, e apparece, tambem — oh, céos! — Angélica e, ainda por cima, Leila Crofton, em cuja bocca, meio maluco, elle pespega meia dúzia de beijos incendiarios — elle, que sempre fugira das mulheres como o diabo da cruz! Está claro que houve correrias, houve sustos, o hotel ficou de pernas para o ar, a cidade toda em reboliço — mas, afinal — para felicidade de todo mundo, tudo ficou, embora a custo, explicado e emquanto Reginald e Angelica se uniam, Jeffery obtinha a certeza de que seria o esposo de Virginia...

O Romeu estava enfermo.

"DESHONRADA"

("DISHONORED")

Uma producção da Paramount com a interpretação de

Marlene Dietrich — Victor McLaglen — Gustav von Seyffertitz — Warner Oland — Lew Cody — Barry Norton

Uma prova concludente.

Em plena guerra européa. Um circulo de ferro rodeia Vienna. Estranhos personagens surgem do esboroamento do Imperio Austriaco, — uns para a gloria do sacrificio á patria; outros para o anathema das altas traições.

Em certo bairro suspeito da cidade, ha um ajuntamento de povo. Dentre o grupo surge uma padiola levada por dois homens. Nella vae o cadaver de uma mulher: a terceira que no curto espaço de alguns mezes dá cabo da vida.

— Todas acabam assim... murmurou uma mulher da plebe.

— Todas, não; eu não acabarei assim, observa uma joven. Não tenho medo á vida... nem á morte.

— Vamos embora, diz um velhote á joven, isto aqui me perturba.

— Pois, a mim, não; porque eu moro aqui, respondeu-lhe a rapariga. E, tomando-o de um braço, leva-o sem nenhuma cerimonia para uma pocilga vizinha.

Entram. O pequeno apartamento de Mary ostenta aquelle luxo barato com que certas mulheres procuram encobrir a dentuça arreganhada da miseria. Um piano, alguns quadros nas paredes empapeladas, cortinas, alguns livros, e, sobre uma cadeira, a reflectir o topazio dos olhos, um bichano negro — o mais bello ornamento da sala, se excluirmos a sua dona...

O cavalheiro senta-se ao piano e toca qualquer cousa — um chorrilho de notas, sem nenhuma significação artistica. Ao terminar, diz-lhe Mary:

— Precisa de mais corda?

— Corda? — inquire o velhote, com certo espanto.

— E, a [illegible] acaso, que sou alguma pianola?

— [illegible], mas bisbilhoteiro:

— Supponho que se julga uma grande mestra da musica, eh?

— Não... — resmunga Mary, sem levantar a vista. E depois, olhando-o sem sobresalto: "Conheço apenas para o gasto..."

Ambos se contemplam com uma certa desconfiança. O cavalheiro, muito alto, de bigodes cahidos, como os dos mandarins, é um typo em cuja face ha vislumbres rembranescos e dois olhinhos vivos de demonio. De pé, agora, vae elle mettendo o nariz em tudo: puxa o elástico de uns fetiches pendurados do tecto, alisa o pello do gato e, investigando uma photographia, á parede:

— E' seu amante? — interroga, apontando o retrato.

— Basta de confissões, responde Mary, a estirar-se num antigo divan. Creio que já conversámos demais, por hoje...

Apanhada na ratoeira.

O visitante dá mais algumas passadas em silencio, cofiando calmamente o bigode. E, virando-se para a pequena:

— Quer ganhar bom dinheiro, sem trabalho? — pergunta-lhe, abruptamente.

— Haverá neste mundo dinheiro para ser ganho sem trabalho? — torna-lhe Mary, sem levantar a cabeça.

E, depois:

— Onde fica essa mina?

— Você disse, ainda ha pouco, que não tem medo da vida.

Era uma mulher suspeita.

nem da morte... Tenho relações secretas com certo governo — prosegue o velho — e necessito de uma mulher capaz de tratar vantajosamente com os homens. E você, pelo que tenho notado, serve-me...

Mary, comprehendo tudo: — Então, é contra a Austria?

No dia seguinte, ás dez da manhã, vae Mary ao endereço que á noite lhe dera o seu mysterioso visitante. O velho recebe-a com um cordial sorriso e Mary nota que elle, agora, veste a farda de general austriaco. Não é, portanto, contrario á sua patria.

Recebendo instrucções.

— Hontem, depois que nos separámos, consegui alguns informes a seu respeito. Você é a viuva do capitão Ferdinando Koligrand, morto no anno passado...

— O meu marido foi morto em acção — interrompe Mary.

— Como já terá adivinhado, sou o chefe do Serviço Secreto do governo austriaco... Occasiões ha em que o cerebro de um homem não consegue realizar metade do que obtém uma mulher com os seus encantos e artificios. Como bem o demonstrou hontem, á noite, você me parece habil, intelligente e, sobretudo — leal. E, com um dedo sobre o mappa, á parede: — Aqui, perdemos mil homens, ha apenas dois dias... e aqui — apontando outro local — dezoito mil na semana passada...

Perante as autoridades militares.

Ouve-se, á distancia, uma marcha militar. E' um regimento que passa. O velho abre a janella que dá para a rua: — Venha vel-os marchar para... a morte...

Voltando, depois, á conversa:

— Então, quer fazer-se espiã, ás minhas ordens? Em troca de seus serviços terá uma casa magnifica, criados e o dinheiro de que necessite...

— O que mais me attrae é servir á minha patria... — contesta ella, emquanto os olhos do general se cravam nos seus lindos olhos azues, diaphanos, translucidos, como que illuminados pela chamma do heroismo. Olhos de mulher que, como ella bem o dissera, não tem medo da morte.

— E' meu dever advertir-lhe que a profissão de espiã é a mais baixa de todas, a mais ignobil das profissões — e perigosa tambem!

Um official entra com os papeis que o general pedira. — Este é o coronel Von Hindau — diz o chefe, dando um retrato a Mary. E' o chefe do estado maior do nosso exercito, porém tenho cá os minhas razões para pensar que Hindau está vendido á Russia — é um traidor — mas ainda não o pude provar. Elle conhece a todos os meus agentes e os engana — mas ainda não a conhece. Esta é a sua primeira incumbencia. E pegando no telephone privado: — Allô, Joseph? Mando-lhe a viuva do capitão Koligrand. Ella fica fazendo parte do Serviço — sob o nome de X27 — e receberá ordens de mim.

* * *

Estamos numa festa de Anno Bom, no mais luxuoso cabaret de Vienna. A X-27, completamente transformada pelos adornos e jóias de sua riquissima fantasia, mal se deixa trahir pelos olhos de turqueza, que brilham pela abertura visual da mascara de seda. A brincar com ella, como bons amigos, vemos dois mascarados: um é o coronel Von Hindau, e o outro, a quem iremos mais tarde conhecer pessoalmente, é um "official austriaco", talvez ferido na guerra, pois anda amparado em muletas.

Terminada a festa, Hindau dá o braço á sua dama e conduze-a ao automovel de luxo que os espera. Mas o "tenente austriaco", provavelmente um bom amigo de Hindau e com quem, digamol-o de passagem, a X-27 tivera a "flirtar" durante as danças, ao coronel, que o acompanhará, no auto, até o hotel onde mora.

No fundo da carruagem, já sem mascaras, podem os dois ver agora a belleza da sua estranha desconhecida.

— Logo vi, "madame", que iam roubar-me a mais linda mulher da festa, diz, em gracejo, o "official austriaco" a Hindau.

E o coronel, afagando a mão da X-27:

— Não tenho de que me queixar... Depois, o bocado não é para quem o faz, mas para quem o logra...

Elle desconfiava...

(Conclue nas pags. 48 e 49)

O LEÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER
REAL MAGESTADE DA TELA

O "official austriaco" solta um suspiro. Tira uma carteira de cigarros, põe um entre os lábios e offerece outro ao coronel. E este, guardando a cigarrilha no bolso:

— Amigos, amigos... Mulheres á parte!... A' porta do seu hotel, desapeia-se o "official austriaco".

— O champagne, Fritz... diz Hindau ao seu criado de confiança, ao entrar em casa.

Neste momento, como se tudo trabalhasse por meio de uma machinismo de relogio, sôa a campainha do telephone, e a seguir entra o criado:

— Querem falar-lhe ao telephone, senhor... E' o chefe do Serviço Secreto, e diz que é importante... muito urgente...

Hindau desculpa-se com a dama e corre ao apparelho, noutra sala. A X-27, posta assim á vontade pela astucia do velhote que já conhecemos, começa a revistar, indo de movel em movel, suspendendo objectos dos consolos, quando o sagaz mordomo a interrompe:

— Que procura, senhora?

— Um cigarro... — diz, a titulo de mera explicação. Onde escondem vocês os cigarros?

— E' pena, mas não ha cigarros nesta casa. O meu amo odeia o fumo...

Esta escusa do criado traz á lembrança da espiã aquella scena, no automovel, em que o "official austriaco" offerecia um cigarro a Hindau — e indo aos bolsos do capote do coronel, lá encontra a cigarrilha — uma longa cigarrilha russa — em cuja boquilha de papel descobre alguma coisa: é uma mensagem, naturalmente, e a X-27 guarda-a no seio. De volta do telephone, ao entrar na sala e vêl-a a fumar, intriga-se Hindau.

— Fumas, hein?... Que tal, bom? Dá-me uma baforada... Hum, gostas das cigarrilhas russas? Bem cedo, já me andas a remexer nos bolsos!...

O criado entra com o "champagne". Hindau aproveita um instante em que a pequena faz que não o olha, e procura no cigarro a mensagem occulta. Não está! Ah, maldita mulher!

— Poderiamos passar uma noite deliciosa..., diz-lhe Hindau, se não fosses uma espiã e eu... um traidor.

— Se assim não fôra, talvez nunca nos encontrássemos...

— Confesso-me perdido... Poderia matal-a, aqui, mas para nada... Prefiro entregar-me a uma mulher... Pode chamar os seus homens — eu os espero na bibliotheca, arremata Hindau, e passa a outra sala.

A seguir, ouve-se um tiro. Hindau arrebentara a cabeça com uma bala.

A X-27 dá, pelo telephone, parte do occorrido ao chefe. — Talvez tenha sido a melhor solução para elle. Agora pode ir descobrir o outro. Boa noite...

* * *

O outro é um espião e aviador russo... Já o conhecemos. E' o mysterioso "official austriaco", amigo de Hindau, que apenas usava muletas, na festa, como um dis-

DESHONRADA

(Continuação)

farce. A X-27 vae encontral-o a jogar num club viennense. Ainda no seu papel de "official austriaco", elle nem sequer teve noticia do desapparecimento de Hindau.

— Talvez eu lhe traga sorte, capitão... — diz a dama, acercando-se-lhe.

— Bôa ou má sorte? — pergunta o official, que está perdendo no jogo.

— Bôa sorte, está visto.

O banqueiro da roleta, brada: — Jogo, senhores! E ella, a enigmatica mulher de sorriso vitreo e olhos azues, que encantam: — Quer um palpite? Jogue no 27! E se eu perder, que me dá? — O que bem quizer.

— Tudo no 27! — diz o official. E para ella: — Se eu perder, você me dá um beijo!

Perdeu. Deu um outro numero. — E agora, quando me paga? — Quando quizer, responde ella. Bem, vamos tomar um bacardi, antes de sahir. Emquanto esperam pela bebida, passa uma florista. O official compra um "bouquet" e offerece-lh'o, observando: — Ha quem pense que a morte é uma velha desdentada, horrivel... Para mim, a morte é uma mulher bella assim como você — ornada de flores... — De rosas? — pergunta a X27, aspirando o aroma das que tem nas mãos. — Sim, podem ser rosas...

— Que lhe fez pensar na morte? E elle: — Na morte? Qual! Não pensava em nada! E para o homem do bar: — Traga os dois bacardis! Agora, ella, a olhal-o: — Parece-me que já nos vimos... — Não me diga, quando?!... — Deixe-me ver... Quando foi?... Você não esteve ferido, não usava muletas?...

— Eu? Não! A nós, aviadores, nunca nos ferem... Voamos até morrer... — Ah, e o beijo? — Que beijo? Esqueça-se. Aquillo foi brincadeira minha...

* * *

Estamos na esplendida casa que Mary possue desde que passou a ser a X-27. Sôa o telephone. E' o chefe: — "Este homem é demais esperto para deixar-se apanhar assim por uma mulher. Siga as instrucções recebidas. O seu aeroplano sahirá dentro de duas horas"... Era logo que a ella interessava — a hora da sahida do avião, que, voando por traz das linhas russas, devia deixal-a cahir de um pára-quedas. O motivo dessa arriscada missão era colher informes seguros sobre a proxima offensiva geral do inimigo. Depois de dias, o mesmo aeroplano iria para trazel-a de volta.

Sentada ao piano, executa a X-27 uma sonata, e tanto se enthusiasma com a musica, que não ouve rumores na sala visinha — pois lá entrara um official russo, o mesmo que ha pouco o era do exercito austriaco, e que lê as instrucções que ella deixara na sua capa de aviadora. Depois, approximando-se por detrás da cortina que o separava da pianista: — Vim pelo beijo promettido... A X-27 lê nos olhos do intruso que um beijo não o poderia trazer alli e põe-lhe um revolver sobre o peito: — Renda-se! — Com arma descarregada, diz elle, a rir, ninguem me atemorisa; bôa noite! E saltando pela janella, desapparece na escuridão...

Na cidade russa de Tarnov, a X-27 disfarçada em camponeza, segue o que deseja, copiando os planos militares de um major, a quem seduz. Mas, quando vae fugir para

DESHONRADA

(Conclusão)

O campo, onde deve ir buscal-a o avião austriaco, é surprehendida e levada á presença do commandante do posto, que é elle, o nosso conhecido espião russo.

E' elle que, agora, a vê mais uma vez... — Mulher demonio! Quanto mais me enganas e de mim foges — tanto mais te quero! Mas, não te esqueças, pagarás pela tua affoiteza. Passaremos uma noite de amor — e amanhã serás fuzilada.

— Que puzeste neste vinho?! Duas *gotas de somno*, meu amor...

A X-27 valera-se do remedio extremo, do seu narcotico, e escapava disfarçada para o seu paiz...

• • •

Estala a offensiva russa. De posse dos seus planos, os austriacos destroem-lhes a linha de defesa e massacram os seus regimentos. Os prisioneiros, milhares delles, são interrogados no quartel - general austriaco. Uns dão os nomes. Outros testemunham vozes inarticuladas. — Como se chama, capitão? Silencio. Não responde? Silencio.

Era elle, esse homem, cuja maior raiva era ver-se domado e preso por aquella mulher, a quem elle talvez tivesse amado como um louco e talvez tivesse sido igualmente correspondido.

A X-27 intervem: — Não o mandem fuzilar já. Talvez tenha importantes declarações a fazer. Deixem-me falar com elle a sós. E' muito sagaz, bem o sei, porém conseguirei dominal-o... é o meu officio — dominar os homens...

Mary mal podia esconder nestas palavras o seu amor por aquelle homem, que o destino — o seu destino fatal — lhe puzera no caminho...

• • •

O prisioneiro tinha fugido... Condemnada por traição, vão fuzilal-a. Que importa? Elle salvou-se... Vida por vida, a delle vale mais, para ella... do que a sua.

A X-27 faz um unico pedido: deseja morrer na sua melhor *toilette*, serena, bella, indecifravel, a mulher a quem os homens desejaram amar e ella lhes abriu os braços — para a morte...

No pateo interno do presidio, espera-a o pelotão executor.

— *Preparar... Apontar...* A voz de *fogo* não vem. Os soldados abaixam as carabinas. Estruge, então, em brados de protesto, a voz do tenente: — *Não mando matar uma mulher! Não mando! Chamaes a isto patriotismo? Isto é um assassinio!*

A X-27, impassivel, não se move. Os seus grandes olhos azues, muito calmos, reflectem a sua grande indifferença pela vida.

A um signal do superior, é preso o official rebellado. Outro tenente: — *Preparar!... Apontar!...* Rufam doidamente os tambores... *Fogo!...* Doze tiros a um — baque! — e um sorriso de mulher apaga-se para sempre...

O aposento apagára-se. No pequenino leito côr de rosa, a fórma graciosa e minuscula da criança agitou-se por alguns momentos, procurando a posição mais confortavel, e quedou-se, afinal, na immobilidade lethargica do somno.

A avózinha sorriu, ante aquelle quadro encantador de belleza e candura. Aproximou-se um pouco, a ver si realmente dormia a formosa netitinha, e já não precisava dos seus cuidados. Contemplou com enlevo a loura cabecinha que repousava sobre uma das mãos, gorduchas, mas não ousou beijar-lhe os cabellos annelados, no receio de interromper tão lindos sonhos.

Ia retirar-se sem ruido, quando uma luz muito branca, esgueirando-se pelo quarto sombrio, veiu pousar com desassombro sobre as dobras do lençol e as fôfas almofadas que aconchegavam aquelle corpinho fatigado de correr entre o arvoredo.

A avózinha voltou, a expulsar do aposento quem tão ousadamente lhe beijava a neta. Dirigiu-se á janella que abria sobre o terraço, e tomou dos cordões para fazer descer a cortina de rendas...

Um perfume estranho subia dos jardins enluarados... Ao longe, quasi imperceptivel, ouvia-se um accorde melancolico de violões em surdina, e uma vóz de homem murmurou as palavras de amor de uma canção... Era uma serenata que passava.

Pela cabeça branca da avózinha passou um fremito de mocidade. A musica longinqua, a suavidade do perfume, e, principalmente, a lua, aquella lua nostalgica que lhe sorria, tudo fez despertar de subito a sua velha alma sentimental, que o tempo jamais corrigira... E, resolutamente, a cabeça prateada erguendo-se para o céo, vencida pela noite, e assim, extasiada, desceu ao varandim coberto de trepadeiras.

Quantas emoções lhe accordava aquella branca lua que sempre fôra a sua amiga!... Oh! aquella serenata!... E aquelle perfume de lirios silvestres!...

Fôra numa noite assim — ha quantos annos! — que o seu coração de moça florira para o amor. Tambem a ella fôra feita uma serenata tão linda, tão suave, que os seus labios fremiram de enternecimento ao beijar a rosa branca que jogára ao seu trovador... Fôra o primeiro madrigal da sua mocidade. E a noite, cúmplice dos namorados, taes feitiços lhe fizéra, que nunca mais ella poude esquecêl-a, nem ao olhar meigo da lua que lhe guardára os juvenis segredos...

Fôra tambem numa noite de luar que ella se casára. Oh! como se lembrava daquella noite em que, vestida de branco, orgulhosa dos seus botões de laranjeira, viera, num turbilhão de neve, trocar á luz da lua o seu primeiro beijo de amor... O salão borborinhava nas danças que se succediam... E quando voltou pelo braço do esposo, eram tão maliciosos os olhares que a seguiam, que ella, ingenuamente, murmurou, corando:

— Fomos tomar a benção á lua...

Casára-se. Adorava o esposo; adorava-o tanto...

A LUZ

CIUMES

DEPOIS... como a dôr fosse grande, elle começou a fumar e a conversar tristonho, sobre qualquer assumpto parecido com a sua vida...

Eu ia ouvindo, porque a sua mulherzinha graciosa era a menina feia que eu via chorando ás vezes na porta da igreja, quando as outras meninas, ricas, bem vestidas, riam della, das tranças pequenas, e daquellas botinas antigas, fóra da moda...

Podia haver algum prazer nisto.

— Surgiu um Buddha, grande, de louça, em cima de um movel na sala... Ninguem soube de onde veiu, e eu fico á noite contemplando-o naquella attitude estupida que causa riso á minha mulherzinha...

Tinha as phrases no ar, e o fumo do cigarro, azulado, ia, preguiçosamente, subindo... sobindo sempre...

DA LUA

que, céga, não notou que elle se desprendia della, e que já não tinha para ella a mesma vóz de ternura, o mesmo olhar de enamorado. Nasceu-lhe o primeiro filho. Já então começára a comprehender a indifferença crescente do companheiro. E, para que sua imaginação não pudesse profanar o homem que ella amava como a um deus, entregou-se ao filhinho, dando-lhe o melhor de seus sonhos e de seu coração. A vida, porém, é cruel. E uma noite o filho querido morria-lhe nos braços...

Uma lagrima correu pelas faces enrugadas da velhinha, uma lagrima de dôr, que jamais morreria, — a lagrima que sobe do coração das mães. Mas, corajosa, continuou a relembrar aquella noite de angustias. Reviu o filhinho agonizante em seus braços, emquanto ella, em desespero, chamava pelo esposo. Elle chegava de um baile... Acudiu, agora afflicto, para assistir aos ultimos momentos do filho adorado. E aquella noite, quando a lua branca veiu buscar o corpo do anjinho que lhe voltára, viu, surpreza, os dois esposos enlaçados, chorando a mesma dôr que os unia, e confortando-se mutuamente... A lua, discreta, velára-se... Mas desde então vinha sempre espreital-os, como para lembrar-lhes a renovação das juras que testemunhára.

Outra lagrima — tão doce, essa! — rolára dos olhos da avózinha enternecida... A lua, sua velha amiga, sorriu daquelle pranto. A avózinha chegou-se ao parapeito para sentir de mais perto o aroma evocador da noite enluarada.

Um fonfonar ruidoso despertou-a, porém, dos sonhos que a embalavam. Era a filha, que voltava da festa. Já!... Mas que horas seriam então?... Quanto tempo estivéra ella ali, a contemplar a noite?... Ah! ridicula avózinha, que esquecêra até a propria neta, inebriada pela lua, commovida pela serenata!...

A porta do aposento abriu-se, de subito, e uma voz afflicta, que se esforçava por abafar-se, indagou:

— Que ha, mamãe? Bebé tem alguma coisa?

A avózinha contemplou a radiante silhueta que lhe surgia no desvão da varanda, ricamente vestida, coberta de joias como uma princeza de lenda. E ante o olhar inquieto da filha, — que tanto lhe lembrava o olhar do companheiro inesquecido, — ella respondeu, com vóz tremula:

— Não ha nada, minha filha. Bebé dorme a somno solto!

— Mas... que tem, mamãe?... Está tão pallida!

A velhinha olhou em torno. Aspirou ainda, uma vez o perfume dos lirios silvestres, e pareceu-lhes que a lua cessára de sorrir, ciumenta, receiosa de suas palavras. Teve pudor de revelar o seu segredo... E, amparada pela noite que a envolvêra, resolvida a ser fiel á antiga confidente, foi com o sorriso brejeiro da sua mocidade longinqua, mas que lhe cantava ainda no coração que ella murmurou meneando a cabeça prateada:

— Não tenho nada, filha... São os teus olhos... E' a luz da lua...

TELIZZA

Helio Carlos

Eu, olhando a dôr que o acabrunhava, lembrava-me mais da sua mulherzinha, depois de ser menina feia, uma mulher de olhos grandes, bocca de beijos e corpo de peccados...

Elle, coitado!, com certeza devia acreditar que a mulherzinha amava a um homem mysterioso, que entra em casa quando a gente não está... Tem Lili perfumes raros... e...

Tossiu. Meu amigo Roberto soffria muito... Estava arregalando os olhos, cerrando os punhos...

Era um doente. Vivia sózinho, e o Buddha de louça, aquelle Buddha havia sido o meu presente de anniversario.

Lili era uma mulher alegre que elle fizéra uma noite de esposa! E... agora soffrendo muito, o meu amigo queria contar essa historia, que se parece um pouco com a sua vida...

SECÇÃO CULINARIA

INTERESSANTE RECEITA - BASICA DE BISCOUTOS AMERICANOS

Vou tratar, neste numero, da receita que as jovens americanas aprendem, logo quando se iniciam nos trabalhos de cozinha. Escusado dizer, portanto, que é facil...

Nos Estados Unidos, o producto desta receita chama-se "biscoito". Entretanto, vamos ver que é bem differente do biscouto brasileiro... Em geral, têm o formato dos nossos bolinhos, são seccos, não levam assucar e são servidos — como pão commum — tanto nas refeições como nos lanches e mesas de chá. Os americanos servem esses biscoutos, com manteiga, presunto, geléa, etc.

Para o nosso paladar, creio que o biscouto americano é excellente para servir com chá. Todos nós sabemos as difficuldades em que nos encontramos quando recebemos visitas inesperadas e não temos nenhuma gulodice para offerecer... Com a receita que vou dar, as minhas leitoras ficarão em condições de achar uma bôa sahida para esses momentos difficeis. Um pouquinho de trabalho e, em 15 ou 20 minutos, apresentarão um prato gostoso e original...

"RECEITA" BASICA DE BISCOITOS

2 chicaras de farinha
4 colheres de chá de fermento em pó Royal
1/2 colher de chá de sal
2 colheres de sopa de manteiga
1/2 chicara de leite

Peneirar a farinha, o fermento em pó Royal e o sal e misturar com a manteiga com as pontas dos dedos. Addicionar, devagar, o leite, até conseguir massa macia e estender sobre uma taboa polvilhada, até a altura de 1/2 centimetro e cortar com uma tampa da lata do fermento em pó Royal. Para assar usar uma fôrma rasa untada, conservando em forno quente durante 15 ou 20 minutos.

Aqui está a receita dos biscoutos conhecida nos Estados Unidos como receita-mestre ou basica de biscoutos e creada pelo pessoal culinario da fabrica do fermento em pó Royal.

Essa receita, póde originar uma multidão de variedades gostosas. E' uma receita-basica. Com um pouco de pratica, todas as donas de casa podem conseguir crear biscoutos originaes e baptizal-os a seu gosto.

Eis algumas modificações desta receita:

Biscoutos de queijo

Substituir a manteiga da receita-basica por 8 colheres de sopa de queijo ralado e misturando com a farinha peneirada.

:: O EBRIO ::

POR uma estreita rua, numa noite fria de inverno, um ébrio vinha, andar cambaleante, passadas incertas, apoiando-se aqui e ali nas paredes e nos combustores. Sua physionomia triste e um olhar vago, denunciando que uma lancinante magoa lhe apunhalava a alma, diziam bem da dôr que, dentro, no peito, agazalhava, rasgando-lhe o coração como o abutre dilacerava o figado de Prometheu.

Numa esquina, parou. Sentou-se na ponta da calçada, apoiou os cotovellos sobre as pernas e deixou a cabeça pender, sustentando-a com as mãos espalmadas.

E ali ficou, numa immobilidade de estatua. Momentos depois, passa um vulto, envolto numa capa, que o protegia contra o frio cortante, e lança ao infeliz bebado um olhar desinteressado. Desappareceu numa curva da rua, entrando, lá muito adeante, numa casa de jogo. Tirou o paletó, pendurou-o num cabide e dirigiu-se a uma larga mesa, ao redor da qual muitos cavalheiros, segurando cartas, estavam sentados. Continuou o jogo e apostas avultadas se succederam. Horas depois, no momento em que, aborrecido, o homem cujos passos vimos acompanhando abandonava a larga mesa de panno verde, entra uma mulher, bem vestida, lançando olhares perscrutadores, como que tentando descobrir uma pessôa conhecida entre os jogadores. Desilludida, procura a porta de sahida, quando della se aproxima o cavalheiro, que, simultaneamente abandonando a casa.

— A senhora procura alguem?

— Sim, senhor. Venha cá. Ouça a minha historia e queira ajudar-me. Embora não o conheça, vou confiar-lhe o meu segredo.

Biscoutos de fructas

Em logar de 2 chicaras de farinha de trigo, usar 1 chicara de farinha integral (graham) e 1 de farinha commum. Accrescentar á receita, 2 colheres de sopa de assucar mascavo e 1/2 chicara de fructas seccas, misturando com a farinha peneirada.

Biscoutos Virginia

Accrescentar 1 colher de sopa de assucar aos ingredientes seccos e substituir a manteiga commum por Manteiga de amendoim.

Biscoutos de trigo integral

Usar 1 chicara de farinha integral (graham) e 1 chicara de farinha commum. Accrescentar 1 colher de sopa de assucar mascavo.

Biscoutos de ouro

Seguir a receita-basica, usando apenas 2 colheres de fermento em pó Royal em logar de 4. Accrescentar 1 colher de sopa de assucar aos ingredientes seccos. Misturar um ovo a meia chicara de agua e usar em vez de leite.

Biscoutos [illegible]

Seguir a receita-basica, usando mais 1/4 de chicara de leite para amollecer a massa e dispol-a em rodellas numa fôrma untada.

Biscoutos para o Lunch

1 chicara de assucar (225 grs.)
1 colher de sopa de manteiga (14 grs.)
1 ovo
1 chicara de leite (1/4 de litro)
4 chicaras de farinha (455 grs.)
2 colheres de chá de Pó Royal (6 grs.)

Estende-se e corta-se em rodellas com uma lata vasia de Pó Royal, na grossura de 1/4 de pollegada, mais ou menos. Vae ao forno bem quente.

O bello aspecto dos biscoutos preparados com a receita dada aqui ou «receita-basica» de biscoutos americanos»

De A. Marrocos de Araújo

— Póde falar, que eu guardarei inteira reserva do que me disser.

— Fernando é um homem que se entregou todo a mim. Ama-me ardorosamente. Ha mezes me offertou um anel, com uma rica pedra; este que o senhor está vendo aqui no meu dedo. Por infelicidade minha, hontem o perdi, e elle o viu na mão de um outro homem. Enciumado, correu, como um louco, até minha casa, onde já me encontrou em pranto; descompoz-me, chegou a bater-me e não houve lagrimas que conseguissem fazel-o acreditar na veracidade das minhas palavras. Vim logo a saber que se embriagou e metteu uma navalha no bolso. Sahi allucinada pelas ruas, á procura do homem que encontrára o anel, até que o vi, e, de joelhos, lhe implorei a restituição do objecto que eu perdêra. Elle, num gesto nobre, entregou-me a joia. Ando agora doidamente procurando Fernando e nem noticia tive do seu paradeiro.

— Com que roupa andava elle hoje?

— Com um terno de casemira azul.

— Ha cerca de tres horas, passando por uma esquina, vi um homem, trajando de azul, sentado na calçada, deixando a cabeça pender sobre as mãos.

— Pois vamos até lá, meu amigo! Proteja-me neste transe!

Sahiram. Apressaram a marcha. Ao aproximarem-se da esquina, onde a luz de um combustor se derramava, tudo aclarando, viram um corpo deitado no chão, numa poça de sangue, e, ao lado, uma navalha com a lamina rubra...

Um grito cortou o silencio da noite e um corpo de mulher cahiu, rudemente, sobre a calçada...

O DUELLO DOS CABOCLOS

De A. Marrocos de Araújo

DEZEMBRO. O sol, no sertão cearense, parecia querer comburir, com a sua luz offuscante, a floresta esqueletica e desnuda. Já os vastos campos, outrora cobertos do capinzal viçoso e basto, estavam limpos, varridos pelos ventos fortes que sopram nos sertões.

Bois magros e trambecantes mugiam tristemente, lançando olhares de supplica para a cúpula azul do firmamento, implorando aos céos que se cobrissem de nuvens escuras, donde jorrassem aguas abundantes.

Ainda por muitos dias a limpida saphira, em que branquejavam aqui e ali trapos de nuvens alvissimas, não foi turbada pelos cumulos, promissores de chuva.

Só em janeiro o céo se toldou. As bátegas dos aguaceiros rugidores cahiram, como uma bençam, sobre a natureza até então martyrizada, a receber, por mezes seguidos, ininterruptamente, os beijos quentes do sol tropical.

Os campos atapetaram-se de verde e a floresta vestiu a opulenta roupagem da folharia vicejante.

Na fazenda "Passagem", onde morava abastado criador, faziam-se todos os annos as novenas de S. José. Para ali affluiam todas as moças e rapazes da circumvizinhança, menos com o intuito de venerar o santo do que com a intenção de se olharem apaixonadamente, denunciando as chammas do amor ardente que lhes queimava o coração.

Havia uma moçoila, de corpo esculptural e de elegante porte, filha do velho Josino, dono da casa, a qual sempre tomava para si a incumbencia de preparar os tradicionaes festejos. Arrumava, com uma dedicação nunca vista, o altar, os moveis, antegozando o prazer que lhe proporcionavam as novenas.

E que satisfação experimentava quando via os grupos alacres de moços demandarem a sua casa! Durante o acto religioso, em que officiava um velho sertanejo, resmungando ladainhas e recitando arrastadamente as orações, Luiza, com o espirito longe das rezas, se preoccupava exclusivamente em lançar olhares inflammados aos rapazolas da sua sympathia. Ella, que até bem pouco não tinha preferencias, começou de certo tempo a distinguir o Zacharias, sertanejo robusto, de amplo peito e de musculos ferreos, que, desde pequeno, se vinha exercitando nas carreiras vertiginosas por mattarias densas.

Essa attitude da moçoila sertaneja feriu profundamente o amor proprio de Alfredo, caboclo herculeo, que reclamava para si, exclusivamente, a affeição daquelle coração joven. Findaram as novenas...

Mas o amor, o tyranno inclemente das almas, ardia ainda, crepitando, no recesso daquelles espiritos rusticos...

Luiza, agora, se estregára completamente a Zacharias, mostrando toda a chamma da paixão, que lhe queimava o peito.

Alfredo, cuja alma soffredora vivia ferida pelo aguilhão do ciume, jurou numa festa, em que se dançava num terreiro á luz de um lindo luar, que, ou morria ou daria fim a seu rival. E marcava para o primeiro encontro a aggressão, que pretendia fazer ao usurpador do seu amor.

Zacharias, sertanejo destemido, affeito a luctas, não se amedrontou com a ameaça que, perante muitas pessôas, lhe fôra feita.

Tomou a precaução de não se separar jamais de sua faca e não se afastou uma linha dos seus habitos antigos, cuidando dos mesmos trabalhos e realizando os mesmos passeios...

* * *

Era em fins dagua... A matta- ria estava tomada aqui e ali das flôres silvestres, que derramavam no ambiente um perfume embriagador.

Os campos, verdes e amplos, estendiam-se a perder de vista. Bandos de passaros ariscos, num concerto campestre, soltavam das copas mais altas notas vibrantes, que se casavam com o rumor do vento, açoitando a frondaria...

De gibão e perneiras, empertigado sobre um ágil cavallo, surge na orla de uma varzea, o vulto de Zacharias. Si não fôra algum movimento, que lhe fazia oscillar o tronco, dir-se-ia uma bronzea estatua que se collocára sobre uma alimaria. E lá se vem, balançando o corpo formidavel, ao trote incommodo...

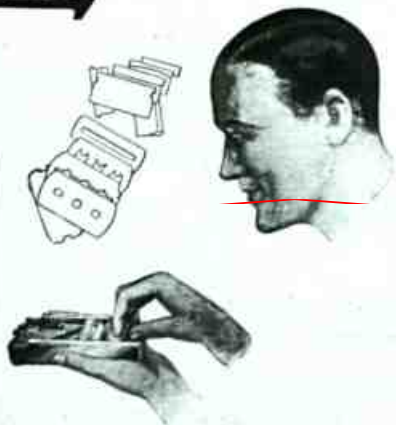
Subito, do lado opposto, surgindo, inesperadamente, do seio da matta, apparece, tambem encourada, a figura robusta e forte de Alfredo, montando um gordo "castanho". Os dois marcham, numa calma incrivel, como si nada lhes houvéra sacudido os nervos. Ao se defrontarem, na distancia de cinco metros, num movimento simultaneo, ambos pulam dos cavallos. Não trocam palavras. Investem, numa arremettida impetuosa, como si fossem dois touros que se medissem naquella varzea silenciosa... Os raios do sol arrancam fortes scintillações das laminas desnudas e um tinir metallico annuncia que a lucta começou.

* * *

No outro dia, percorrendo o seio da matta, andavam alguns vaqueiros á procura dos desapparecidos.

Ao sahirem da caatinga fechada, deparou-se-lhes, no meio da varzea, uma mancha escura, sobre a qual revoavam, grasnando, dezenas de urubús...

Aproximaram-se.

Deitados sobre o solo, negro do sangue que escorrera estavam os cadaveres dos sertanejos e, perto, as laminas homicidas...

SANTA LICINIA

(A MINHA MÃE)

MINHA mãe, que fitaes com os vossos olhos cheios de doçura, os meus olhos somnolentos, eu bemdigo o vosso santo nome.

Eu vos adoro porque sois a bondade humanizada.

Venero o vosso amôr, porque a vós devo a minha vida, á vossa excelsa virtude devo a minha gratidão eterna.

* * *

Tenho deante de mim, fitando-me com immaculada abnegação, a vossa imagem sacrosanta.

Nas horas de tédio, como nos momentos de desespero, alimento a alma com os vossos sabios conselhos.

Sinto-me feliz porque me ensinastes a amar a Deus sobre todas as coisas e respeitar tudo o que foi feito pela mão divina do Creador.

* * *

Não sou rico porque me ensinastes a desprezar o ouro; sou feliz porque me legastes a fortuna do vosso passado honrado, a honra do vosso nome e me encorajaste á luta pela vida.

* * *

Eu sou feliz porque sou vosso filho, sou carne da vossa carne e sangue do vosso sangue.

* * *

Santa Licinia, eu peço que, na hora da minha morte, estejaes á minha cabeceira para que os meus olhos de moribundo reflictam a doçura luminosa dos vossos olhos.

Juro que a vós, unicamente, voto a minha gratidão e a vós, somente, devoto o meu affecto verdadeiro.

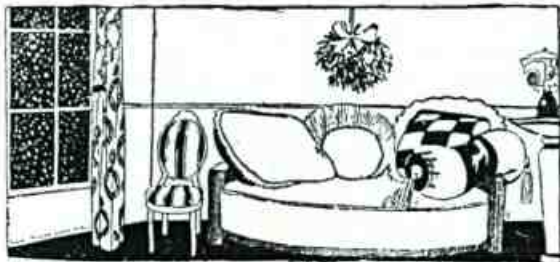
* * *

Na hora da minha morte, não terei á cabeceira os scientistas, porque sou desprovido de fortuna; os amigos fugirão do meu quarto para a volupia das festas mundanas; meus irmãosinhos, longe, muito longe do meu leito de morte, em plagas distantes, não poderão trazer aos meus ultimos momentos de vida o consolo de uma lagrima; somente vós, minha mãe querida, estareis a meu lado, offerecendo a ultima gotta do vosso sacrificio, pela restituição de minha vida, dignificando assim a bondade do vosso coração e a grandeza da vossa alma.

* * *

E depois que o meu corpo baixar á terra fria, alguns annos decorridos, os meus amigos não mais se lembrarão de mim; os meus irmãozinhos perpetuarão a minha memoria numa photographia, e vós, minha mãe, que me guardastes por tão longo tempo na vossa santa memoria, nunca esquecereis de que fui vosso, que vos amei acima das maiores coisas terrenas, que vos quiz muito, que adorei a vossa imagem, que, emfim, fui vosso filho.

* * *

Bemdigo, pois, o vosso nome, mãe, e não deixeis de orar por mim, agora e na hora de minha morte.

Edwaldo Calmon.

O ARGONAUTA VENCIDO

NO salão de jantar, meu companheiro de mesa não fala. No baile, continúa concentrado em seu silencio e, á hora de recolher, ao seu camarote, o faz com um simples "Bôa noite!", forçado, talvez, pelo seu grão de educação. Seus olhos com alguma vivacidade, em momentos de reflexão, amorteciam-se; entretanto, examinava os que o rodeavam com um olhar intelligente e bondoso.

Seu bigode luzidio cahia no rosto enfermo e um pouco macerado. Parecia ter cincoenta e alguns annos.

Aguçaram-me tanto a curiosidade de escriptora suas virtudes e expressões, que, na noite seguinte, ao jantar, resolvi inquiril-o, o que fiz com rara felicidade, pois, ás primeiras perguntas, elle pôz-se a contar sua historia, pausadamente, como a relembrar o passado...

— Ha trinta e cinco annos que estou no Brasil. Sou proprietario de uma grande serraria nas immediações de S. Paulo. E' a primeira vez que regresso a Portugal. Já não encontrarei familia. Talvez sobrinhos, parentes afastados, que me não conhecem, que me deixaram de corresponder e estimar.... Sahi de Portugal aos 15 annos. Julgava, então, que o mundo era meu! Luzia ao longe o ouro fabuloso da America. Meus paes, minhas irmãs, minha noiva, tudo abandonei na minha mocidade, para conquistar fortuna. Sonhava regressar rico, casar-me logo e, acima de tudo, fazer a felicidade dos meus velhos paes...

E, depois de breve pausa:

— Veja, querida madame: regressei após trinta e cinco annos, velho, cansado, vencido pelo meu proprio sonho! Da conquista que tanto almejava, tombei conquistado! Não sei o que vou encontrar em minha aldeia. Mas é quasi certo que muito breve esteja de regresso á minha serraria em S. Paulo...

....

Os argonautas que acompanharam Hercules na expedição do vellocino não souberam regressar. Esse velho argonauta, que faz suas refeições em minha companhia, tambem não regressa, pois que sua viagem é um adeus! Não lhe abre os braços sua terra natal. O logar desappareceu. Com as primeiras cans foram-se as esperanças... e o raiar do sol das manhãs antigas, com seus reflexos dourados de fantasias conquistadoras, de perspectivas distantes e faceis, transformou-se em delicados poentes de fogos vacillantes...

Mas o argonauta vencido leva sua bolsa recheiada! Sua energia vital crystallyzou-se no valioso brilhante que ostenta no dedo rugoso, e que brilha com uma estranha ironia...

....

....

No cabaret de bordo, impertigado em seu smoking, sentiu, de repente, passar-lhe pelos olhos, estonteando-os, o véo promettedor de um sorriso roseo e discreto de mulher. E o pobre argonauta, depois de considerar a promessa, baixou os olhos docemente, até seu copo de agua de Vichy... E, procurando disfarçar aquella alegria momentanea, offerecendo-me respeitosamente o braço, convidou-me baixinho:

— Quer... acompanhar-me num passeio pelo convez, minha bôa amiga?...

Neves de Castro.

PARA VOCÊ — De Lys d'Orléans

NÃO, não quero nenhuma dessas palavras cheias da eloquencia e fulgor com que você costuma mimosear a minha cultura, em seu dizer, o meu talento. Si a minha vaidade, no momento, se exalta da lisonja, logo, sinto uma vontade louca de chorar.

Bem sei que não sou um genio.

O meu estylo é sereno como as almas das que me lêem. Não foi feito para as que se dizem complexas.

E você, verdadeiramente culto e talentoso, apreciando a minha obra tão simples e delicada, unicamente demonstra o esplendor de sua superioridade de espirito, sua magnanima bondade, você, o meu amôr de toda a vida que eu comecei a adorar apenas raiava a primavera da existencia. Mas já vae longe esse tempo. Como tudo mudou, excepto o meu amôr! Você é um grande homem e eu uma escriptorazinha...

Mas eu perdi o seu amôr.

Não negue, não negue, que o sinto bem! "*Vous m'honorez des levres, mais votre coeur est loin de moi*"...

Você que possúe um caracter profundo e a arte das attitudes, você ha de ser sempre aquelle a quem amarei. E, no emtanto, você me enerva... quando me elogia. Admiração sem amôr, de que me vale isso? Tenho ambições maiores. Um momento que me recordasse far-me-ia mais feliz do que obter uma simples cadeira de uma academia. Deixe que os outros me elogiem. Abstenha-se disso. Não me fale nunca de minhas paginas. Ha tanto argumento mais precioso. O luar, as estrellas, as rosas e o verso dos poetas. Não me fale do que escrevo. Comprehendel-o-ia sempre, porque uma emoção contida é um elogio sublime. E nos jogos floraes da vida você obteria o lys de oiro do meu amôr.

Eu quero a eloquencia de seu silencio.

Vamos, meu sonhador, vamos ver o luar! Escute, agora, os sons da lyra de oiro do "Immortal cantor do Immortal Amôr, que se desprende pela amplidão:

Être admiré n'est rien; l'affaire est d'être aimé!...

GILBERTUS (Pernambuco) — Como vê, a resposta que lhe dou vae com um atrazo nada justificavel. Explica-se: é que, por um descuido, a sua missiva foi archivada como tendo sido respondida. Só agora, por acaso, é que a fui encontrar entre as primeiras.

O que o sr. me diz é interessante. Vejamos a sua carta:

"Meu caro Yves. Queira acceitar, antes do mais, e estender a todos os que ahi mourejam, as minhas mais sinceras condolencias pelo desapparecimento dolorosissimo do nosso grande e magnifico Hermes Fontes.

Recebi, meu caro Yves, pelas paginas do "Fon-Fon" de 3 do corrente, a resposta que Vc. me dirigiu a respeito de uma carta que lhe enviei em principios de Dezbro. Ante ella, Yves, eu poderia citar uma porção de proverbios, como, "ninguem é propheta em sua terra", ou, como o antiquissimo Vieira, mais ou menos, "— não ha grandes valles onde não se levantam grandes montes; não ha grandes profundidades de torpezas onde não existem grandes alturas de virtude" —, este ultimo se applicando ao progresso literario da nossa Mauricéa.

Porem não julgo necessario nada disto. Apenas uma phrase é cabivel á sua resposta: — Você tem toda a razão.

Aliás, a corrente, como Vc. cliama, que o admira, pensa como eu, tendo aprehendido *ad literam*, como inda se diz aqui, o sentido da sua resposta.

A outra mostra-se rebelde, como sempre, e indignadissima com o "detractorzinho barato que sabe preparar tão astuciosamente o caminho que vae daqui ás typographias do "Fon-Fon" para um contozinho banal, etc.".

Eis ahi, meu amigo (permitta-me), a declaração de guerra. Elles não me acreditam quando lhes asseguro que não citei nome algum, que não enumerei pseudonymos, etc., etc.

E, na sua argucia super-policial, remexeram, certo sabbado, á hora do *footing*, na rua João Pessôa, suas palavras, sondaram-n'as, amalgamaram-n'as, farejaram-n'as, e, por mais que as mastigassem intellectivamente, não conseguiram digeri-las, cuspindo-as sob o pretexto de que não passavam de uma ironia dirigida a mim, o que aliaz era muito bem feito para que eu não mais me mettesse a adulador, muito embora (e esta sahiu dum typo ancestralissimo *dandy brioá-brac*, a Eça, de cabelleira esgrouvinhada, *plastron*, collete e gravata preta), muito embora, dizia eu, fosse aquillo a unica cousa "bem feita" que Vc. já acertou em toda a sua vida. Ria-se, Yves, ria-se á vontade. Agora é a sua vez, que, por mim, á força de habito, já não me interesso por essas piadas de pastoril matuto. Quando á questão do "Flit", se Vc. me permitte, eu quero suggerir a pomada mercurial como remedio mais barato e mais efficaz contra aquella especie de insectos... E, para não perder o costume e a opportunidade, eu tomo a liberdade de lhe enviar um trecho extrahido dum romance (é muita ousadia, não?) que pretendo terminar, bem como um poema, para que Vc., se não lhe causa transtorno, opine sobre os mesmos.

E queira bem ao coestadano e admirador dos mais sinceros, que lhe aperta as mãos do lado de cá da distancia. — Gilbertos."

Eis as respostas que lhe devo:

1° — Antes de tudo: agradeço, em nome do Fon-Fon, os pezames que nos envia, pela morte do grande poeta de "Apotheoses".

2° — Não quero mal aos meus adversarios gratuitos. E não o quero porque, a esse respeito, estou com Wilde, quando sábiamente observa: "E' horrivel que falem mal de nós. Mas ha peor: é que não falem nada". Logo... Ha um motivo importante para que não me zangue com esses rapazilhos que se divertem em discutir e negar a minha obscura personalidade literaria. Que dizem elles? E quaes os seus argumentos? Que sou cretino, medíocre, nullo? Meu caro, si com descomposturas e insultos conseguissemos destruir o prestigio literario, ou de qualquer outra natureza, acredito que no mundo só ficaria o interessado no caso, isto é, o maldizente. Mas uma andorinha só não faz verão, dizem os amigos de rifões e proverbios, inclusive eu agora que me sirvo desse para demonstrar que um literato só, — isolado na face do planeta — não faria literatura. De modo que esta classe é composta de duas categorias distinctas: homens de letras que só sabem construir e homens de letras que só sabem destruir.

Assim, até esses pobres de espirito, D. Quixotes das letras alheias, são necessarios á existencia real de uma literatura. Muitos delles

SAIBAM

TODOS...

Servem de "bobos do rei", de palhaços, de manipanços, cuja unica utilidade palpavel é divertir a platéa com os seus arremêssos e attitudes ridiculas.

Aqui no Rio possuo uma série desses pequenos kágados, ensaiando vôos de condor... Em outras palavras: ha aqui, tambem, alguns caravalheiros maldizentes, que me têm um odio de morte.

Quando alguém indaga delles a razão desse odio, esclarecem, furibundos: "Pois não é que esse tal de Yves teve o desaforo de metter o meu soneto na cêsta?"

3° — "Soror Illusão", como realização literaria, é um trabalho bonito. Mas é exposto sob uma fórma que vae de encontro ao nosso programma de apoio ao clero e de respeito á religião catholica.

Quanto aos seus trabalhos, fôram elles entregues ao secretario que lhes dará o conveniente destino.

DARCY (?) — O sr., meu caro poeta, não é muito intelligente mas tambem não deixa de ser al go intelligente. Quero dizer, o sr. não é intelligente, mas tambem não é uma creatura que não tenha intelligencia. Comprehendeu? Nem eu. O que eu quero dizer é isso mesmo... Ha momentos em que só se é logico, quando se lança mão do methodo confuso... Si digo que o sr. não é intelligente, é porque quero significar que o sr. não é poeta; mas, declarando que é algo intelligente, pretendo demonstrar que, não sendo poeta, pódia ser intelligente. Mais uma vez, embaralho as coisas, de modo a ninguem entender que desejo negar a sua intelligencia e affirmal-a... negativamente, (?) ao mesmo tempo.

De onde se conclúe que, si o sr. não é intelligente, a culpa não é minha, nem é sua: é da natureza. Mas, si fosse intelligente, e concluissémos que o sr. não o era, a culpa não seria da natureza, seria sua... porque daria a idéa de não ser intelligente...

Francamente, acho em tudo isso um embrulho tão grande que não vale a pena desembrulhal-o por tão pouco...

Fica, porém, resolvido o seguinte: si alguém tiver duvidas sobre a sua intelligencia, poderá ler o soneto abaixo, porque logo tudo esclarecerá. Isto é, tornará claro o que tornei obscuro...

Lá vae o soneto:

BEIJA-FLOR

Contemplo-o por vel-o todo dia
De manhãsinha, alegre e prasenteiro,
Adejando ás orvalhadas flores d'um canteiro,
No meu jardim cheio de alegria.

Ligeiro e lindo, muito parecia,
Que foi da noite o sonho primeiro.
Vinha deixar ás rosas, o ligeiro
Beijo do sol nessa manhã que ia...

N'um dia foi e não voltou... Mas quando.
A lamentar me ponho relembrando,
Morria triste o meu jardim de sonho...!

Digo a olhar o tempo passado!
— Talvez o coração desventurado
Aquelle beija-flor fosse o teu sonho.

RINA (?) — As mulheres têm a mania de tornar difficeis as coisas mais faceis deste mundo.

V. ex. me escreve, assim, num tom de victima, quando a unica victima no caso sou eu.

Que recebi em troca de uma delicadeza? Não se recorda?

De resto, si v. ex. me pede o numero de um telephone e não telephona — a culpa não é minha.

V. ex. me fornece uma these que se presta aos mais amplos debates.

De um modo synthetico, direi apenas o seguinte: o nome das coisas não importa; o que importa são as coisas em si. Que me interessa saber, por exemplo, que a tuberculose é peste branca ou tysica? O que é verdade é que ella mata e aterrorisa a toda gente.

Para fugir a essa ordem de idéas sinistras, lembrarei que, em materia de querer bem, só ha dois polos positivos: ou a gente gosta ou não gosta. O modo por que gosta, ou o nome que tem esse gostar — não interessa.

Não ha "comprehensão mutua" nem "fusão de idéas", nem "affinidades de espirito". O que ha é — gostar ou não gostar. Sim, a gente ama ou não ama.

E tanto isso é verdade que, A está ligado a B por fortes laços de affinidade mental, espiritual, literaria ou o que fôr lá. A e B são, logicamente, intellectuaes.

Si amanhã, se incompatibilizam, A immediatamente deixa de reconhecer a affinidade mental ou artistica existente entre ambos; e B, por sua vez, será o primeiro a contrariar tudo aquillo que em A

(Continua na pagina seguinte)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Todos... todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 61
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON-FON — 26-9-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

elle reconhecia como sendo a razão de ser da identificação de espirito que os irmanava.

Pelo que me diz respeito, isso tem acontecido commigo frequentes vezes. Guardo uma série de cartas perfumadas de "amiguinhas espirituaes", que diziam ter commigo estreitos pontos de contacto — intellectual, já se vê — e que, rótas as nossas relações espirituaes, (até pareço espirita!) logo se desfaz a affinidade literaria.

E eu — pobre Yves renegado! — que dantes era um deus para a amiguinha em apreço, passo a ser um cretino, um idiota, um pobre diabo, a quem tudo nega... até mesmo uma parcella de espirito.

Não ha "fusão de idéas", nem "espiritos irmãos", nem "parallelismo espiritual". Essas palavras são puros euphemismos, mascaras transparentes com que se procura velar a realidade das coisas. Quando a gente gosta, é signal de que tudo nos irmana ao sêr adorado. Até para os seus defeitos achamos justificativa, e muitas vezes procuramos imital-os, ou possuil-os, porque inconscientemente (vide Freud) se opera entre nós uma verdadeira "affinidade de espirito" ou que outro nome tenha.

E isso ha de ser sempre assim. Porque tudo na vida está subordinado ás leis da matéria. Querer immaterializar aquillo que está sujeito ao determinismo dessas leis, é querer extrair luz do azeite sem se utilizar de um elemento material.

Foi por isso que Anatole France, certa vez, ao ser interrogado por uma mulher bonita, si queria o espirito della, o melancolico ironista, respondeu: "Mas que posso eu fazer do seu espirito? Onde poderia guardal-o?"

SAIBAM

CARLOS CAJADO (Pernambuco) — Não é possivel, meu conterraneo. Os seus versos são maus.

DJÉNANE (S. Paulo) — Aqui vae a sua missiva cheia de vibração e incoherencia:

"Yves. Eu não devia voltar... Quando a gente volta, sempre encontra mudado alguem ou alguma cousa... Você, é outro agora — não póde mais, receber-me sorrindo, como da primeira vez.

O seu pensamento será apenas este, abrindo esta carta: — "Lá vem aquella Djénane vadia, importuna e sem espirito..."

Mas apezar disso, eu volto, para explicar o que não soube dizer...

Então, voce acha voluntario o sofrimento de quem desejou um amor, nunca poude alcançal-o honestamente, e tentou esquecel-o?

A minha renuncia foi voluntaria? Eu devia, sacrificando todos os sentimentos puros, guardar esse amor? Eu, que desejava-o apenas, para chegar "á sublime finalidade a que se destinam todas as mulheres?

Diga voce, agora, se o que fiz foi digno ou não?

Depois, tentei esquecel-o... Recorri a tanta cousa, escrevi a tanta gente e ninguem me comprehendeu... Emquanto escrevia e esperava, parece-me que quasi não sentia a vida... A esperança e a consolação esperadas não eram o amor... Amor, eu não quero mais. Escrevendo e recebendo respostas, eu esquecia um pouquinho e foi esse esquecimento, o pouco de consolação esperado...

Sei que para voce não é nada, o infortunio de uma mulher que não tem o espirito vadio nem alegre; por isso, peço-lhe um grande per-

— Está bem; creio que a compraremos. O patrão já esteve aqui e gostou. Amanhã voltaremos com a criada, e, si fôr do gosto della, fecharemos o negocio.

TODOS...

dão, pelos aborrecimentos que lhe dei... Este é o ultimo... — *Djénane*.

Respondo a v. ex. segundo o criterio de quem começou a leitura de sua carta — pelo fim.

Escreve v. ex:

"Sei que para você não é nada o infortunio de uma mulher que não tem o espirito vadio, nem alegre..."

Ora, para demonstrar que me commove a desventura alheia, principalmente a da mulher, basta accentuar que o meu proximo romance "Uma garçonne carioca" é um anathema á sociedade moderna, culpada unica dos erros das mulheres que cairam, e a quem ella castiga, severamente, com as maiores humilhações. E, no fim, para redimil-as de tudo, eu as exalto, através a personagem central do livro, com a apotheose sublime da maternidade.

Como vê, sempre encarei a mulher com elevação de espirito. E si, na minha litteratura ephemera de imaginação irreverente e vadia, ella é levada em pilheria, é somente para fazer sentir que as venero e tenho medo dellas. Ajo como certas pessôas supersticiosas que, á noite, ao passarem por uma necropole, assobiam com medo dos fantasmas...

Pergunta v. ex: "Então você acha voluntario o soffrimento de quem desejou um amor, nunca póde alcançal-o honestamente, e tentou esquecel-o?"

Honestamente? Que ha no amor que não seja honesto? E' preciso ter em conta o seguinte: a mulher que ama com o cerebro, que calcula e mede as vantagens, os onus e a intensidade do amor, com a fita metrica do preconceitualismo, póde ser um grande mathematico; uma excellente vendeuse de armarinho; nunca será porém uma verdadeira amorosa.

Não esqueça a sábia lição de Pascal, homem sisudo e profundo: "L'on demande s'il faut aimer. Cela ne se doit pas demander: on le doit sentir. L'on ne délibère point là-dessus, l'on y est porté, et l'on a le plaisir de se tromper quand on consulte".

Convem accrescentar que, si podemos modelar a nossa felicidade, dentro de um grande amor, á feição dos nossos ideaes e sentimentos, é claro que não iremos pedir opinião ou o modelo dessa felicidade, aos puritanos, aos censores, aos burguezes, aos forjadores de preconceitos sociaes.

Mesmo porque, a nossa felicidade não é feita para o goso alheio, e sim para o nosso proprio. O mundo é demasiado exigente e egoista. Mas quando vê que não somos felizes, elle não nos dá a felicidade ambicionada que impediu alcançassemos: ri-se e zomba da nossa desventura.

E a prova é que a leitura preferida nos jornaes, a que mais agrada e diverte, é a desgraça do proximo.

E' evidente que, ao exprimir essas idéas, não viso crear proselytos, nem pretendo fazer insinuações de especie alguma. Cada um de nós, — em amor — é casuista de si mesmo. Mas é assim que comprehendo esse sentimento, que é a fonte perenne de todas as bellezas, venturas e desgraças.

TERENCIO (S. Paulo) — Embora um pouco tarde, venho communicar-lhe que o sr. e o seu amigo foram attendidos.

AMERICO DE OLIVEIRA (Pernambuco) — Sim. Os seus versos serão publicados na primeira opportunidade.

YVES

O director de pelliculas — A senhora affirma que seu filho seria um successo nas fitas faladas. Tem alguma experiencia technica?

A mãe — Isso não tenho, mas o facto é que o assumpto o attrae poderosamente, e por instincto. Quando está no cinema, nada póde impedil-o da leitura, em voz alta, das legendas.

OS TRES ESTUDANTES

(Continuação do numero anterior)

No acto de Holmes correr a cortina, percebi por uma certa rigidez e intensidade na sua attitude que estava á espera de qualquer uma contingencia.

Effectivamente, a cortina desvendou tres ou quatro ternos de roupa, pendurados em cabides, alinhados. Holmes voltou as costas, e de subito, debruçou-se a olhar para o chão.

— Olé! Que é isto? exclamou.

Era uma pyramidezinha de um ingrediente qualquer, negro, pegajoso, tal qual a outra encontrada sobre a mesa do escriptorio. Holmes ergueu-a na palma da mão á altura do foco electrico.

— O seu visitante, pelo geito que lhes vejo, deixou vestigios quer no seu quarto de cama, quer no seu gabinete, meu caro amigo.

— Que viria elle aqui fazer?

— Quer-me parecer que é sufficientemente claro. O senhor regressou sem ser esperado e elle, portanto, não teve disso o minimo aviso até que o senhor assomou á porta. Que havia de fazer? Recolheu tudo que o podia denunciar, e enfiou pelo seu quarto de cama para se esconder.

— Valha-nos Deus, senhor Holmes, vem pois a dizer com isso que, emquanto estive eu falando com o Bannister, neste mesmo quarto, teriamos deitado a mão ao sujeito se acaso o tivessemos sabido?

— E' assim que o interpreto.

— Haverá outra alternativa, com certeza, senhor Holmes. Não sei se terá observado a janella do meu quarto?

— Com vidros rotulados, enquadrados em chumbo, tres postigos divididos, um delles girando nos lemes com bastante largura para admittir um homem.

— Exactamente. E com vista para um angulo do pateo, de modo que é visivel, em parte. O individuo póde ter entrado por ali, deixando vestigios ao atravessar pelo quarto e em conclusão, encontrado a porta aberta, haver fugido.

Holmes abanou a cabeça, impaciente.

— Sejamos praticos, exclamou. Se bem me lembro, ouvi-lhe dizer que ha tres estudantes que fazem serventia por esta escada e costumam passar pela sua porta?

— Ha, com effeito.

— E acham-se todos elles inscriptos para exame?

— Sim, senhor.

— Tem qualquer motivo para desconfiar de algum delles, em particular?

Hesitou Soames.

— A pergunta é melindrosa, disse elle. Não é grato lançar suspeitas não existindo provas.

— Ouçamos as taes suspeitas. As provas, ficam por minha conta.

— Expôr-lhe-ei, em breves palavras, o caracter dos tres individuos que residem nesses quartos. O do andar inferior é o Gillchrist, bom estudante e athleta; joga na turma de Rugby e na turma de cricket do collegio, e alcançou o premio no salto de barreiras e no salto á competencia. E' um pedaço de um mocetão, de aspecto masculo. O pae foi o tão celebre Sir Jabez Gillchrist, que deu em droga, por causa do Turf. O meu alumno ficou pauperrimo, mas trabalha muito e é industrioso. Ha de fazer carreira.

No segundo andar habita o Daulat Ras, indio. E' rapaz socegado, imprescrutavel, conforme se dá com a maioria destes indios. Vae bem nos estudos, comquanto o grego seja o seu ponto fraco. E' assiduo e methodico.

O andar de cima pertence ao Miles Mac Laren. E' um individuo brilhante quando lhe dá para trabalhar — uma das intelligencias da Universidade, mas estouvado, esbanjador, e falto de principios. Esteve vae não vae a ser expulso, por motivo de um escandalo de jogo logo no primeiro anno. Tem se farto de mandriar, toda a época escolar, e deve estar contemplando com terror o dia do exame.

— E' delle então que desconfia?

— Não me atrevo a ir tão longe. Mas dos tres é o que apresenta menos improbabilidade.

— Justamente. E agora, senhor Soames, não me daria de vêr o seu criado, o tal Bannister.

Era um individuo baixo, macilento, de cara rapada, cabello grisalho, e orçando pelos cincoenta annos. Estava ainda soffrendo as consequencias daquella perturbação na tranquillidade e rotina do seu viver. O nervoso fazia arrepanhar-se-lhe ainda a cara balofa, e não podia estar quieto com os dedos.

— Andamos em investigações acerca deste tristissimo caso, Bannister, declarou o amo.

— Sim, meu senhor.

— Não será muito extraordinario ter procedido assim no proprio dia, em que ali estavam os taes papeis?

— Foi uma desgraça, foi, meu senhor. Mas já não é a primeira vez que isso me acontece.

— Que horas eram quando entrou no gabinete?

— Seriam para ahi quatro e meia. E' a hora em que o senhor Soames toma o seu chá.

— Quanto tempo se demorou?

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

— Assim que vi que lá não estava sahi logo.

— E buliu nos papeis que estavam em cima da mesa?

— Ora essa, meu senhor; já se vê que não!

— E por que é que deixou a chave na porta?

— Ia carregado com a bandeja. Lembrou-me que podia voltar a buscar a chave. Depois... esqueceu-me.

— A porta exterior tem mola automatica?

— Não, senhor.

— Visto isso, ficaria aberta todo esse tempo.

— Sim, senhor.

— Quem quer que estivesse lá dentro podia sahir?

— Sim, senhor.

— Quando o senhor Scames voltou e o chamou, vocemecê ficou muito sobresaltado?

— Sim, senhor. Nunca me aconteceu uma cousa assim em tantos annos que aqui estou. Quasi que perdi os sentidos, meu senhor.

— Assim me consta. Onde estava quando principiou a sentir-se incommodado?

— Onde estava, meu senhor? Eu lhe digo, estava aqui, ao pé da porta.

— E' esquisito, pois que se assentou naquella cadeira, além, ao canto. Por que passou por alto as outras que aqui estão?

— Não lhe sei dizer, meu senhor. Eu sabia lá onde é que me sentava!

— Eu, na realidade, não creio que elle soubesse grande cousa a respeito do caso, senhor Holmes. Estava com o semblante tão transtornado. Dir-se-ia um espectro.

— Demorou-se aqui, depois do seu amo haver sahido?

— Um ou dois minutos, ou coisa assim. Depois dei volta á chave e voltei para o meu quarto.

— E de quem desconfia?

— Ah! lá isso eu me não atrevo a dizer. Não acredito que, entre os cavalheiros que frequentam a Universidade, houvesse um unico que fosse capaz de se aproveitar de semelhante acção. Não, meu senhor, não acredito.

— Obrigado; é bastante, declarou Holmes. Ah! ainda uma palavra. O senhor não falaria com qualquer dos tres cavalheiros a quem serve, a respeito do caso?

— Não, senhor; não disse cousa nenhuma.

— Não falou com nenhum delles?

— Não, senhor.

— Muito bem. E agora, senhor Soames, vamos dar uma volta pelo pateo, se fôr da sua vontade.

Por entre as trevas que se iam cerrando fulgiam tres quadros amarellos, luminosos.

— Os seus tres passaros acham-se todos nos ninhos, disse Holmes a olhar para cima. Olé! Que é aquillo? Um delles não parece estar muito socegado!

Era o indio, cujo vulto escuro appareceu de subito no transparente. Andava a passear para cá e para lá, muito depressa, pelo quarto.

— Não se me daria de lançar a minha olhadela a cada um delles, disse Holmes. Será possivel?

— Não ha a minima difficuldade, respondeu Soames. Esta fila de quartos é a mais antiga de todas no collegio, e não é caso raro serem percorridos por visitantes. Venham dahi, eu proprio os guiarei.

— E nada de nomes, por quem é, observou Holmes, no acto de batermos á porta do Gillchrist.

Veiu abril-a um mocetão, esbelto, de cabello côr de estopa, e recebeu-nos cordealmente assim que percebeu o nosso intuito. Havia por ali, com effeito, varios trechos de architectura domestica, interiormente.

Holmes tão embevecido ficou com um delles, que insistiu em desenhal-o, na carteira de apontamentos, partindo o lapis e tendo de pedir outro emprestado ao nosso hospede, e finalmente, um canivete para aparar o seu. Succedeu o mesmo curioso precalço nos aposentos do indio, — um homenzinho taciturno, de nariz de gancho, que olhava para nós de revés, e ficou mais satisfeito, claramente, mal viu o fim aos estudos architectonicos de Holmes.

Não achei que em qualquer dos casos Holmes viesse a encontrar o indicio de que andava em procura. Apenas ao chegarmos ao terceiro veiu a abortar a nossa visita. A porta exterior não se abriu quando batemos, e por detraz della, o que de mais substancial nos veiu ferir os ouvidos foi uma corrente de inconvenientissima linguagem.

"Quero lá saber quem é! Vão para as profundas do inferno! bramiu a iracunda voz. O exame é para amanhã, e não admitto que, seja quem fôr, me venha incommodar!"

— Um malcreadão! disse o nosso guia, rubro de colera, ao retirar-se escada abaixo. Elle, já se vê, não percebeu que era eu que batia, mas não obstante, o seu procedimento foi o suprasummo da grosseria e, diga-se a verdade, um tanto suspeito, dadas as circumstancias.

A replica de Holmes foi curiosa.

— Poderá me informar da estatura delle, á justa? perguntou

(Continúa na pagina seguinte)

— Na realidade, senhor Holmes, não posso aventurar-me a dizer-lh'o. E' mais alto que o indio, mas não tanto como Gillchrist. Seis pés e seis polegadas, e não lhe andará longe.

— Circumstancia importante, volveu Holmes. E agora, senhor Soames, estimarei que tenha muito bôa noite.

O pasmo e a decepção arrancaram um grito estridente ao nosso guia.

— Santo Deus, senhor Holmes, não me diga que me vae deixar, assim, por aqui, de modo tão absurdo! O senhor, ao que parece, não avalia a minha situação. O exame effectua-se amanhã, e eu esta noite tenho que lançar mão de um alvitre decisivo. Não posso consentir em que se realize semelhante exame tendo havido burla com respeito a um dos pontos. Cumpre encarar de face a situação.

— E' deixal-a estar conforme está. Amanhã cêdo conto dar cá uma chegada e conversaremos a respeito do caso. E' possivel que então me encontre em condições de lhe indicar qualquer plano de acção. Até lá, nada de alterações, — coisa nenhuma, ouviu?

— Muito bem, sr. Holmes.

— E socegue o seu espirito a semelhante respeito. Acredite que não deixaremos de encontrar um meio qualquer de o tirar de apuros. Cá levo commigo a tal bolinha e as lascas do lapis. Passe muito bem.

Quando nos achamos ás escuras no pateo tornamos a olhar para as janellas. O indio lá andava ás pernadas, pelo quarto. Os outros eram invisiveis.

— E dahi, Watson, você que diz a isto? perguntou Holmes, quando alcançamos a rua principal. — O proprio joguinho de sala — uma sortesinha com tres cartas, pois não é verdade? Temos os nossos tres homens. Deve ser um delles. Vá lá, escolha. — Qual delles prefere?

— O sujeito malcreado do ultimo andar. De todos os tres é quem apresenta peores indicios. E com tudo isso, o tal indio não deixa de ser um sonso. Por que andará elle naquelle fadario, ás pernadas pelo quarto?

— Circumstancia sem importancia. Quantos não ha que fazem o mesmo quando estão tratando de decorar qualquer coisa?

— Olhou para nós de modo esquisito.

— Outro tanto lhe aconteceria, meu amigo, se visse entrar por ali dentro uma leva de caras estranhas, no acto de se estar preparando para o exame do dia immediato, e a contar os minutos. Não, não vejo nisso a minima importancia. Lapis, canivetes — tudo satisfatorio. O que me *dá que fazer* é aquelle individuo.

— Quem?

— Quem havia de ser, o Bannister, o criado. Que lucrará elle na marosca?

— Produziu-me a impressão de ser homem de bem.

— E a mim egualmente. E' isso que me deixa perplexo. Que motivo levaria um perfeito homem de bem — e dahi... ali está um estabelecimento em ponto grande. Principiemos por aqui as nossas investigações.

Havia apenas quatro lojas de alguma importancia na cidade, e em cada uma dellas Holmes apresentou as suas lascas de madeira do lapis, pedindo com instancia um duplicado.

Todos foram concordes em que se podia encommendar mas que não era um lapis de tamanho ordinario, e que raras vezes os tinham no seu sortimento. O meu amigo não deu mostras de se descoroçoar com o insuccesso, e encolheu os hombros entre aborrecido e resignado.

— Gorou, meu caro Watson. E lá se foi por agua abaixo o melhor e mais terminante indicio. Mas, não tem duvida, e estou crente de que poderemos restabelecer sufficientemente o caso, prescindindo delle. Per Jove! meu rico amigo, são quasi nove horas, e a patrôa papagueou o que quer que fosse a respeito de ervilhas, ás sete e trinta. E você, Watson, com esse seu eterno tabaco, e a sua irregularidade nas horas de comida, está aqui a apanhar mandado de despejo, e o peor é ter eu de participar da sua queda, — mas não, já se vê, emquanto não tivermos resolvido o problema do nervoso professor, do criado desleixado, e dos tres estudantes emprehendedores.

Holmes não tornou a alludir ao caso, em todo o dia, comquanto permanecesse para ali, sentado e a matutar por muito tempo depois do nosso tardio jantar. A's oito da manhã appareceu-me no quarto, estava eu a acabar de vestir-me.

— Está prompto, Watson? disse. São horas de irmos por ahi fóra até São Lucas. Você é homem que possa passar sem almoço?

— Está claro que sim.

— O Soames está em braza, na expectativa de que lhe possamos dizer alguma coisa de positivo.

— E tem qualquer cousa de positivo para lhe dizer?

— Creio que sim.

— Chegou a alguma conclusão?

— Cheguei, meu caro Watson; deslindei o mysterio.

— Mas onde foi desencantar novas provas?

— Ha! ha! Não foi por gosto que eu saltei da cama á hora insolita das seis. Aguentei-me com tres horas de trabalho assiduo e palmilhei umas cinco milhas, pelo menos, com qualquer coisa para justificar a canceira. Ponha os olhos nisto!

Ergueu o braço. Na palma da mão estremavam-se tres pyramidezinhas pretas, de barro amassado.

— Ora essa, Holmes! Você hontem desencantou duas, apenas!

— E mais uma esta manhã. E' um optimo argumento o seguinte: donde quer que tivesse vindo o numero 3, ahi será a fonte dos numeros 1 e 2. Que diz a isto, Watson? Venha dahi, vamos acabar com as ansias do nosso amigo Soames.

O desafortunado regente, com effeito, achava-se em estado de lastimosa agitação quando fomos ter com elle aos seus aposentos. Estava por horas, o exame e elle ainda sem uma resolução perplexo entre as hypotheses de tornar publico os factos, e permittir ao delinquente concorrer á tão valiosa pensão escolar. Mal podia ter-se de pé, tal era a agitação mental, e investiu para Holmes, ansioso, de mãos estendidas.

— Ora graças a Deus que me apparece. E eu a temer que houvesse perdido a esperança e desistido. Que hei de fazer? Acha que leve avante o exame?

— Acho: é andar para a frente, pudera não!

— Mas aquelle marotão...?

— Não concorre.

— Conhece-o?

— Creio que sim. Se não convém que o caso venha a publico, temos que arrogar-nos uns certos poderes, e resolver de motu-proprio num conselhosinho de guerra de caracter privado. O senhor, ahi, Soames, se faz favor! Você, aqui, Watson! Eu occupo esta cadeira de braços, no meio. Parece-me que estaremos agora imponentes; o sufficiente para infundir pavor a qualquer consciencia intranquilla. Queira tocar a campainha!

Compareceu o Bannister, e deu um passo para traz, manifestamente aterrado perante o nosso aspecto judicial.

— Queira fechar a porta, disse Holmes. E agora, Bannister, queira declarar-nos a verdade acerca daquelle incidente que hontem se deu.

O homem poz-se branco até á raiz dos cabellos.

— Disse quanto sabia, meu senhor.

— E nada tem a accrescentar?

— Nada absolutamente, meu senhor.

— Muito bem, visto isso dirigir-lhe-ei algumas perguntas. O senhor, hontem, quando se sentou naquella cadeira, fel-o no intuito de esconder qualquer objecto podendo denunciar quem é que tinha estado no gabinete?

O semblante de Bannister estava cadaverico.

— Não, senhor, com toda a certeza.

— E' apenas uma suggestão, declarou Holmes, com suavidade. Admitto, com franqueza, que me não acho habilitado a proval-o, mas afigura-se-me bastante provavel que, quando o senhor Soames voltou as costas, você soltou o individuo que estava escondido no gabinete.

Bannister lambeu os resequidos beiços.

— Não estava lá ninguem, meu senhor.

— Na verdade, é pena, Bannister. Até agora, é possivel que tenha falado verdade, agora, comtudo, sei que mentiu.

A physionomia do sujeito assumiu expressão desconfiada.

— Não estava lá ninguem, meu senhor.

— Ora vamos, Bannister, vamos!...

— Não, senhor; não estava lá ninguem.

— Visto isso, não nos poderá dar mais informações? Se me fizesse o obsequio de não se retirar? Queira postar-se ali, junto da porta do quarto de cama. E agora, Soames, pedir-lhe-ei que tenha a summa bondade de ir lá em cima ao quarto do joven Gillchrist, e rogar-lhe que compareça cá em baixo, ao seu gabinete.

Dali a instantes voltou o regente, trazendo comsigo o estudante. Era uma bella estampa de homem; alto, esbelto e agil, com umas passadas elasticas e uma physionomia aberta, agradavel. Os torvos olhos azues assestaram-se em cada um de nós, e finalmente, fitaram-se com expressão de ansiedade e susto na pessôa de Bannister, arredado, ao canto.

— Queira fechar a porta, recommendou Holmes. E agora, senhor Gillchrist, estamos aqui, a sós, todos tres, ninguem virá jamais a saber uma palavra daquillo que se vae passar entre nós. Podemos, pois, usar de mutua franqueza. Senhor Gillchrist, desejamos saber, como é que o senhor, homem que se présa, veiu a perpetrar um acto como aquelle que hontem praticou?

O desditoso rapaz titubeou recuando, e lançou ao Bannister uns olhos exprimindo horror e reprovação.

— Não fui eu, senhor Gillchrist, acredite! Eu não disse uma palavra, — uma palavra, siquer! bradou o criado.

— Não, mas disse-a agora, affirmou Holmes. E agora, já terá percebido que, em vista das palavras de Bannister, é desesperada a sua situação, e que a unica salvação consiste numa confissão franca.

Gillchrist, por instantes, de mão erguida, tentou reprimir o tremor das feições do rosto.

Acto-continuo, cahiu de joelhos junto da mesa, e escondendo o rosto nas mãos, irrompeu num frouxo de soluços, apaixonados.

— Ora vamos, vamos, interveiu Holmes, com bondade. E' condão da humanidade o errar, e ao menos ninguem o poderá increpar de criminoso empedernido. Ser-lhe-á, talvez, menos penoso, eu declarar ao sr. Soames o que occorreu, e o sr. poderá emendar-me se acaso me encontrar em erro. Concorda?

"Ora vamos, vamos, não se incommode em responder. Escute, e verá que lhe não faço injustiça.

"Senhor Soames, desde o momento em que me affirmou que ninguem a não ser o Bannister, podia ter dito que as provas se achavam no seu gabinete, o caso principiou a assumir fórma definitiva no meu espirito. O typographo, já se vê, podia ser posto de banda. Tinha occasião de ver os pontos na propria officina. Não me preoccupei tambem com o indio.

"Estando enroladas as provas, como é que elle sabia o que conteriam?

"Por outro lado, affigurava-se-me ser uma coincidencia inadmissivel o facto de um qualquer individuo se atrever a entrar num quarto, e nesse mesmo dia, por acaso, os papeis se encontrarem em cima da mesa. Pul-a de quarentena. O individuo que entrou ali sabia que estavam lá os papeis. E como é que o sabia?

Quando me aproximei do seu gabinete, puz-me a examinar a janella. Muito me divertiu o senhor com aquella sua supposição de que eu estaria examinando a possibilidade de haver alguem que, ás horas do dia, e debaixo das vistas de todos aquelles quartos fronteiros, enfiasse por ella a dentro. Era o proprio absurdo semelhante idéa. O que eu estava era a medir a estatura que poderia ter um individuo para ver, ao passar, a qualidade dos papeis que estavam em cima da mesa central. Aqui estou eu que tenho seis pés de altura, e só o pude conseguir com esforço. Ninguem com menos altura o podia ter realizado. Já v., pois, que eu tinha razão para suppôr que, se algum dos seus tres estudantes era homem de estatura descommunal, de todos tres era elle a quem convinha trazer vigiado.

"Da mesa do centro, não pude tirar conclusão alguma, até que o senhor, dando-me os signaes de Gillchrist, mencionou que era um saltador de primeira força. Aclararam-se, instantaneamente, as circumstancias do caso, e precisava apenas de certas provas corroborativas, que não tardei em alcançar.

"O que succedeu foi o seguinte: Este moço tinha empregado a sua tarde nos terrenos em exercicios

(Conclue na pagina seguinte)

athleticos, onde estivera a fazer exercicio de salto. Voltou trazendo comsigo os sapatos de saltar, cuja sola apresenta, inferiormente, uns espigões bicudos. Elle, ao passar rente com a sua janella, mercê da muita altura, viu as provas em cima da sua mesa, e conjecturou o que seriam. Não resultaria dahi mal algum, se elle, ao passar rente da porta, não tem dado pela presença da chave que o seu creado ali deixára por descuido. Veiu-lhe a má idéa por subito impulso, entrar lá dentro e verificar se effectivamente seriam ou não as provas. Não era perigoso esse acto, visto que depois podia allegar haver entrado apenas com sentido de lhe fazer qualquer pergunta.

"Em summa, quando viu que effectivamente eram as provas, foi então que cedeu á tentação. Poz os sapatos em cima da mesa. Que foi que poz em cima da cadeira, ao pé da janella?

— Luvas, declarou o moço.

Holmes olhou para Bannister, radiante.

"Poz as luvas em cima da mesa, pegou nas provas, folha por folha, e copiou-as. Suppôz que o regente entraria pela porta principal, e que o veria entrar. Este, conforme sabemos, voltou pela porta lateral. De subito, eis que o sente acercar-se desta. Não havia meio de escapar. Esqueceu-se das luvas, mas pegou nos sapatos e enfiou pelo quarto de cama. Poderão observar que o raspão no tampo da mesa é tenue de uma banda, mas que é mais fundo no sentido do quarto de cama. E isso, só por si, é bastante para demonstrar que os sapatos foram puxados naquella direcção, e que o delinquente se havia refugiado ali. A terra agglomerada no espigão da sola ficou em cima da mesa e um segundo especimen soltou-se e cahiu no quarto da cama. Accrescentarei que me transferi ao terreno dos exercicios athleticos, esta manhã, e vi que aquelle barro negro, tão tenaz, é empregado na carreira do salto, e trouxe commigo uma amostra, e juntamente um pouco de serradura, que lhe espalham por cima afim de evitar que escorregue o athleta.

"Eu disse, ou não, a verdade, senhor Gillchrist?"

O estudante, estava hirto.

— E' a pura verdade, senhor, confessou.

— Valha-nos Deus! E nada mais tem a accrescentar? bradou Soames.

— Tenho, sim senhor, mas o abalo desta desgraçadissima situação desnorteou-me de todo. Tenho aqui uma carta, senhor Soames, que eu hoje lhe escrevi, de madrugada, depois de uma noite agitadissima. E' anterior a eu estar sciente de que me havia denunciado o meu delicto. Verificará o haver eu declarado. "Resolvi não concorrer ao exame. Offerecem-me um logar na policia Rhodesiana, e parto quanto antes para a Africa Meridional."

— Alegra-me sobremodo ouvir que não tencionava aproveitar-se da sua tão illicita vantagem, disse Soames. Mas porque é que mudou de proposito?

Gillchrist apontou para Bannister.

— Ali tem o homem que me pôz no bom caminho, declarou.

— Venha cá, Bannister, disse Holmes. Depois das palavras que acabou de ouvir, não deixará de concordar que o senhor, e mais ninguem, póde ter dado escapula a este moço, visto que ficou lá dentro e que deve ter, fechado a porta á chave, quando sahiu. Com respeito á circumstancia delle se safar pela janella, era inacreditavel. Não poderá esclarecer o ultimo ponto deste mysterio, e declarar-nos o motivo daquelle seu acto?

— Achal-o-ia muitissimo simples, meu senhor, se acaso o soubesse; mas com toda a sua finura era impossivel sabel-o. Eu, em tempos, fui mordomo de sir Jabez Gillchrist, pae deste juvenil cavalheiro. Quando elle se viu em más circumstancias, vim servir para o collegio, mas nunca pude me esquecer do meu antigo amo, lá por lhe ter desandado a roda. Nunca perdi de vista o filho, por me lembrar de outros tempos. E vae dahi, meu senhor, eu, hontem, quando entrei naquelle gabinete, e como já soubesse do caso, a primeira coisa que vi foram as luvas de camurça do senhor Gillchrist em cima da cadeira. Conhecia-as como os meus dedos, e percebi o perigo. Se o senhor Soames as visse, dava logo pela marosca. Preguei commigo em cima da cadeira, e não houve forças humanas que me tirassem dali, até que o senhor Soames o foi procurar. Eis senão quando, sahe do esconderijo o filho do meu antigo amo, coitadinho! que tantas vezes me pulou em cima dos joelhos, e confessa-me tudo. Pois não é natural, meu senhor, eu querer-lhe acudir, e não será natural, tambem, eu ter-lhe falado tal qual lhe falaria o pae, que Deus haja, e dar-lhe a entender que não devia aproveitar-se de semelhante acto? Poder-m'o-á levar a mal, meu senhor?

— Não, com certeza, respondeu Holmes, com intimativa, pondo-se em pé, de um pulo. Muito bem, Soames, e creio que tiramos a limpo o seu problemazinho, e o almoço está lá em casa á nossa espera. Venha dahi, Watson! E quanto ao senhor, confio que o espera um futuro auspicioso, lá na Rhodesia. Desta vez, a quéda foi um tanto funda. Vamos ver, no futuro, a altura a que conseguirá se levantar.

No proximo numero, do mesmo autor:

O ritual dos Musgraves

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

SUPERETTE

o mais possante de todos os apparelhos de radio pequenos construidos até hoje

O Superette RCA Victor

A famosa reproducção do circuito RCA Victor Super-Heterodyno de 8 Radiotrons... igual a dos outros apparelhos de radio de preços mais elevados... agora num movel primoroso de pequenas dimensões... regulador de nuances tonaes... pelo modico preço de

2.000$000

Os engenheiros da RCA Victor acabam de condensar um apparelho de radio possante de 8 Radiotrons num movel pequeno e pratico que se adaptará magnificamente em qualquer lugar. O SUPERETTE RCA Victor póde ser facilmente levado de um lado a outro e funcciona electricamente. Este formidável instrumento custa tão pouco que qualquer pessoa poderá adquiril-o.

O SUPERETTE representa algo mais que um simples instrumento com Radiotrons de placa blindada... é um instrumento Super Heterodyno... a ultima palavra em matéria de radio.

No SUPERETTE se acham incorporados os mesmos resultados alcançados pela Victor durante os seus 30 annos de experiencia em reproduzir as vozes immortaes de Caruso, Galli-Curci, Schipa e do outros eminentes cantores.

Um instrumento Super-Heterodyno semelhante ao SUPERETTE teria custado, a um anno atraz, duas vezes mais do que o seu preço actual.

Faça-nos uma visita hoje mesmo afim de ouvir este magnifico instrumento. Examine cuidadosamente o seu movel primoroso em estylo inglez antigo. Deleite-se ouvindo a sua reproducção nitida, clara e natural. Teremos muito prazer do demonstrar-lhe este novo e maravilhoso apparelho de radio sem compromisso algum de sua parte.

Possue o Seu Apparelho de Radio Actual Estas

10

CARACTERISTICAS IMPORTANTES?

1. Circuito Super-Heterodyno de 8 valvulas
2. Regulador de Nuances Tonaes
3. Regulador de Volume sem Distorção
4. Famoso Tom RCA Victor
5. Assombrosa Sensibilidade RCA Victor
6. Ultra-Selectividade
7. Novos Radiotrons de "Super Control"
8. Movel acusticamente Exacto
9. Novo Alto-Falante Electro-Dynamico
10. Amplificação systema "Push-Pull"

Unicos Distribuidores:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua do Ouvidor, 98 — Rio — S. Bento, 35 — S. Paulo